

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILICIAS.

POR

UM BRASILEIRO.

TOMO I.



PELOTAS.

TYP. DO COMMERCIO DE JOAQUIM F. NUNES,

RUA DA IGREJA N. 62.

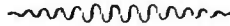
1862.



MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILÍCIAS.



CAPITULO I.

ORIGEM, NASCIMENTO E BAPTISADO.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formão as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo— *O canto dos meirinhos* —; e bem lhe assentava o nome porque era ali o logar de encontro favorito de todos os individuos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração.) Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses erão gente temível e temida, respeitavel e respeitada; formavão um dos extremos da formidavel cadêa judiciaria que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um clemento de vida: o extremo opposto crão os desembargadores. Ora, os extremos se tocão, e estes, tocando-se, fechavão o circulo dentro do qual se passavão os terriveis combates



das citações, provarás, razões principaes e finaes, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o *processo*.

Dahi sua influencia moral.

Mas tinham ainda outra influencia, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influencia que derivavão de suas condições phisicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaesquer outros; nada tem de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartorio ou continuo de repartição. Os meirinhos desse bello tempo não, não se confundião com ninguém; erão originaes, erão typos: nos seus semblantes transluzia um certo ar de magestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavão chicana. Trajavão sizuda casaca preta, calção e meias da mesma côr, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocratico espadim, e na ilharga direita penduravão um circulo branco, cuja significação ignoramos, e coroa-vão tudo isto por um grave chapéo armado. Colocado sob a importancia vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrivel quando, ao voltar uma esquina ou ao sahir de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquellas solemnes figuras que, desdobrando junto d'elle uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remedio em taes circumstancias senão deixar escapar dos labios o terrivel! — *Dou-me por citado*. — Ninguém sabê que significação fatalissima e cruel tinham estas poucas palavras! erão uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; querião dizer que se começava uma longa e afadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caiva da



Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem numero de pentos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoráveis Charontes, estavam á porta de mão estendida, e ninguem passava sem que lhes tivesse deixado, não um obolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a ultima parcella de sua paciencia.

Mas voltemos á esquina. Quem passasse por ali em qualquer dia util dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro e que se denominavão — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era licito conversar: na vida dos fidalgos, nas noticias do Reino e nas astucias policiaes de Vidigal. Entre os termos que formavão essa equação meirinhã pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavão assim a uma rotunda e gordissima personagem de cabellos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que vivião nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrazava o negocio das partes; não o procuravão; e por isso jámais sahia da esqura; passava alli os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengalla, que depois dos cincoenta era a sua infallivel companhia. Do habito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a medica quantia de 320 réis, lhe viera o appellido que juntavão ao seu nome.

Sua historia tem pouca cousa de notavel. Fôra Leonardo algibebe em Lisbôa, sua pátria; aborrecêra-se porém do ne-

gocio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por protecção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com elle no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rochonehuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sahir do Tejo, estando a Maria encostada á borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto della, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadella no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquillo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe tambem em ar de disfarce um trômeno beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levárão o resto do dia de namorô cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma scena de pisadella e beliscão, com a differença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dous amantes tão extremosos e familiares, que parecião sê-lo de muitos annos.

Quando sahirão em terra começou a Maria a sentir certos enojos: fórão os dous morar juntos; e dahi a um mez manifestárão-se claramente os effeitos da pisadella e do beliscão: sete mezes depois teve a Maria um filho, formidavel menino de quasi tres palmos de comprido, gordo e vermelho, cabelludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem fallamos é o herôe desta historia.

Chegou o dia de baptisar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas duvidas: o Leonardo queria que fosse o Sr. Juiz: porém teve de ceder a instancias da Maria e da comadre, que querião que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adoptado. Já se sabe que houve nesse dia funcão; os convidados do dono da casa, que erão todos d' além-mar, cantavão ao desafio, segundos seus costumes; os convidados da comadre, que erão todos da terra, dansavão o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do officio. A principio o Leonardo quiz que a festa tivesse ares aristocraticos, e propôz que se dansasse o minuete da cõrte. Foi aceita a idéa, ainda que houvesse difficuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antithese da sua; um collega do Leonardo, miudinho pequenino, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca; e o afilhadinho, deitado no collo da Maria, acompachava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recommençar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimonia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquelle tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, dicidiu-se a romper a parte lyrica do divertimento. Sentou-se n' um tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um bello effeito comico vê-lo, em trajes do officio, de casaca, calção e espadim, acompanhando com

um monotonozumzum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha patria. Foi nas saudades da terra natal que elle achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom Portuguez, que o era elle. A modinha era assim.

Quando estava em minha terra,
A acompanhado, ou sozinho,
Cantava de noite e de dia,
Ao pé d' um copo de vinho.

Foi executada com attemção e applaudida com enthusiasmo; sómente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, que obsequiava^u pae, como obsequiára o padrinho marcando-lhe o compasso a guichos e esperneios. A Maria avermelharão-se-lhe os olhos e suspirou.

O canot do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus ás ceremonias. Tudo dahi em diante foi borborinho que depressa passou a gritaria e ainda mais depressa a algazarra e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando vião-se passar atravez das rotulas da porta e janellas nmas certas figuras que denunciavão que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde a madrinha foi a ultima que sahiu, deitando a benção ao afilhado e pondo-lhe no cinto um raminho de arruda.

CAPÍTULO II.

PRIMEIRAS INFORTUNIAS.

Passemos por alto sobre os annos que decorrerão desde o nascimento e baptisado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de sete annos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquillo que annunciára desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta; era colérico; tinha ogerisa particular á madrinha, a quem não podia encarar, e era estranho até não poder mais.

Logo que pôde andar e fallar tornou-se um flagello; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha á mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéo armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o immediatamente, espánavo com elle todos os moveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com elle a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquillo lhe havia custar aos ouvidos, e talvez ás costas, arrancava-lhe das mãos a victima infeliz.

Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém elle não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras recommençavam mal acabava a dôr das palmadas.

Assim chegou aos 7 annos.

A final de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se sériamente de tudo que tinha feito por ella e com ella. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais ceremonias, havia elle desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraído. Havia alguns mezes atraz tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e enfiava olhares curiosos atravez das rotulas: uma occasião, recolhendo-se, parecêra-lhe que o vira encostado á janella. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo collega seu o procurasse em casa, para tratar de negocios do officio, sempre em horas desencontradas; porém isto também passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por tres ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa e isto causou-lhe sérios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta a dentro; alguem que estava na sala abriu precipitadamente a janella, saltou por ella para a rua e desapareceu.

A' vista d' isto nada havia a duvidar; o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cego de ciúme. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia em baixo do braço, e endireitou para a Maria com os punhos cerrados.

— Grandecissima !...

E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou.... e poz-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dous passos e poz-se em guarda, pois também não era das que se receiava com qualquer cousa.

Tira-te lá, ó Leonardo !

— Não chames mais pelo meu nome, não chames..... que tranco-te essa boca a sôcos.....

— Safe-se d'ahi ! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos comigo a bordo ?

Isto exasperou o Leonardo; a lembrança do amor augmentou-lhe a dôr da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordarão em sôcos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inútil de resistencia desatou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai... ai...acuda, Sr. compadre... Sr. compadre !...

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguez, e não podia larga-lo. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as conchas. Encolheu-se a choramingar em um canto.

O menino assistira a toda esta scena com imperturbavel sangue frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, este occupava-se tranquillamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer dellas uma grande collecção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma cousa mais do que seu ciúme, reparou então na obra meritória em que se occupava o pequeno. Enfurece-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia

volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em cheio sobre os gluteos atirando-o sentado a quatro braças de distancia.

— Es filho de uma pisadella e de uma beliscão; mereces que um pontape te acabe a casta.

O menino supportou tudo com coragem de martyr, apenas abriu ligeiramente a bocca quando foi levantado pelas orelhas: mal cahiu ergueu-se, embarafustou pela porta fóra, e em tres pulos estava dentro da loja do padrinho e atrancando-se-lhe ás pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguez a bacia de barbear que lhe tirara dos queixos: com o choque que soffreu a bacia inclinou-se, e o freguez recebeu um baptismo de agua de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má !...

— Senhor, balbuciou esto... a culpa é deste endiabrado...

O que é que tens, menino ?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão tremula n' essa direcção.

O compadre olhou tambem, applicou a attenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham ! resmungou; ja sei o que ha de ser..... eu bem dizia.... ora ahi ! está !....

E desculpendo-se com o freguez sahiu da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que elle suspeitára alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitára a verdade.

Espiar a vida alheia, inquerir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquelle tempo cousa tão commum e enraizada nos costumes, qui ainda hoje, depois de tan-

tos annos, restão grandes vestígios desse bello habito. Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do officio, o Compadre presenciára os passeios do sargento por perto da rotula de Leonardo, as visitas extemporaneas do collega deste, e finalmente os intentos do capitão do navio. Por isso contava elle mais dia menos dia com o que acabava de succeder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rotula que o menino ao sahir deixára cerrada, e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil.

— O' compadre, disse, você perdeu o juizo ?...

— Não foi o juizo, disse o Leonardo em tom dramatico, foi a honra !...

A Maria, vendo-se protegida pela 'presença do compadre, cobrou animo, e altanando-se disse em tom de zombaria:

— Honra !... honra |de meirinho... oral

O volcão de despeito que as lagrimas da Maria tinham apagado um pouco, borbotou de novo com este insulto, que não offendia só um homem, porém uma classe inteira ! Injurias e murros á mistura cahirão de novo sobre a Maria das mãos e da bocca de Leonardo. O compadre, que se interpuzera, levou alguns por descuido; afastou-se pois a distancia conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador:

— Honra de meirinho é como fidelidade de saloia.

Emfim serenou a tormenta: a Maria sentou-se a um canto a chorar e a maldizer a hora em que nascêra, e dia em que pela primeira vez vira o Leonardo, a pisadella, o beliscão

com que tinha começado o namoro a bordo, e tudo mais que a dôr dos murros lhe trazia á cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação; avermelharão-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, metteu as mãos nos bolsos do calção, inchou as bochechas, e poz-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as folhas dispersas dos autos que o menino despedaçára, enterrou atravessado na cabeça o chapéu armado, agarrou na bengala, e sahiu batendo com a retula e exclamando:

— Vá-se tudo com os diabos !...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não ha de ficar assim... pôr-me as mãos !... ora... vou com isto á justiça...

— Comadre.....

— Nada, não attendo, compadre..... vou com isto á justiça, e apesar de ser elle um meirinhoço muito velhaco, ha de se haver comigo.

— E' melhor não se metter nisto, comadre..... sempre são negocios com a justiça.... o compadre é seu official, e ella ha de punir pelos seus.

As ameaças de Maria não passavão de bravatas que lhe arrancava o despeito, e portanto com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituida a paz em casa. Houve então larga conferencia entre os dous, no fim da qual o compadre sahiu dizendo:

— Elle ha de voltar..... aquillo é genio.... ha de passar e se não..... o dito está dito; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ella suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquella occasião, e por isso na conferencia que referimos tratára de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho. Esse desarranjo ella figurára e o compadre acreditára que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, e que a Maria tinha razão quando fallára ironicamente em honra de Meirinho.

Toda esta scena que acabamos de descrever passou-se de manhã. A' tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, afflicto e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aereo que o pontapé de seu pai lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador:

— O passado passado; vamos... ella está arrependida... doudices de rapariga.... mas não ha de' fazer outra....

O Leonardo não respondeu; poz-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para traz e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que elle estimára as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronuncia-las si elle não o precedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acabe-se tudo ! Colta-da !... ella ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo!...

Chegando á porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que elle queria erão algumas supplicas do compadre, que podessem ser ouvidas pela Maria; afim de faze-la acreditar que se elle

voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo:

Entre, homem..... basta de crianças..... o passado passado.

Entrarão. A sala estava vazia; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto n' uma das mãos, conservando sempre o chapéo armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre comico e melancolico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado; venha cá....

Ninguém respondeu.

— Ha de estar ahi a chorar mettida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta mui grande; em pouco percorreu-a toda, e ficou tomado do más cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou portanto á sala entre consternado e espantado

O Leonardo, suppondo que elle tinha achado a Maria, e que sem duvida a trazia pela mão contricta e humilhada, quiz fazer-se de bom: ergueu-se, metteu as mãos nos bolsos, e poz-se de costas para o lugar donde vinha o compadre.

— O' compadre, disse este aproximando-se.....

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se..... o dito por não dito..... mudei de resolução !

— Olhe, homem....

— Nada, nada... está tudo acabado.....

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem... escute... olhe que a comadre...

— Não quero saber della... está tudo acabado; e já disse...

— Foi-se embora... . homem... . foi-se embora, gritou o compadre impacientado.

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo tremulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado..... adeus compadre !

— Mas olhe que o pequeno... atalhou este. O Leonardo nada respondeu, e sahio precipitadamente.

O compadre comprehendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer:— está bom, já agora. ... vá; ficaremos com uma carga ás costas.

Ao outro dia sabia-se por toda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão do navio que partira na vespera de noite.

— Ah ! disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber a noticia, forão saudades da terra!...



CAPITULO II.

DESPEDIDA ÀS TRAVESSURAS.

O Leonardo abandonara de uma vez para sempre a casa fatal onde tinha soffrido tamanha infelicidade; nem mesmo passara mais por aquellas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde por a vista em cima.

O pequeno, emquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com toda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fóra. Apesar disto porem captou do padrinho maior affeição, que se foi augmentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas proprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para elle em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar á visinhança tudo o que elle dizia e fazia; ás vezes erão verdadeiras acções de menino mal-criado, que elle achava cheio de espirito e de viveza; outras vezes erão ditos que denotavão já muita velhacaria para aquella idade, e que elle julgava os mais ingenuos do mundo.

Era isto natural em um homem de uma vida como a sua; ti-

nha já 50 e tantos annos, nunca tinha tido afeições; passára sempre só e isolado; era verdadeiro partidario do mais decidido celibato. Assim á primeira afeição que fôra levado a contrahir, sua alma expandiu-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao gráu de rematada cegueira. Este, aproveitando-se da immuniidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha á cabeça.

Umaz vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos freguezes quando estes se estavam barbeando. Uns enfurecião-se, outros rião sem querer; do que resultava que sahiao muitas vezes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descredito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguez levava por muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciencia enquanto este a procurava; elle ria-se furtiva e malignamente. Não parava em casa cousa alguma por muito tempo inteira; fazia andar tudo n' uma poeira; pelos quintaes atirava pedras aos telhados dos vizinhos; sentado á porta da rua, entendia com quem passava e com quem estava pelas janellas, de maneira que ninguem por alli gostava delle. O padrinho porem não se dava disto, e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Gastava ás vezes as noites em fazer castellos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meios que o levassem a esse fim. Eis aqui pouco mais ou menos o fio dos seus raciocinios. Pelo officio do pai... (pensando elle) ganhase, é verdade, dinheiro quando se tem *geito*, porém sempre se ha de dizer: — ora, é um meirinho !... Nada... por este lado não... Pelo meu officio... verdade é que eu arranjei-me (ha

neste *arranjei-me* uma historia que havemos de contar), porem não o quero fazer escravo dos quatro vinténs dos freguezes... Seria talvez bom manda-lo ao estudo..... porem para que diabo serve o estudo? Verdade é que elle parece ter boa memoria, e eu podia mais para diante manda-lo a Coimbra... Sim, é verdade... eu tenho aquellas patacas; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... mas tambem que diabo se fará elle em Coimbra? licenciado não: é máo officio; letrado? era bom... sim, letrado..... mas não; não, tenho zanga a quem me lida com papéis e demandas... Clerigo?... um senhor Clerigo é muito bom... é uma coisa muito séria.. ganha-se muito... póde vir um dia a ser cura. Está dito, ha de ser clerigo.... ora, se ha de ser: hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver pregar na Sé, e então hei de mostrar a toda essa gentilha aqui da visinhança que não gosta d'elle que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Elle está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 annos ha de me entrar para a escola.

Tendo ruminado por muito tempo esta idéa, um dia de manhã chamou o pequeno e disse-lhe:

— Menino, venha cá, você está ficando um homem (tinha elle 9 annos.); é preciso que aprenda alguma cousa para vir um dia a ser gente; de segunda feira em diante (estava em quarta-feira) começarei a ensinar-lhe o b-a, ba. Farte-se de travessuras por este resto da semana.

O menino ouviu este discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu:

— Então eu não hei de hir mais ao quintal; nem hei de brincar na porta?

— Aos domingos, quando voltarmos da missa....

— Ora, eu não gosto da missa

O padrinho não gostou da resposta; não era bom annuncio para quem se destinava a ser padre; mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino tomou bem sentido nestas palavras do padrinho: « Farte-se de travessuras por este resto da semana. » e acreditou que aquillo era uma licença ampla para fazer tudo quanto de bom e de máo lhe lembrassem durante o tempo que ainda lhe restava de folga. Levou pois todo o dia em uma desenvoltura assustadora; o padrinho foi acahar-o por duas ou tres vezes a cavallo em cima do muro que dividia o quintal da casa do vizinho, em grande risco de precipitar-se.

Ao anoitecer, estando sentado á porta da loja, viu ao longe no principio da rua um acompanhamento allumiado pela luz de lanternas e tochas; e ouviu padres a rezarem; estremeceu de alegria e poz-se em pé de um salto. Era a Via-Sacra do bom-Jesus.

Ha hem pouco tempo que existião ainda em certas ruas desta cidade cruces negras pregadas pelas paredes de espaço em espaço.

As quartas-feiras e em outros dias da semana sahia do Bom-Jesus e de outras igrejas uma especie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo com grande quantidade; os padres rezavão e o povo acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavão-se todos e or-a

vão durante muito tempo. Este acto, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e occasião a quanta sorte de zombaria e immoralidade lembrava aos rapazes daquelle época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamão contra o desrespeito dos moços de agora. Caminhavão elles em charrola atraz da procissão, interrompendo a cantoria com ditte-rios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavão longos fios de barbante, em cuja extremidade ião penduradas grossas bolas de cera. Se ia por ali ao seu alcance algum infeliz, a quem os annos tivessem despido a cabeça dos cabellos, collocavão-se em distancia conveniente, e escondidos por traz de um ou de outro, arremessavão o projectil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavão rapidamente o barbante, e ninguém podia saber d' onde tinha partido o golpe. Estas e outras scenas excitavão vozeria e gargalhadas na multidão, .

Era a isto que naquelles *devotos* tempos se chamava correr a Via-Sacra.

O menino, como já dissemos, estremeceâ de prazer ao ver aproximar-se a procissão. Desceu sorratamente a soleira, e sem ser visto pelo padrinho collocou-se unido á parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para ver mais a seu gosto.

Vinha approximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; teve elle então um pensamento que o fez estremecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho: «farte-se de travessuras;» espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi con-

correndo com suas gargalhadas e seus gritos para augmentar a vozeria. Era um prazer febril que elle sentia; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou, e só não fez daquillo o que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dous outros meninos do seu tamanho que tambem não no rancho, e quando deu accordo de si estava de volta com a Via-Sacra na Igreja do Bom-Jesus.



CAPITULO IV.

FORTUNA.

Emquanto o compadre, afflicto, procurava por toda a parte o menino, sem que ninguem possa dar-lhe novas d'elle, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas alhadas está agora mettido.

Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova havia, ao pé de um charco, uma casa coberta de palha da mais feia apparencia, cuja frente suja e testada enlameada bem denotavão que dentro o asseio não era muito grande. Compunha-se ella de uma pequena sala e um quarto; toda a mobilia erão dous ou tres assentos de pão, algumas esteiras em um canto, e uma enorme caixa de pão, que tinha muitos empregos; era mesa de jantar, cama, guarda roupa e prateleira. Quasi sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo mysterio. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo modo mais detestavel; era um caboco velho, de cara hedionda e immunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por officio *dar fortuna* !

Naquelle tempo acreditava-se muito nestas cousas, e uma

sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exercião semelhante profissão. Já se vê que inesgotavel mina não achavão nisso os industriosos !

E não era só a gente do povo que dava credito ás *feiticarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então ião ás vezes comprar venturas e felicidades pelo commodo preço da pratica de algumas immoralidades e superstições.

Pois o nosso amigo Leonardo tinha-lhe tambem dado na cabeça tomar fortuna, e tinha isso por causa contrariedades que soffria em uns novos amores que lhe fazião agora andar a cabeça á roda.

Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascêra outro que tambem não foi a esse respeito melhor aquinhoado; mas o homem era romantico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquelle tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o officio rendia, e elle andava sempre apatacado, não lhe fôra difficel conquistar a posse do adorado objecto; porem a fidelidade, a unidade no gozo, que era o que sua alma aspirava, isso não o podera conseguir: a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da saloia. Por toda a parte ha sargentos, collegas e capitães de navio; a rapariga tinha-lhe já feito umas poucas, e acabava tambem por fugir-lhe de casa. Desta vez porem, como não erão saudades da patria a causa desta fugida, o Leonardo decidira haver de novo e por todos os meios a posse de sua amada. Encontrou-a com pouco trabalho, e empregando o pranto, as supplicas; as ameaças, porém tudo

em balde, decidiu por isso a buscar com meios sobrenaturaes o que os meios humanos lhe não tinham podido dar.

Entregou-se portanto em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do officio. Tinha-se já sujeitado a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecuniaria, e ainda nada havia conseguido; tinha soffrido fumigações de ervas suffocantes, tragado beberagens de mui enjoativo sabor; sabia de cór milhares de orações mysteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia; hia depositar quasi todas as noites em lugares determinados quantias e objectos com o fim de chamar em auxilio, dizia o caboclo, as suas divindades; e apezar de tudo a cigana resistia ao sortilegio. Decidiu-se finalmente a sujeitar-se á ultima prova, que foi marcada para a meia-noite em ponto na casa que já conhecemos. Á hora aprazada lá se achou o Leonardo; encontrou na porta o nojento nigromante, que não consentiu que elle entrasse do modo em que se achava, e obrigou-o a pôr-se primeiro em habitos de Adão no paraíso, cobriu-o depois com um manto immundo que trazia, e só então lhe franqueou entrada.

A sala estava com um apparato ridiculamente sinistro, que não nos cançaremos em descrever; entre outras cousas. cuja significação só conheciam os iniciados nos mysterios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira.

Começando a cerimonia o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os angulos da casa, e recitar as orações que já sabia e mais algumas que lhe forão ensinadas na occasião, depois foi orar junto da fogueira. Neste momento sahirão do quarto tres novas figuras, que vierão tomar parte na ceremo-

nia, e começarão então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dança sinistra em roda do Leonardo. De repente sentirão bater levemente na porta da parte de fóra, e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— O Vidigal! disserão todos a um tempo, tomados do maior susto.



CAPITULO V,

O VIDIGAL

O som daquella voz que dissera « abra a porta » lançara entre elles, como dissemos, o espanto e o medo. E não foi sem razão; era ella o annuncio de um grande aperto, de que por certo não poderião escapar. Nesse tempo ainda não estava organisada a policia da cidade, ou antes estáva-o de um modo em harmonia com as tendencias e idéas da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o arbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuia a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua immensa alçada não havião testemunhas, nem provas; nem razões, nem processo; elle resumia tudo em si; a sua *justiça* era infallivel; não havia apellação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguem lhe tomava contas. Exercia emfim uma especie de inquirição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessarios ás idéas do tempo, em verdade não abusava elle muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, ás vezes de outros soldados que elle escolhia nos corpos que havião na cidade, armados todos de grossas chibatas, commandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade de noite, e toda a mais policia de dia. Não havia beco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse passado uma façanha do Sr. major para pilhar um maroto ou dar caça a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome incutia grande terror em todos os que não tinham a consciencia muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algazarra de um fado rigoroso, em que a decencia e os ouvidos dos vizinhos não erão muito respeitados, ouvia-se dizer « está ali o Vidigal, » mudavão-se repentinamente as scenas; serenava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto serio. Quando alguns dos *patuscos* daquelle tempo (que não gozava de grande reputação de activo trabalhador) era sorprendido de noite de capote sobre os hombrós e viola a tiraçolo, caminhando em busca de sucia, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente « venha cá; onde vai ? » o unico remedio que tinha era fugir, se podesse, porque com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadeia, ou pelo menos da *casa da guarda na Sé*; quando não vinha o *covado e meio ás costas*, como consequencia necessária.

Foi por isso que os nossos magicos e a sua infeliz victima puzerão-se em debandada mal conhecerão pela voz quem se achava com elles. Quizerão escapar-se pelos fundos da casa porem ella estava toda cercada de granadeiros, em cujas mãos se vião a arma de que acima fallamos. A porta abriu-se sem muita resistencia, e o major Vidigal (porque era com effeito elle) com os seus granadeiros achou-os em flagrante delicto de nigromancia: estava ainda acesa a fogueira, e os mais objectos que servião ao sacrificio.

— Oh ! disse elle, por aqui dá-se fortuna, ..

— Sr. major, pelo amor de Deus...

— Eu tinha desejos de ver como era isso; continuem ... sem cerimonia, vamos.

Os infelizes hesitarão um pouco, porem vendo que resistir seria inutil, começarão de novo as ceremonias, de que os soldados se rião, antevendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha, tanto mais porque o conhecia; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua immunda capa. Ajoelhou-se quasi arrastado outra vez no mesmo lugar; e recommçou a dansa, a que o Major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dansado sufficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente:

-- Continuem.

Depois de muito tempo quizerão parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major

Continuarão por mais meia hora; passado esse tempo, já muito cansados, tentarão dar fim.

— Ainda não; continuem.

Continuarão por tempos esquecidos, já estavam que não podião de estafados; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quasi que se desfazia em suor. Afinal o major deu se por satisfeito, mandou que parassem, e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada:

—Toca, granadeiros.

A esta voz todas as chibatas erguerão-se, e cahirão de riço sobre as costas daquella *honest*a gente, fizerão-na dançar e sem querer por algum tempo.

—Pára, disse o major depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um um sermão, em que se mostrava muito seutido por ter sido obrigado a chegar áquellê excesso, e que terminava sempre por esta pergunta:

—Então você em que se occupa?

Nenhum delles respondia. O major sorria-se e accrescentava com riso sardonico:

--- Está bom !

Chegou a vez do Leonardo.

Pois homem, você um official de justiça, que devia dar, o exemplo...

Sr. major, respondeu elle acabrunhado, é o diabo daquella rapariga que me obriga a tudo isto; já não sei de que meios use.....

•--- Você ha de ficar curado ! Vamos para a casa da guarda.

Com esta ultima decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levára, contanto que ellas ficassem em segredo; mas ir para a casa da guarda, e della talvez para a cadêa ... isso é que elle não podia tolerar. Rogou ao major que o poupasse; o major foi inflexivel. Desfez então a

vergonha em pragas á maldita cigana que tanto o fazia soffrer.

A casa da guarda era no largo da Sè; era uma especie de deposito onde se guardavão os presos que se fazião de noite, para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades ião por ali de manhã e sabião com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Ahi esteve o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto á vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua passou por acaso um collega, e vendo-o entrou para fallar-lhe, isto quer dizer que dahi a pouco toda a illustre corporação dos meirinhos da cidade sabia do occorrido com o Leonardo, e já se preparava para dar-lhe uma solemne pateada quando o negocio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadêa.

Apparentemente os companheiros mostrarão-se sentidos, porém secretamente não deixarão de estimar o contratempo porque o Leonardo era muito afreguezado, e em quanto estava elle preso as partes os procuravão.



CAPITULO VI,

PRIMEIRA NOITE FORA DE CASA.

O compadre, apenas dera por falta do afilhado, viu-se preso da maior afflicção: poz em alarma toda a vizinhança, procurou, indagou, mas ninguem lhe deu novas nem mandados d' elle. Lembrou-se então da Via-Sacra, e imaginou que o pequeno a teria acompanhado; percorreu todas as ruas por onde passára o acompanhamento, perguntando afflicto a quantos encontrava pelo thesouro precioso de suas esperanças; chegou sem encontrar vestigio algum até o Bom-Jesus, onde lhe disserão ter visto tres meninos que, por se portarem endiabradamente na occasião da entrada da Via-Sacra o sacristão os corrêra para fóra da igreja.

Foi este unico signal que pôde colher.

Vagou depois por muito tempo pela rua, e só se recolheu para casa estando já a noite adiantada. Ao chegar á porta de casa abriu-se o postigo de uma rotula contigua, e uma voz de mulher perguntou: Então vizinho, nada?

-- Nada, vizinha, respondeu o compadre com voz desanimada.

— Ora, quando eu lhe digo que aquella criança tem máos bofes.

— Vizinha, isto não são cousas que se digão...

— Digo-lhe e repito-lhe que tem máos bofes..

Deus permitta que não, mas áquillo não tem bom fim...

— Oh ! senhora, replicou o compadre muito irritado, que tem a senhora com a minha vida e mais das cousas que me pertencem ? Metta-se comsigo, cuide nos seus bilros e na sua rênda, e deixe a vida alheia.

Entrou depois para casa murmurando:

— Um dia faço aqui uma estrallada com esta mulher: é sempre isto ! parece um agouro !

Toda a noite levou o pobre homem acordado a pensar nos meios de achar o pequeno : e depois de ter formado mil planos, disse comsigo.

— Em ultimo logar vou ter com o major Vidigal.

Espero que o dia voltasse para proseguir em suas pesquisas. Entretanto vamos satisfazer ao leitor, que hade talvez ter curiosidade de saber onde se metheu o pequeno.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos Ciganos. Gente ociosa e de poucos escrupulos, ganhárão elles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguem que tivesse juizo se mettia com elles em negocio, porque tinha certeza de levar carô-lo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se falla, deixarão-na da outra banda do oceano ; para cá só trouxerão máos habitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pôde dizer alguma cousa a

respeito. Vivião em quasi completa ociosidade ; não tinham noite sem festa. Moravão ordinariamente um pouco arredados das ruas populares, e vivião em plena liberdade. As mulheres trajavão com certo luxo relativo aos seus haveres: usavão muito de rendas e fitas ; davão preferencia a tudo quanto era encarnado, e nenhuma dellas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço; os homens não tinham outra distincção mais do que alguns traços physionomicos particulares que os fazião conhecidos.

Os dous meninos com quem o pequeno fugitivo travára amizade pertencião a uma familia dessa gente que morava no largo do Rocio, logar que tinha por isso até algum tempo o nome de campo dos Ciganos. Tinhão esses meninos, como dissenos, pouco mais ou menos a mesma idade que elle: porém acostumados á vida vagabunda, conhecião toda a cidade, e a percorrião sós, sem que isso causasse cuidado a seus pais; nunca faltavão a acompanhamento de Via-Sacra, nem a outra qualquer cousa desse genero. Encontrando-se nessa noite, como já sabem os leitores, com o nosso futuro clérigo, a elle se associarão e o carregarão para casa de seus pais, onde como de costume havia festa de ciganos, (e este costume ainda hoje se conserva); fazião, dissemos, festa todos os dias, porém motivavão-na sempre. Hoje era um baptisado, amanhã um casamento, agora annos deste, logo annos daquelle; festa deste, festa daquelle santo. Na noite de que tratamos havia um oratorio armado, festejava-se um santo de sua devoção ; não lhe sabemos o nome.

Pelo caminho o menino teve alguns escrúpulos e quiz voltar, porém os outros tal pintura lhe fizerão do que elle já ver se os acompanhasse, que dicidiu-se a segui-los até onde quizessem.

Chegárão enfim á casa, onde já tinha começado a festa.

Ao lado esquerdo da sala estava o oratório illuminado por algumas pequenas velas de cêra, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca. servia-lhe de espaldar uma colcha de chita com folhos. Em roda da sala estavão, collocados assentos de toda a natureza, bancos, cadeiras etc, onde se assentavão os convidados. Não erão estes em pequeno numero, erão ciganos e gente do paiz; trazião *toiliets* de toda a casta, do soffrivel para baixo; mostravão-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entrárão sem que alguem reparasse neles, e forão collocar-se juntos do oratorio.

Dahi pouco começou o fado.

Todos sabem o que é fado, essa dansa tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o effeito.

O fado tem diversas fórmãs, cada qual mais original. Ora, uma só pessoa, homem ou mulher, dansa no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais diffictosos, tomando as mais airozas posições, acompanhando tudo isso com estalos, que dá com os dedos, e vai depois pouco e pouco approximando-se de qualquer que lhe agrada; fa-zlhe diante algumas negaças e viravoltas, e finalmente bate

palmas, o que quer dizer que a escolheu para substituir o seu lugar.

Assim corre a roda toda até que todos tenham dançado.

Outras vezes um homem e uma mulher dançam juntos seguindo com a maior certeza o compasso da musica, ora acompanham-se a passos lentos, ora apressados, depois repellam-se, depois juntam-se; o homem ás vezes busca a mulher com passos ligeiros, enquanto ella, fazendo um pequeno movimento com o corpo e com os braços, recua vagarosamente, outras vezes é ella quem procura o homem, que recua por seu turno até que enfim acompanham-se de novo.

Ha tambem a roda em que dançam muitas pessoas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado ás vezes mais brando e mais breve, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas ha ainda outras fórmulas de que não fallámos. A musica é differente para cada uma, porém sempre tocada em viola. Muitas vezes o tocador canta em certos compassos uma cantiga ás vezes de pensamento verdadeiramente poetico.

Quando o fado começa custa a acabar; termina sempre pela madrugada, quando não leva de enfiada dias e noites seguidas e inteiras.

O menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistiu á festa em quanto pode; depois chegou-lhe o somno, e reunindo-se com os companheiros em um canto, adormecerão todos balmados pela viola e pelo sapateado.

Quando amanheceu acordou sarapantado; chamou um dos companheiros, e pediu que o levasse para casa.

d O padrinho ia sahindo para começar nas pesquisas quando esbarrou com elle.

— Menino dos trezentos... onde te metteste tu?...

— Fui ver um oratorio.... Não diz que eu hei de ser padre? !...

O padrinho olhou-o por muito tempo, e afinal, não podendo resistir ao ar de *ingenuidade* que elle mostrava, desahou a rir, e levou-o para dentro já completamente apaziguado.



CAPITULO VII,

A COMADRE.

Cumpre-nos agora dizer alguma cousa a respeito de uma personagem que representará no correr desta historia um importante papel, e que o leitor apenas conhece, porque nella tocámos de passagem no primeiro capitulo: é a comadre, a parteira que como dissemos, servira de madrinha ao nosso memorando.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda bonanchona, ingenua ao toda até um certo ponto, e finoria até outro; vivia do officio de parteira, que adoptára por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exacta de todas as festas religiosas que aqui se fazião; sabia de cór 'os dias em que se dizia missa em tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual á ladainha, ao terço, á novena, ao septenario; não lhe escapava Via-Sacra, procissão nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuido e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar á igreja e achar já a missa no altar. De madrugada co-

meçava pela missa da Lapa; apenas acabava ia á das 8 na Sé, e dahi sahindo pilhava ainda a das 9 em Santo Antonio. O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esfera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engommado ao pescoço, outro na cabeça, um rosario pendurado no còs da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma classica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias duplices, em vez de lenço à cabeça, o cabello era penteado e seguro por um enorme pente cravejado de chrysolitas.

Este uso da familia era um arremedo do uso hespanhol; porém a mantilha hespanhola, temos ouvido dizer, é uma cousa poetica que reveste as mulheres de um certo mysterio, e que lhes realça a belleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a cousa mais prosaica que se pode imaginar, especialmente quando as que as trazião erão baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa (que erão as mais frequentadas então) tomava um aspecto lugubre logo que a igreja se enchia daquelles vultos negros, que se união uns aos outros, que se inclinavão cochichando a cada momento.

Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as acções dos outros o principal cuidado de quasi todos, era muito necessario ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rotulas para as casas; erão o observatorio da vida alheia. Muito agitada e cheia de accidentes! era a vida que levava

a comadre, de parteira; beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vezes; havia muito tempo que não sabia noticia d'elle, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa:

— E' o que lhe digó: a saloiasinha era da pelle do tinnoso !

— E parecia uma santinha.... e o Leonardo o que lhe fez?

— Ora, desancou-a de murros, e foi o que fez com que ella abalasse mais depressa com o capitão... pois olhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas patacas, e tratava della como de uma senhora !...

— E o filho... que assim mesmo pequeno era um malcriadão...

— O padrinho tomou conta d'elle ; quer-lhe um bem extraordinario... está maluco o coitado do homem, diz que o menino ha] de por força ser padre, se elle é um endiabrado !...

Nesta occasião levantava-se a Deus, e as duas beatas interromperão a conversa para bater nos peitos.

Era uma dellas a visinha do compadre, que prognosticava máo fim ao menino, e com quem elle promettêra fazer uma estralada: a outra era uma das que tinham estado na função do baptismo.

A comadre, apenas ouviu isto, foi procurar o compadre; não se pense por quem a levára a isso outro interesse que não fosse a curiosidade, queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa materia para a conversa na

igreja, e para entreter as parturientes que se confiavam aos seus cuidados. Entrou pela loja do barbeiro, e apenas o avistou foi-lhe dizendo:

— Então, com que a tal comadre pregou-nos o mono? Veja o que são doudices; fazer aquillo ao Leonardo, um homem que não é mal arranjado.... filho do Reino....

— Apertára-lhe as saudades da terra, disse o compadre com sorriso maligno.

Apertada se veja ella entre as unhas do tinhoso! Olhem que joiazinha.... E você, mestre ficou com a carga ás costas....

— Carga, não... eu quero-lhe bem, elle é socegado-nho...

Começou então um interrogatorio minucioso ácerca do que tinha succedido em casa do Leonardo; e os dous, compadre e comadre, desabafarão a seu gosto. Depois o compadre narrou, mesmo sem ser interrogado, todos as gentilezas do afilhado, e contou suas intenções a respeito d'elle. A comadre não concordou com ellas (o que nada agradou ao compadre), não via o menino com geito para padre; achava melhor mettê-lo na Conceição a aprender um officio. O compadre porém persistiu em seus intentos, que tinha muita esperança de ver realizados. A final a comadre retirou-se.

Pelo caminho foi repetindo o que acabára de saber a quanto conhecido encontrou, sem escrupulizar muito em accrescentar mais uma ou outra circumstancia com que carregava as côres do quadro.

Entretanto o compadre applicava-se a trabalhar na rea-

lização de seus intentos, e começou por ensinar o A B C ao menino ; porém, primeira contrariedade, este impacou no F , e nada o fazia passar adiante.

A comadre continuou a apparecer dahi em diante por um motivo que mais tarde se saberá.

Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo.



CAPITULO VIII

O PATEO DÓS BICHOS

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa historia se chamava palacio d' el-rey uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo com elles denominavão o *Pateo dos Bichos*. Este appellido lhe fôra dado em consequencia do fim para que elle então servia: passavão ali todos os dias do anno tres ou quatro officiaes superiores, velhos, incapazes para a guerra e inuteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. Bem poucas vezes havia occasião de serem elles chamados por ordem real para qualquer cousa, e todo o tempo passavão em santo ocio, ora mudos e silenciosos ora conversando sobre cousas do seu tempo, e censurando as do que com razão já não suppunhão seu, porque nenhum delles era menor de 60 annos. A's vezes acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então com a resonancia de suas respirações passando pelos narizes atabacados, entoavão um quarteto, pedaço impagavel, que os officiaes e soldados que estavão de guar-

da, criados e mais pessoas que passavão, vinhão apreciar á porta. Erão os pobres homens muitas vezes victimas de caçoadas que naquelle tempo de poucas preocupações erão o objecto de estudo de muita gente.

A's vezes qualquer que os pilhava dormindo chegava á porta e gritava :

— Sr. tenente coronel, el-rei procura V. S. Qualquer delles acordava espantado, tomava o chapéo armado, punha o talim, acontecendo ás vezes com a pressa ficar o chapéo torto ou a espada do lado direito, e lá corria a ter com el-rei.

— A's vossas ordens, real senhor, dizia ainda bocejando.

— O rei, que percebia o negocio, desatava a rir e o mandava embora.

Quando chegava o pobre homem abaixo, ia cada um dos que por ali se achavão indagar, o mais seriamente que era possivel, qual tinha sido o objecto do chamado d' el-rei.

Fazião-lhes d' estas e d' outras, mas dahia pouco deixavão-se elles enganar de novo.

Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um desses *activos* militares, que entra também na nossa historia.

Era velho como seus companheiros, porém de certo por elle não é que tinha vindo ao quarto o appellido que lhe davão : suas feições quebradas pela idade tinhão ainda certa regularidade de contorno que bem denotava que seu tempo de rapaz não fôra a respeito de belleza mal favorecido ; de seus cabellos que o tempo levára restavão apenas orlando-lhe as temporas e a nuca alguns anneis crespos e prateados ; sua calva era nobre e imponente. Fôra valente ;

ganhára por seus feitos as dragonas de tenente-coronel; era filho de Portugal, e acompanhára el-rei na sua vinda ao Brasil.

Estas qualidades porém não lhe servião de salvaguarda, e soffria como os outros as caçadas dos gaiatos.

Assim um dia que uma mulher de mantilha o foi procurar, e se poz com elle a conversar por algum tempo em particular, passavão uns e outros e escarravão junto da porta, ou deixavão escapar uma ou outra chalaça analoga.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo ! gósto do bom gosto, dizia outro.

A mulher de mantilha é nossa conhecida, porque nem mais nem menos é a comadre ; e o negocio que ahi a levou tambem nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonordo. Ouça portanto o leitor a conversa dos dous.

— Sr. tenente-coronel, disse a comadre ao chegar, venho me valer de V. S. meu compadre Leonardo está na cadêa

— Leonardo ? ! mas então porque ?

— Ora ! maluquices !

E chegando-se ao ouvido do velho, contou-lhe a comadre baixinho a causa da prisão do Leonardo.

O velho desatou a rir.

— Bem pregado !... disse.

— Agora eu queria que V. S. fizesse o favor de fallar por elle ao Sr. major Vidigal, que foi quem o prendeu... coitado do homem ; é uma vergonha; mas tambem elle não se emenda !

E proseguindo, a camadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, toda a his-

toria dos infelizes amores do Leonardo com a Maria, todas as diabruras do menino que ella deixára e de que o padrinho tomára conta: passou depois a relatar todo o occorrido com a cigana, e voltou de novo á historia da prisão, que contou e recontou vinte vezes, sem lhe escapar a mais pequena circumstancia. No fim tornou a fazer o pedido, a que o velho prometteu satisfazer, e então sahiu ella recebendo no saguão muitos cumprimentos e sorrisos maliciosos. Na porta por onde sahiu estava encostado um cadete que lhe disse :

— Estimo que fosse feliz; no dia do baptizado não se esqueça da gente.

— Arrenego! foi a unica resposta que ella deu, e passou.

Como o velho tenente-coronel conhecia a comadre e o Leonardo, e porque se interessava por elle, o leitor saberá mais para diante.

Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo apenas se achou na cadeia lembrou-se da protecção que o velho lhe podia prestar em semelhante aperto; mandou por um collega chamar a comadre, e a encarregou da missão que ella aceitou de bom grado, e que desempenhou, segundo vimos, satisfactoriamente.

O velho, apenas a comadre sahiu, tomou o chapêo armado, poz a espada á cinta e sahiu, depois de ter contado aos companheiros o que succede a quem vai tomar fortuna. Um delles, que era credulo até ao enthusiasmo a respeito de feitiçarias, ficou muito indignado com o caso, e prometteu tambem empenhar-se pelo Leonardo.

Já vê pois o leitor que o negocio não estava mal parado, e em breve saberá o resultado de tudo isto.

CAPITULO VIII

O — ARRANJEI-ME-DO COMPADRE.

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castellos no ar a respeito do afilhado e pensando em dar-lhe o mesmo officio que exercia, isto é, daquelle *arranjei-me*, cuja explicação promettemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua historia reduzia-se a bem pouco. Quando chegára á idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que d'elle cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tão pouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Tambem nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade indagal-o.

Esse homem ensinára-lhe o officio, e por inaudito milagre tambem a ler e a escrever. Emquanto foi aprendiz passou em casa do seu..... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do famulo, por outro com a do filho, por outro com a do aggregado, e que

afinal não era senão vida de engeitado. que o leitor sem duvida já adivinhou que elle o era. A' troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por elle tinha  feito.

Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar soffrivelmente, foi obrigado a manter-se ~~a~~ sua custa e a pagar a morada com os *ganchos* que fazia, porque o producto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se ^aisso. Porém querião ainda mais: exigião que continuasse a empregar-se no serviço domestico. Lavrou-lhe então n' alma um arrepio de dignidade: já era official, e não queria rebaixar o seu officio. Virou mareta; fez-se duro, e safou-se de casa sem escrúpulos nem remorsos; pois bem sabia que estavam saldas as contas de parte a parte. Tinham-no criado; elle tinha servido. Tambem não encontrou grande resistencia á sua deliberação.

Apenas passou o primeiro impeto e teve tempo de reflectir, quasi que começou a arrepender-se por não saber qual o meio de achar arranjo. Viu-so na rua, sem saber para onde ir, tendo por unica fortuna uma bacia de barbear embaixo do braço, um par de navalhas ~~e~~ e outro de lancetas na algibeira. Verdade é que quem tinha comsigo estes ~~trastes~~ estava com as armas e uniformes de officio; porém isso não bastava; o pobre rapaz estava em apertos.

Passou a primeira noite em casa de um collega, e no dia seguinte ao amanhecer, tomando os seus apetrechos, sahiu em busca de que fazer para aquelle dia, e de destino para os mais que se ião seguir.

Achou ambas as cousas; uma trouxe a outra.

No Largo do Paço um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar chamou-o para que lhe fizesse a barba : mãos á obra, que já naquelle dia não morria de fome.

Todo o barbeiro, e principalmente quando tem pouco que fazer ; começou portanto a puxar conversa com o freguez. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e occupava-se no commercio de negros ; era um dos comboys que trazião fornecimento para o Vallongo, e estava prompto a largar.

— O' mestre ! disse o marujo no meio da conversa, você tambem não é sangrador ?

— Sim, eu tambem sangro.....

— Pois olhe, você estava bem bom, se quizesse ir comnosco.. para curar a gente a bordo ; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo *muito*..,

— Pois já não disse que sabe tambem sangrar ?

— Sim.....

— Então já sabe até de mais.

No dia seguinte sahiu o nosso homem pela barra fóra : a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabe-lo aproveitar ; de official de barbeiro dava um salto mortal a *medico* de navio negreiro ; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoecêrão dous marinheiros ; chamou-se o medico ; elle fez tudo que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam

bons, perfeitos. Com isto ganhou immensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegarão com feliz viagem ao seu destino ; tomarão o seu carregamento de gente, e voltarão para o Rio. Graças a lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para augmentar-lhe a solida reputação de entendedor do riscado.

Poucos dias antes de chegar ao Rio o capitão do navio adoeceu ; a principio nem elle nem alguém teve a menor duvida de que ficaria bom logo depois da primeira sangria ; porém repentinamente o negocio complicou-se, e nem com a terceira e quarta se pôde conseguir cousa alguma. No fim do quarto dia convencêrão-se todos e o proprio doente capitão de que estava chegada a sua hora. Nem por isso porém inculparão o nosso homem.

— Ali não ha sangria que o salve, dizem ; chegou a sua vez de dar á costa..... ha de ir.

O capitão teve de fazer suas ultimas disposições, e como dissemos, tendo o *medico* grangeado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenha-las.

O capitão chamou-o á parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de couro e uma caixa de póo peçadas de um bom par de doblas em ouro e prata, pedindo que finalmente as fosse entregar, apenas chegasse á terra, a uma filha sua cuja morada lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o tambem de receber a soldada daquella viagem e lhe dar o mesmo destino. Erão estas suas unicas e ultimas vontades que o encarregava de cumprir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso.

Poucas horas depois expirou.

Desse dia em diante nenhum só doente escapou mais, porque o *medico* já não sangrava tanto; andava preocupado, distraído e assim levou até chegar à terra.

Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem, e que não embarcaria mais.

Quanto ás ordens do capitão..... historias; quem é que lhe havia de vir tomar contas disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os unicos que podião ter desconfiado e fazer alguma *c*ausa erão os marinheiros; porém estes partirão em breve de novo para a Costa.

O compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez.

Eis-aqui como se explica o *orranjei-me*, e como se explicão muitos outros que vão ahi pelo mundo.

CAPITULO X.

EXPLICAÇÕES.

O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciencia um soffrivel par de peccados, desses que se chamão da carne, e que não hão de ser levados em conta, não de hoje, que a idade o tornára inoffensivo, porém do tempo de sua mocidade : o resultado de um delles fôra um filho que deixára em Lisboa, fructo de um derradeiro amor que tivera aos 36 annos. Por castigo em nada havia elle sabido ao pai, e nem os conselhos, nem os cuidados e nem o exemplo deste pudérão encaminha-lo por boa vereda. Aos 20 annos, tendo sentado praça, era um cadete desordeiro, jogador e o mais insubordinado do seu regimento. Bastantes vergonhas custára ao pobre pai, que cuidadoso procurava sempre por todos os meios encobrir-lhe os defeitos e remediar as gentilezas que fazia, já pagando por elle dividas do jogo, já atabafando-lhe as desordens e curando com ouro as brechas que elle fazia na cabeça de seus adversarios. Houve porém uma que as circumstancias e mesmo a natureza do caso não permittirão que tivesse remedio. Poucos dias antes de embarcar para o Brasil em companhia d'el-rei, estando o

infeliz pái em preparativos de viagem, viu entrar-lhe pela porta a dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida, segundo o costume das mulheres da baixa classe do paiz, com uma saia de ganga azul por cima de um vestido de chita, um lenço branco dobrado triangularmente posto sobre a cabeça e preso em baixo do queixo, e uns grossos sapatões nos pés. Parecia presa de grande agitação e de raiva: seus olhos pequenos e azues faiscavão de dentro das orbitas afundadas pela idade, suas faces estavam rubras e reluzentes, seus labios franzinos e franzidos apertavão-se violentamente um contra o outro como prendendo uma torrente de injurias, e tornando mais sensível ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado.

Apenas se achou ella em frente do capitão (era este o posto que tinha nesse tempo o velho) foi-se chegando para elle com ar resolutivo e enfurecido. O capitão recuou instinctivamente um passo.

— Ah! Sr. capitão, disse ella por fim pondo as mãos nas cadeiras, chegando a boca muito perto do rosto delle e abandonando raivosa a cabeça: olhe que isto assim não vai direito; faz-me andar a cabeça á roda... põe-me os miolos a ferver... e eu estouro.. já viu!.

— Mas o que ha então, mulher?... Eu não lhe conheço.....

— Não quero cá saber de nada... Já lhe disse que isto não vai bem... e eu estouro...

— Mas porque?... o que é que tem?... É preciso que você diga...

— Não tenho nada que dizer.....Estouro, já lhe disse, Sr capitão!...

-- Pois estoure com trezentos diabos ! mas ao menos diga pelo que é que estoura.

-- Não tenho nada que dizer...já lhe disse... isto põe a cabeça da gente como uma cebola podre, não tem lugar nenhum ..Ir-me por lá com ares de santarrão comprar frutas....

-- Quem, mulher de Deus ? Você não se explicará ?

-- Qual explicar, nem meio explicar ! Pois então por ser cá a gente uma mulher velha, que já perdeu os ahegos ao mundo, e ella uma pobre rapariga tôla e bisbilhoteira, com vontade de saber de tudo, vir-me cá a mim prégar o mono na bochecha, e a ella em lugar ainda mais melindroso.....

-- Mas quem é que prégar monos a você mais a ella ? e quem é ella ?.

-- Faz-se de novo ! continuou a mulher exasperando-se; pois o Sr. capitão já não tinha consentido no casamento ?.

-- Que casamento ? com quem ?...

-- Ai, ai, ai, que cá me anda á cabeça como uma nóra solta... Pois o Sr. capitão não sabe que tem um filho ?...

-- Sim, sei respondeu esse começando a descobrir o mysterio.

-- E não sabe que elle é um pedaço de um mariola !...

-- A isso o capitão podia, porém não se animou a responder affirmativamente, e perguntou sómente:

-- E que mais ?....

-- E não sabe tambem que eu tenho uma filha que trouxe do Lumiar, a Mariazinha ?

-- Como, se eu nem a conheço ?...

--Pois é uma rapariga muito capaz...e o diabo do tal cadete do seu filho andou por lá a entender com ella muito tempo:

namoro para cá, namoro para lá, presentes daqui, promessas d' acolá... e afinal de contas,.. braz !.. E então que lhe parece ?

O capitão foi ás nuvens.

— Até lhe prometteu casamento, dizendo que o Sr. capitão consentia... Ora eu bem sei que ella tambem teve sua culpa.... mas eu desculpo isso, porque tambem já fui rapariga... e sei que quando começa cá o diabo no corpo, adeus! Mas isto põe a gente tonta, porque... emfim a rapariga podia vir a fazer fortuna.

O capitão tinha comprehendido tudo, e por mais algumas explicações que se seguirão viu-se reduzido ao maior aperto. Desta vez a diabrura do rapaz era irremediavel. A mulher tinha toda a razão; porém casar seu filho com a filha de uma collareija... isso não poderia ser; além de que nada tinha que deixar ao filho, e só com o soldo de cadete não poderia sustentar mulher e casa, restando além disso a duvida se elle estaria ou não pelos autos...

Despediu a velha, não sem lhe prometter que providenciaria sobre o caso.

— Olhe, veja disse ella ao sahir; se o negocio não se arranjar, eu estouro !...

O pobre homem ficou nos apuros; foi ter com a offendida, e procurou, offerecendo-lhe alguma cousa para seu dote, obter que ella se calasse, e que desistesse de suas pretensões; esta quiz a principio recusar, porém a mai aconselhou-a que acettasse, sem duvida com medo de estourar. Deste modo ficou o caso um *pouco* remediado, posto que a consciencia do capitão, que era de homem de honra, não ficára de modo algum

satisfeita. O tempo porém não dava logar a mais; era chegado o momento de acompanhar a el-rei, e elle partiu deixando o filho recommendado a quantos amigos tinha. Decorrêrão os annos, e quando menos esperava soube elle que se achava no Rio de Janeiro em companhia do Leonardo a tal Mariazinha, que então já era a Maria que os leitores bem conhecem. Procurou fazer o que pudesse por ella para satisfazer todos os seus escrúpulos de pai honrado, porém quiz fazê-lo occultamente. Foi ter com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de o avisar apenas sentisse que a Maria soffria qualquer necessidade. Nunca porém teve occasião de exercer a sua boa vontade directamente para com ella. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor em occasião em que este se achava embaraçado por causa de uma irregularidade em uns autos que se lhe attribuia, e que a comadre o aconsolhou de procura-lo mesmo sem o conhecer, a titulo de que era muito bom homem e amigo de servir a todos

Eis-aqui porque o Leonardo se dirigiu no seu segundo apuro ao velho tenente-coronel por intermedio da comadre, e porque este prometeu empenhar-se por elle, o que com effeito tratou de cumprir.

Como dissemos, apenas a comadre sahiu, sahiu, elle tambem, foi tratar de pôr o Leonardo na rua. Dirigiu-se primeiro á cadeia para colher do proprio Leonardo todas as informações, e então pôde ver que as que tinha dado a comadre erão exactissimas, e que ella não deixára escapar a menor circumstancia. O Leonardo repetiu e confessou tudo o que elle já sabia, corrido de embaraço e de vergonha; e ao despedir-se o velho:

--Sr. tenente-coronel, disse-lhe elle, V. S. já me livrou

de uma que não era culpa minha; livre me desta também...
olhe que está compromettida a minha honra...

O Leonardo esquecia-se da theoria da Maria.

--A honra não, respondeu o velho, o que está compromettido é o seu juizo: hão de dizer (e eu sou o primeiro) que você está doudo.

--Fugi de uma saloia e fui cahir n'uma cigana...tem razão!...

O velho sahiu sorrindo-se. D'ahi dirigiu-se á casa de um seu amigo, fidalgo de valimento, para dellê obter a soltura do Leonardo. Morava elle em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada de rotulas de páo com pequenos postigos que se abrião ás furtadellas, sem que ninguém de fóra pudesse ver quem a elles chegava.

A poeira amontoada nos cordões da rotula e as paredes encardidas pelo tempo davão á casa um aspecto triste no exterior, quanto ao exterior, andava pelo mesmo conseguinte. A sala era pequena e baixa; a mobilia que a guarnecia era toda de jacarandá e feita no gosto antigo; todas as peças erão enormes e pesadas; as cadeiras e o canapé, de pés arcados e espaldares altissimos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estofo e a palhinha. Quem quizer ter idéa exacta destes moveis procure no consistorio de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns delles.

As paredes erão ornadas por uma duzia de quadros, ou antes de caixas de vidro que deixavão ver em seu interior paisagens e flôres feitas de conchinhas de todôs as côres, que não erão totalmente feios, porém que não tinham de certo o subido valor que se lhes dava naquelle tempo. A direita da

sala havia sobre uma mesa um enorme oratorio no mesmo gosto da mobilia.

Havia finalmente em um canto uma palma benta, destas que se distribuem no domingo de ramos; e se o leitor agora suppuzer tudo isso coberto por uma densa camada de poeira, terá idéa perfeita do logar em que foi recebido o velho tenente-coronel, que era pouco mais ou menos semelhante em todas as casas ricas de então, e por isso nos demorámos em descrevê-lo.

Sem se fazer esperar muito, appareceu o dono da casa: era um homem já velho e de cara um pouco ingrata; vinha de tã-mancos, sem meias, em mangas de camisa, com um capote de lã de xadrez sobre os hombros, caixa de rapé e lenço encarnado na mão. Em poucos palavras o velho expoz-lhe o caso e lhe pediu que fosse fallar a el-rei em favor de Leonardo.

A principio oppoz elle algumas duvidas, dizendo:

— Homem, pois eu hei de ir a palacio por causa de um meirinho? El-rei ha de rir-se do meu afilhado.

Afinal, porém, teve de ceder a instancias da amizade, e prometeu tudo. O velho sahiu satisfeito e foi levar a nova ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura, e elle foi posto na rua. Acreditára que tinha acabado de passar pelo peor dos supplicios, porém insupportaveis torturas começárão para elle no dia em que sahiu da cadêa: a mófa, o escarneo, o riso dos companheiros seguiu-o por muitos dias, incessante e martyrisador.

CAPITULO XI.

PROGRESSO E ATRAZO

Dadas as explicações do capitulo precedente, voltemos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemos-nos a dar ao leitor uma boa noticia: o menino desempacára do *F*, e já se achava no *P*, onde por uma infelicidade empacou de novo. O padrinho anda contentissimo com este progresso, e vê clarear-se o horizonte de suas esperanças; declarará positivamente que nunca viu menino de melhor memoria do que o afilhado, cada lição que este dá sabida de quatro em quatro dias pelo menos é para elle um triumpho. Ha porém uma cousa que o entristece no meio de tudo: o menino tem para a reza, e em geral para tudo quanto diz respeito á religião, uma aversão decidida; não é capaz de fazer o pelo-signal da esquerda para a direita, fá-lo sempre da direita para a esquerda, e não foi possível ao padrinho, apesar de toda a paciencia e boa vontade, fazê-lo repetir de cór sem errar ao menos a metade do padre-nosso; em vez de dizer «venha a nós o vosso reino» diz sempre «venha a nós o pão nosso.» Ir á missa ao sermão é para elle o maior de todos os supplicios, isto faz que o padrinho desespere ás vezes, e até che-

gue a concordar com a comadre em que o menino não tem geito para clerigo; porém são nuvens passageiras; sempre ha isto ou aquillo que faz renascer todas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra.

O que elle porém esperava não esperavão todos, e ninguem via no menino senão um futuro peralta da primeira grandeza quem mais contava com isso era a vizinha do barbeiro, aquella a quem elle chamava o agouro do pequeno. Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamão de faca e calháo, valentona, presumpçosa, e que se gabava de não ter papas na lingua: era viuva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Serrazina e amiga de contrariar, não perdia occasião de desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afilhado, declarando que não lhe via geito para cousa nenhuma, que não queria para cousa que lhe pertencesse o fim que elle havia ter, e que quando elle crescesse o melhor remedio era dar-lhe com os ossos a bordo de um navio ou pôr-lhe o covado e meio ás costas. O barbeiro desesperava com isso; por muito tempo conseguiu conter-se porém um dia não pôde mais, e disparatou com a sujeita. Chegando por acaso á porta da loja, a vizinha que estava á janella disse-lhe em tom de zombaria:

— Então, vizinho, como vai o seu reverendo?

Um velho, que morava defronte, e que tambem se achava á janella, desatou a rir com a pergunta.

O compadre foi ás nuvens, avermelhou-se-lhe a calva, franziu a testa, porém fez que não tinha ouvido. A vizinha poz-se tambem a rir, percebendo o cavaco, e accrescentou:

— Padre amigo do fado.. tem que ver... Quando vai elle outra vez á casa dos Ciganos?...

O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou:
— Então elle já encarrilha o padre-nosso ?

O compadre exasperou-se completamente; e estudando uma injuria bem grande para responder, disse afinal:

— Já...já... senhora intromettida com a vida alheia... já sabe o padre-nosso, e eu o faço rezar todas as noites um pelo seu defunto marido que está a esta hora dando couces no inferno !...

— Hem ?... o que é que você diz, senhor raspabarbas ? você mette terceiros na conversa ? disse a vizinha encrespando-se; olhe que esse de quem você falla nunca foi sangrador, nem viveu de aparas de cabellos... Não se metta comigo que hei de lhe dizer das ultimas e pôr-lhe os podres na rua... Couces no inferno !!! ora dá-se ? um santo homem... Couces no inferno..... Pois agora saiba, porque eu cá não tenho papas na lingua, que o tal seu afilhado das duzias é um pedaço de um malcriadão muito grande, que ha de deshonnar as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porque elle é de má raça... já ouviu ? não se metta comigo...

— E você, respondeu o compadre enquanto a vizinha tomava folego, porque se mette com o que não é da sua repartição ?

Ella proseguiu:

— Hei de me metter; não é da sua conta, nem venha cá dar regras, que eu não preciso de você...

— Mas o que tem você que entender com uma criança innocente que nunca lhe fez mal ?...

— Tenho muito, porque não me deixa parar os telhados com pedras, faz-me caretas quando me vê na janella, e trata-me como se eu fosse alguma saloia ou mulher de barbeiro. ... Digo-lhe e repito-lhe... aquillo tem máos bofes, e não ha de ter bom fim...

— Está bom, senhora, respondeu o compadre que tinha bom genio, e que só fôra levado áquelle excesso pelo amor do afilhado; basta de resingas, olhe a vizinhança.

— Ora tomára a vizinhança ver-se livre do tal diabo.....

O menino chegou nessa occasião á porta, e pondo-se na ponta dos pés, esticando o pescoço, e abanando-o como a vizinha e imitando-lhe a voz, repetiu:

— Ver-se livre do tal diabo...

O compadre achou tanta graça, que deu-se por vingado, e desatou a rir por seu turno.

— Ah ! disse a vizinha, agradece a boa vontade, meu diabo em figura de menino; tu não tens a culpa; a culpá tem quem te dá ousadias.

— A culpa tem quem te dá ousadias... repetiu o menino arremedando.

O compadre ria-se a perder.

A vizinha desesperada bateu com o postigo e recolheu-se, porém por muito tempo fallou em voz alta, de maneira que toda a vizinhança ouviu, dizendo quanto improprio lhe veio á cabeça contra o barbeiro e o menino.

— O pequeno encheu-me ás medidas, disse este consigo, vingou-me desta; agora falta-me aquelle velho de defronte que tambem a acompanhou na risota; mas não faltará occasião

Esqueceu-nos dizer que o barbeiro, apesar de ter saído,

pouco se importára com a prisão do Leonardo, e referindo-se á causa da infelicidade deste, dissera apenas:

— E' bem feito, para elle não se deixar arrastar para toda a parte agarrado em quanto rabo de saia lhe apparece.

Nem foi á cadêa visital-o, nem levar-lhe o filho para tomar a benção, o que a comadre muito reprovou quando soube.

O velho tenente-coronel, depois de ter posto no rua o Leonardo, informado miudamente, como sabe o leitor, pela comadre do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob sua protecção, e acreditou que se conseguisse felicitá-lo, levaria seu filho do peccado de ter deshonrado a Maria. Por intermedio da comadre mandou offerecer ao compadre seu prestimo em favor do pequeno, mandou-lhe propôr até que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre porém não esteve por isso de modo nenhum, e até se prometeu aceitar para qualquer outra cousa a protecção do tenente-coronel foi á instancias da comadre.

— Não quero, dizia elle, que me roubem o gosto de tê-lo feito gente; comecei a minha obra, hei de acaba-la.

— Homem, retorquira-lhe a comadre, você faz mal; olhe que o velho é homem de representação; veja como elle com duas voltas e meia poz o Leonardo na rua.

— Nada, não hei de dar o gostinho aqui a esta sucia da vizinhança; hei de eu mesmo fazer a cousa por minhas mãos. Lá se o tenente-coronel quizer fazer alguma cousa por elle, aceito; mas quanto a tira-lo da minha companhia, isso nunca. Agora já é birra; hei de levar a minha avante.

CAPITULO XII.

ENTRADA PARA A ESCOLA.

É mister agora passar em silencio sobre alguns annos da vida do nosso memorando para não cansar o leitor repetindo a historia de mil travessuras de menino no genero das que já se conhecem; forão diabruras de todo o tamanho que exasperarão a vizinha, desgostarão a comadre, mas que não alterarão em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado: cada vez esta augmentava se era possivel, tornava-se mais céga. Com elle crescião as esperanças do bello futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante este tempo fizera este *alguns* progressos: lia soletrado soffrivelmente, e por inaudido triumpho da pacienaiia do compadre aprendêra a ajudar missa. A primeira vez que elle conseguiu praticar com decencia e exactidão semelhante acto, o padrinho exultou; foi um dia de orgulho e de prazer: era o primeiro passo no caminho para que elle o destinava.

— E dizem que não tem geito para padre, pensou consigo; ora acertei o alvo, dei-lhe com a balda. Elle nasceu mesmo para aquillo, ha de ser um clérigo de truz. Vou tratar de metê-lo na escola, e depois... toca.

Com effeito foi cuidar nisso e fallar ao mestre para receber o pequeno, morava este em uma casa da rua da Valla, pequena e escura

Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escrevião os discipulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no tecto havião penduradas uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quaes pulavão e cantavão passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predilecta do pedagogo.

Era este um homem todo em proporções infinitesimales, baixinho, magrinho de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de oculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discipulos por *dá cá aquella palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado á vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sabbado; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quasi todos de jaqueta ou *robições* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro papelão pendurada por um cordel a tiracollo: chegárão os dous exactamente na hora da toboada cantada. Era uma especie de ladainha de numeros que se usava então nos collegios, cantada todos os sabbados em uma especie de *cantochão* monotono e insupportavel, mas de que os meninos gostavão muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos fazião uma algazaraa de doer os ouvidos; o mestre, acostumado áquillo, escutava impassivel, com uma enorme palmatoria na

mão, e o menor erro que algum dos discipulos commettia não lhe escapava no meio do todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro commettido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orchestra ensinando a marcar o compasso. O compadre expoz no meio do ruido, o objecto de sua visita, e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memoria; soletra já alguma cousa, não lhe ha de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se m' o quizer dar, tenho aqui o remedio; *santa ferula* disse o mestre brandindo a palmatoria.

O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha percebido o latim.

— E' verdade; faz santos até ás feras, disse traduzindo.

O mestre sorriu-se da tradução.

— Mas espero que não ha de ser necessario, accrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e já o vio na porta da rua prestes a sahir, pois que ali não se julgava muito bem.

— Então, menino, sahe sem tomar a benção ao mestre?...

O menino voltou constrangido, tomou de longe a benção, e sahirão então.

Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracollo, a sua lousa de escrever e o seu tin-teiro de chifre; o padrinho o acompanhou até á porta. Logo

nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrára: declarou desde esse instante guerra viva á escola. Ao meio-dia velu o padrinho buscal-o, e a primeira noticia que elle lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquella tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender ?...

— Mas não é preciso apanhar...

— Pois você já apanhou ?...

— Não foi nada, não, senhor; foi porque entornei o tintel-ro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou comigo, e eu comecei a rir muito...

— Pois você vai-se rir quando o mestre ralha....

Isto contrariou o mais que era possível ao barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola ?... Mas não haviam reclamações, o que o mestre fazia era bem feito. Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde á escola, o que só conseguiu com a promessa de que fallaria ao mestre para que elle não dêsse mais. Isto porém não era cousa que se fizesse, e não foi senão um engodo para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola, e por principio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pô-lo de joelhos a poucos passos de si; passando pouco tempo voltou-se distrahidamente, e sorprende-o no momento em que elle erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo, e deu-lhe uma duzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, você promette muito.....

O menino resmungando dirigiu-lhe quanta injuria sabia de cór.

Quando o padrinho voltou de novo a busca-lo achou-o de tenção firme e decidida de não se deixar engodar por outra vez, e de nunca mais voltar, ainda que o rachassem. O pobre homem azuou com o caso.

— Ora logo no primeiro dia !... disse consigo; isto é praga daquella maldita mulher... mas hei de teimar, e vamos ver quem vence.

CAPITULO XIII.

MUDANÇA DE VIDA.

A' custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciencia, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante 2 annos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda peor. Em todo este tempo não se passou um só dia em que elle não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; e apezar da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vezes o fôra para com elle: o menino tinha a bossa da desenvoltura; e isto junto com as vontades que lhe fazia o padrinho dava em resultado a maior refinada má-criação que se póde imaginar. Achava elle um prazer suavissimo em desobedecer a tudo quanto se lhe ordenava; se se queria que estivesse serio, desatava a rir como um perdido com o maior gosto do mundo; se se queria que estivesse quieto, parece que uma mola occulta o impellia e fazia com que dêsse uma idéa pouco mais ou menos approximada do motu continuo. Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias: era tido na escola pelo mais refinado velhaco; vendia aos collegas tudo que podia ter algum valor, fosse seu ou alheio, com-

tanto que lhe cahisse nas mãos: um lapis, uma penna, um registo, tudo lhe fazia conta; o dinheiro que apurava empregava sempre do peor modo que podia. Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas e não precisava mais de que elle o acompanhasse; no primeiro dia em que o padrinho annuiu a que elle fosse sózinho fez uma tremenda gazeta; tomou depois gosto a esse habito, e em pouco tempo adquiriu entre os companheiros o appellido de gazeta-mor da escola, o que tambem queria dizer apanha brollos-mór. Um dos principaes pontos em que elle passava alegremente as manhãs e tardes em que fugia á escola era a igreja da Sé. O leitor comprehende bem que isto não era de modo algum inclinação religiosa; na Sé á missa, e mesmo fóra disso, reunia-se gente, sobretudo mulheres de mantilha, de quem tomára particular zanguinha por causa da semelhança com a madrinha, e é isso e que elle queria, porque internando-se na multidão dos que entravão e sahião, passava desaperebido, e tinha segurança de que o não acharião com facilidade se o procurassem.

Pelo habito de frequentar a igreja tomára conhecimento e travára estreita amizade com um pequeno sacristão que, digamos de passagem, era tão boa peça como elle; apenas se encontravão limitavão-se a trocar olhares significativos enquanto o amigo andava occupado no serviço da igreja; assim porém que se acabavão as missas, e que sahião as verdadeiras beatas, reunião-se os dous, e começavão a contar suas diabruras mais recentes, travando o plano de mil outras novas. Por complacencia, ou antes por prova de decidida amizade, o companheiro confiava ao nosso gazeador um canço, e fazião

juntos o serviço e as maiores: a mais pequena que fazia era irem de altar em altar escorripichando todas as galhetas, — o que lhes incendia mais o desejo de traquinar.

Esta vida durou por muito tempo; porém final já erão as gazetas tão repetidas, que o padrinho se viu forçado a acompanhá-lo outra vez todos os dias paara a escola, o que desfez todos os planos que os dous tinham concertado. O nosso futuro clérigo tinha muitas vezes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido como o seu companheiro de uma batina e uma sobrepelliz, e feito também sachristão, ler a toda hora a sua disposição quantos caniços quizesse, ter por sua e de seu amigo toda a Igreja, poder nos dias de festa, tomando o furbulo, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na occasião da missa. Oh! depois que o padrinho o acompanhava, [de gozar parte destes prazeres, como fazia nos dias de fugida, atearão-se-lhe os desejos, e começou a confessa-los ao padrinho, dando a entender que nada havia de que agora gostasse tanto como fosse a Igreja, para a qual, dizia elle, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho um alegrão, porque neste gosto recente do pequeno via furo aos seus projectos.

— Eu bem dizia.... pensava comsigo; não tem duvida vou adiante; o rapaz está-me enchendo as medidas.

Afinal o menino tomou um dia uma resolução ultima, e propoz ao padrinho que o fizesse sachristão.

— Isso seria muito bom, disse elle, afim de acostumar-me para quando fôr padre.

A principio a idéa deslumbrou ao padrinho, porém mais tarde acudiu-lhe a reflexão, e assentou que seria rebaixar o

o menino e comprometter a sua dignidade futura. Afinal porém tantas forão as rogativas e argumentos do pequeno, que se vio obrigado a ceder. O menino tinha n' isso duas enormes vantagens, satisfazia seus desejos e sahia da escola, poupanço assim as remessas diarias de bolos.

— Está bem, dissera comsigo o padrinho, elle já sabe ler alguma cousa e escrever: deixo-o, para fazer-lhe a vontade, algum tempo na Sé, para que tambem tome mais amor aquella vida, e depois, apenas o vir com o juizo mais assento, hei de ir adiante com ja cousa. Foi em consequencia procurar aquelle sachristão da Sé que dansára o minuete na festa do baptisado, que era nada menos do que o pai do sachristãozinho com que o nosso pequeno travára amizade, para arranjar o afilhado, que não queria outra Igreja que não fosse a Sé. Felizmente pôde elle ser admittido; com a pratica que tivera dos dias de gazeta aprendêra pouco mais ou menos todo o ceremonial que é mister a um sachristão: ajudar a missa já elle sabia, as outras cousas aperfeiçoou-se em pouco tempo.

Em poucos dias apromptou-se, e em uma bella manhã sahio de casa vestido com a competente batina e sobrepelliz, e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar a visinha dos mãos agouros soltou uma exclamação de surpresa a principio, suppondo alguma asneira do compadre; porém reparando, comprehendeu o que era, desatou uma gargalhada.

— E que tal ? !.., Deus vos guarde, Sr. cura, disse fazendo um comprimento.

O menino lançou-lhe um olhar de revez, e respondeu entre dentes:

— Eu sou cura, e hei de te curar...

Era aquillo uma promessa de vingança.

-- Oa dá-se ? continuou a vizinha comsigo mesma; aquillo na igreja é um peccado !!

Chegou o menino á Sê impando de contente; parecia-lhe a batina um manto real. Por fortuna houve logo nesse dia dous baptisados e um cazamento, e elle teve assim occasião de entrar no pleno exercicio de suas funcções, em que começou revestindo-se da maior gravidade deste mundo. No outro dia porém o negocio começou a mudar de figura, e as bregeiradas começárão.

A primeira foi em uma missa cantada. Coube ao pequeno o ficar com uma tocha, e ao companheiro o thurybulo ao pé do altar.

Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino promettêra *curar*, sem pensar no que fazia collocou-se perto do altar junto aos dous. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras a seu companheiro, dando-lhe de olho para a mulher. Dahi a pouco collocárão-se os dous disfarçadamente em distancia conveniente, e de maneira tal, que ella ficasse pouco mais ou menos com um delles atrás e outro adiante. Começárão então os dous uma obra meritoria: enquanto um, tendo enchido o thurybulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendião fossem bater de cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastradas de cera derretida, olhando disfarçado para o altar. A pobre mulher exasperou-se, e disse: *lhes não sabemos o que,*

— Estamos te curando, respondeu o menino tranquillamente.

Vendo que não tirava partido, quiz a devota mudar de logar e sahir, porém o aperto era tão grande que o não pôde fazer, e teve de aturár o supplicio até o fim. Acabada a festa, dirigiu-se ao mestre de ceremonias, e fez uma enorme queixa, que custou aos dous uma tremenda sarabanda. Pouco porém se importarão com isso, uma vez que tinham realizado o seu plano.



CAPITULO XIII.

NOVA VINGANÇA E SEU RESULTADO.

A sarabanda que o mestre de ceremonias passára aos dous pequenos em razão do que havião feito á pobre mulher não produziu, como dissemos, nenhum effeito sobre elles no sentido de os emendar; não perdoarão porém a humilhação que sofrêrão diante da sua victima, e a vingança de que ella tinha gozado; na primeira occasião que tirarão desforra, pregando tambem uma peça ao mestre de ceremonias.

Foi o caso assim:

O mestre de ceremonias era um padre de meia idade, de figura menos má, filho da Ilha Terceira, porém que se dava por puro Alfaeinha: tinha-se formado em Coimbra; por fóra era um completo S. Francisco de austeridade catholica, por dentro refinado Sardanapalo, que podia por si só fornecer a Boccage assumpto para um poema inteiro; era prégador que buscava sempre por assumpto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém interiormente era sensual como um sectario de Mafoma. O publico ignorava talvez semelhante cousa, porém outro tanto não acontecia aos dous meninos, que andavão ao facto de tudo: o mestre de ceremonias, fiado

em que pela sua pouca idade darião elles pouca attenção a certas cousas, tinha-os algumas vezes empregado no seu serviço, mandando recados a uma certa pessoa que, saiba o leitor em segredo, era nada menos do que a cigana, objecto dos ultimos cuidados do Leonardo, com quem S. Revma. vivia a certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, todas as apparencias da decencia.

Chegou o dia de uma das primeiras festas da igreja, em que o mestre de ceremonias era sempre o prégador: era no sermão desse dia que o homem se empregava, muito tempo antes pondo abaixo a *livraria*, e fazendo um enorme esforço de intelligência (que não era nelle cousa muito vigorosa). Já se vê pois que elle devia amar o seu sermão tanto que quasi rebentou de raiva em um anno em que por doente o não pôde prégar. Entendia que todos o ouvião com summo prazer, que o povo se abalava á sua voz: enfim, aquelle sermão annual era o meio por que elle esperara chegar a todos os fins, a que contava dever toda a sua elavação futura; era o seu talisman. Digamos entretanto que era bem máo caminho o tal sermão, pörque se podia elle demonstrar alguma cousa, era a insufficiencia do padre para qualquer cousa desta vida, excepto para mestre de ceremonias, em que ninguem o desbancava. Pois foi nesse ponto delicado que os dous meninos buscárão ferillo, e o acaso os favoreceu excedendo de muito os seus desejos e esperanças, e fazendo a sua vingança completissima.

Chegou, como dissemos, o dia da festa; havia tres ou quatro dias antes que o mestre de ceremonias não sahia de casa, empregado em decorar a importante peça. Foi o nosso sacristão calouro encarregado de lhe ir avisar da hora do sermão,

Chegou á casa da cigana, onde o padre costumava a estar; bateu, e apesar de todas as recommendações que costumava ter, disse em voz alta:

— O Rev. mestre de ceremonias está ahi ?...

— Falle baixo, menino, disse a cigana de dentro da rotula..

O que quer você com o Sr. padre ?

— Precisava muito fallar com elle por causa do sermão de amanhã.

— Entre, entre, disse o padre que o ouvira...

— Venho dizer a V. Revma., disse o menino entrando, que amanhã ás dez horas ha de estar na igreja.

— As dez ? Uma hora mais tarde do que de costume....

— Justo, respondeu o menino sorrindo-se internamente de alegria, e sahiu.

Foi logo dali dar parte ao companheiro de que o seu plano tinha sahido completamente aos seus desejos, pois o que elle queria era que o padre faltasse ao sermão, e por isso, encarregado de lhe indicar a hora, a trocára, e em vez de nove dissera dez.

Dispuzerão-se as cousas; postou-se a musica de barbeiros na porta da igreja; andou tudo em reboição: ás 9 horas começou a festa.

As festas daquelle tempo erão feitas com tanta riqueza e com muito mais propriedade, a certos respeito, do que as de hoje: tinham entretanto alguns lados comicos; um delles era a musica de barbeiros á porta. Não havia festa em que se passasse sem isso; era cousa reputada quasi tão essencial como o sermão; o que valia porém é que nada havia mais facil de arranjar-se; meia duzia de aprendizes ou officiaes de barbei-

ro, ordinariamente negros, armados, este com um pistón desafinado, aquelle com uma trompa diabolicamente rouca, formavão uma orcheſtra desconcertada, porém estrondosa, que fazia as delicias dos que não cãbião ou querião estar dentro da igreja.

A festa seguiu os seus tramites regulares; porém apenas se foi approximando a hora, começou a dar cuidados a tardança do prégador. Fez-se mais esta cerimonia, mais aquella, e nada de apparecer o homem. Despachou-se a toda pressa um dos meninos que não entrara na festa para ir procurar o padre; elle deu duas voltas pela vizinhança, e veiu dizendo que o não tinha encontrado. Subirão os apuros; não havia remedio era preciso um sermão, fosse como fosse.

Estava assistindo á festa um capuchinho italiano que por bondade, vendo o aperto geral, offereceu-se para improvisar o sermão.

— Mas V. Revm. não falla a lingua da gente, objectarão-lhe.

— *Capisco* ! respondeu este, *ed la necessità* !...

Depois de alguma perplexidade aceitãrão-se finalmente os bons officios do capuchinho, e foi elle levado ao pulpito. Os meninos triumphantes sorrião-se um para o outro. Apenas appareceu o prégador ao povo, houve um murmurio geral; os gaiatos sorrião-se contando já com o partido que dali tirarião para um bom par de risadas; algumas velhas preparãrão-se para uma grande compunção ao aspecto das immensas barbas do prégador; outras menos crentes, vendo que não era o orador costumado, exclamãrão despeitadas:

— Arrenego !

— Deus me perdôe.

— Pois aquillo é que préga hoje ?...

Apezar porém de tudo isto, a attenção foi profunda e geral animando a todos uma grande curiosidade; o orador começou fallava já á um quarto de hora sem que ninguem ainda tivesse entendido: começavão já algumas velhas a protestar que o sermão todo em latim não tinha graça, quando de repente viu-se abrir a porta do pulpito e apparecer a figura do mestre de cerimoniaes lavado em suor e vermelho de colera; foi um sussurro geral. Elle adiantou-se, afastou com a mão o pregador Italiano, que sorprendido parou um instante, e entoeou com voz rouca e estrondosa o seu *per signum crucis*. A' quella voz desconhecida o povo despertou do aborrecimento, benzeu-se e se dizpoz a escuta-la, nem todos porém forão desta opinião; entenderão' que se devia deixar acabar o capuchinho, e começaram a murmurar. O capuchinho não quiz ceder do seu direito, e proseguio na arenga. Foi uma verdadeira scena de comedia, de que a maioria dos circumstantes ria-se a não poder mais; os dous meninos, autores principaes da obra, nadavão em um mar de rosas.

— *Oh, mei cari fratelli!* exclamava por um lado o capuchino com voz afflautada e meiga, *la voce de la Provvidenza...*

— *Semelhante ás trombetas de Jericó*, rouquejava por outro lado o mestre de cerimoniaes....

— *Piaga al cor...* acrescentava o capuchino.

— *Annunciando a queda de Satanaz*, proseguia o mestre de cerimoniaes

E assim levarão por algum tempo os dous, acompanhado

por um côro de risadas e confusão, até que o capuchinho se resolveu a abandonar o posto, murmurando [despeitado:

— *Chebestia, per Dio !*

Acabado o sermão, desceu do pulpito o mestre de ceremonias já um pouco aplacado por ter conseguido fazer-se ouvir, porém ainda bastante furioso para vir arrancar uma por uma as quatro orelhas dos dous pequenos, de quem desconfiára que partira o que acabára de soffrer. Chegou á sacristia, que estava cheia de gente; vendo os dous meninos investiu para elles, e prendendo a cada um com uma mão pela gola da sobrepelliz....

— Então.... então.... dizia com os dentes cerrados.... a que horas é o sermão ?

— Eu disse ás nove, sim, senhor; pode perguntar á moça, que ella bem ouviu....

— Que moça, menino, que moça? disse o padre exasperado por estar tanta gente a ouvir aquillo.

— Aquella moça cigana, lá onde V. Revma estava; ella ouviu, e disse ás nove.

— Oh ! disserão os circumstantes.

— E' falso, respondeu com força o mestre de ceremonias largando os meninos para evitar novas explicações, e dando satisfação aos circumstantes com protestos de ser falso o que os meninos acabavão de dizer.

Entretanto serenou o alvoroço, acabou-se a festa, o povo retirou-se. O mestre de ceremonias sentado a um canto pensava comsigo:

— E que tal ? não ia perdendo o meu sermão deste anno por causa daquelle endiabrado ? † Depois que o maldito me

nino entrou para esta igreja anda tudo aqui em uma poeira ! Ainda em cima dizer á vista de tanta gente que eu estava em casa da cigana ! Nada.... vou dar com elle daqui para fóra...

E com effeito tratou de fazer com que os dous meninos, ou pelo menos, o mais novo, fosse despedido.

Sem muito custo /o conseguiu, porque pór certo não gozava elle de grandes sympathias.

Foi esta a peor peça que se lhe podia pregar: elle estava como em um paraíso, e expellião-no delle; e depois a maldita vizinha como não havia ficar satisfeita vendo-o despedido, e a madrinha que se oppuzera formalmente á sua entrada para a Sé.... tudo isto fazia-o desesperar....

Não se tinha elle enganado em suas previsões; apenas chegou em casa, e que se soube pela vizinhança do que se tinha passado, a vizinha, pilhando de geito o compadre:

— Então, disse-lhe, eu não lhe tenho dito que aquillo tem mãos bofes ?...

— Senhora, pelo amor de Deus, metta-se com a sua vida....

— Estou vingada.... pensava que a minha mantilha nova havia de ficar assim....

O compadre retirou-se para evitar nova desordem.

A comadre, apenas soube tambem do successo, veio ter com o compadre para dizer-lhe:

— Eu bem lhe digo; elle não serve para aquillo; é melhor pô-lo na Conceição; lá ha mais sujeição; olhe, eu podia arranjar isso com o tenente-coronel....

O compadre porém não pareceu resolvido a aceitar o conselho.

CAPITULO IX.

ESTRALLADA.

Apezar de tudo quanto havia já soffrido por amores, o Leonardo de modo algum queria emendar-se; emquanto se lembrou da cadêa, dos granadeiros e do Vidigal esqueceu-se da cigana, ou antes só pensava nella para jurar esquecê-la; quando porém as caçoados dos companheiros forão cessando, começou a renovar-se a paixão, e teve lugar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, em que esta ultima quasi triumphava, quando uma descoberta maldita veio transformar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz que o puzera fóra de combate era o reverendo mestre de ceremonias da Sé ! Subiu-lhe com isto o sangue á cabeça:

Pois um padre !?... dizia elle; é preciso que eu salve aquella creatura do inferno; onde ella se está mettendo já em vida....

E começou de novo em tentativas, em promessas, em partidos para com a cigana, que a cousa alguma queria dobrar-se. Um dia que a pilhou de geito á janella abordou-a, e começou *ex abrupto* a fallar-he deste modo:

Você está já em vida no inferno !... pois logo um padre ?...

A cigana interrompeu-o:

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou....

— Mas você está commettendo um peccado mortal ..., está deitando sua alma a perder....

— Homem, sabe que mais ? você para prègador não serve, não tem geito.... eu como estou muito bem ; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para cousa melhor....

— Pois então tem alguma cousa que dizer de mim ?... Hei de me ver vingado.... e bem vingado.

— Ora ! respondeu a cigana rindo-se.

È começou a cantárolar o estribilho de uma modinha.

O Leonardo comprehendeu que fallando-lhe no inferno e em castigos da outra vida nada arranjava, e decidiu dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando:

— Faça uma estrallada, dê-no que der....

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia annos; segundo o costume, apenas appareceu este pretexto, armou-se logo uma função: não nos daremos ao trabalho de descrevê-la, em um dos capitulos antecedentes já viu o leitor o que isso era: viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo do que havia, e jurou que esse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo officio no Rio de Janeiro, havia homens que vivião disso: davão pancada por diaheiro, e ião a qualquer parte armar de proposito uma desordem, com tanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

Entre os honestos cidadãos que nisto se occupavão, havia,

na época desta historia, um certo Chico-Juca, afamadissimo e temivel. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamárão-n'ò a principio. — Chico — ; porém tendo acontecido que conseguisse elle pelo seu braço lançar por terra do throne da valentia a um companheiro que era no seu genero a maior reputação do tempo, e a quem chamavão — Juca, — juntárão este appellido ao seu, como honra pela victoria, e chamárão-no dali em diante — Chico-Juca.

Este homem era o desespero do Vidigal; tinha-lhe já pregado umas poucas, porém ainda não tinha sido possivel agarrá-lo. Os granadeiros conhecião-no ás leguas, porém nunca conseguirão pôr-lhe as mãos.

Tendo levado todo o dia á espreita, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre de ceremonias, pela volta de Ave-Maria, quando ainda não tinha começado a função.

— Ah ! nem esta noite quer perder ? ! Pois ha de sahir-lhe cara a funçanata...

Sahiu dali e foi direito procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defronte do Bom-Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabello cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinelas pretas e um chapelinho branco muito á banda; ordinariamente era affavel, gracejador, cheio de dicterios e chalaças; porém nas occasiões de *sarilho*, como elle chamava, era quasi feroz. Como outros téem o vicio da embriaguez, outros o do jogo, outros o do deboche, elle tinha o vicio da valentia; mesmo quando ninguem lhe pagava, bastava que lhe dêsse na cabeça, armava brigas, e só depois que dava pancadas a faltar

é que ficava satisfeito; com isso muito lucrava: não havia taverneiro que lhe não fiasse e não o tratasse muito bem.

Estava na porta da taverna sentado sobre um sacco quando appareceu-lhe o Leonardo.

— Olá, mestre pataca! disse elle apenas o viu; pensei que ainda estava de chilindró tomando fortuna por causa da cigana...

— É mesmo por causa desse diabo que te venho procurar.

— Homem, cabeçada e murro velho sei eu dar, porém fortuna! nunca tive tal habilidade...

— Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha...

— Ui! temos dança?... vai-te embora... tu não és capaz de armar um *sarilho*... sempre foste um podre!...

— Bem sei, eu não sou capaz... mas tu.. que és mestre disto...

— Eu... então por que diabo e onde queres tu que eu arme esse *sarilho*?...

— Não te has de arrepender, disse o Leonardo batendo significativamente com os dedos no bolso do collete.

O Chico-Juca entendeu o verso; carregou o chapéo um pouco mais para o lado, e pôz-se a escuta-lo com curiosidade.

O Leonardo disse então o que queria: tratava-se nada menos do que de ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fosse como fosse, á função da cigana, e de armar ali por alta noite uma grande desordem: preveniu-o logo que o Vidigal havia de estar por perto; e assim, apenas estivesse armada a historia, era pôr-se ao fresco. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quiz explicar, e tambem elle não teve grande curiosidade de

saber: tratava-se de uma desordem; fosse qual fosse o motivo, estava sempre prompto. Assim, depois de se regatear um pouco o preço, chegarão os dous a um accordo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal, e deu-lhe parte do que naquella noite havia em casa da cigana, e afiançou-lhe que a cousa acabava por força em desordem. Portanto cumpria que o Sr. major por lá apparecesse para o que dêsse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal; você quer tirar sua desforra; é justo. Lá hei de ir, e não precisava a sua advertencia, pois já sabia que havia hoje por lá annos, e tinha tenção de apparecer.

O Leonardo retirou-se contente vendo que seu plano sahia ás mil maravilhas, e dispoz-se a gozar do resultado, pondo-se á espreita de lugar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia dúzia de modinhas e dançado por algum tempo a *tyranna*, quando o Chico-Juca appareceu, e por intermedio de um conhecido (elle os tinha em toda a parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto cuja porta estava fechada: de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e sahia; dahi a pouco tornava a entrar levando comsigo alguma das camaradas mais do peito e tornava a sahir; passado pouco tempo, entrava ainda levando outra amiga. Alguns fazião reparo nisso, outros porém não tinham desconfiança alguma. Ia a festa continuando, e lá pela meia noite, quando começava a *afer-ventar*, foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavão viola parar subitamente, e, interrompendo o es-

tribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido:

Isto passa de mais... varro... menos essa, Sr. Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça, que é cá cousa minha...

O Chico-Juca estava com effeito a mais de meia hora a dirigir graçolas das suas a uma moça que elle bem sabia que era *cousa* do rapaz que estava tocando: tanto fez, que este, tendo percebido, proferiu aquellas palavras que acabamos de ouvir.

— Você respinga?!... respondeu-lhe o Chico-Juca dirigindo-se para elle..

O rapaz, que não era pêco, poz-se em pé e replicou:

— Tenho dito, nada de graças com ella!...

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ella em cheio sobre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão.

O Chico-Juca foi accommettido por um pouco; porém ligeiro e destimido, distribuia a cada qual o seu quinhão de cabeçadas e pontapés: algumas mulheres mettêrão-se na briga, e davão e levavão como qualquer; outras porém desfazião-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou pela porta fóra, e desapareceu.

Era tempo, porque não se tinha passado muito tempo quando assomou na porta, que elle deixára aberta, a figura tranquilla do Vidigal, rodeada por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, apesar de o terem visto quando sabia, porque o major, sendo nessa occasião poucos os soldados, não quiz mandar segui-lo com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negocio estava feio. Eutrou, pois, deixando-o passar.

Apenas virão, pararão todos aterrados.

— Então que briga é esta?... disse elle descansadamente.

Começarão todos a desculpar-se como podião; e segundo o credito que merecião pela sua reputação era-lhes distribuida a justiça: se era sujeito já conhecido, e que não era aquella a primeira em que entrava ficava de lado, e um granadeiro tomava conta delle; os outros erão mandados embora. Neste interim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando signaes da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um granadeiro:

— Revista aquelle quarto....

A cigana deu um grito; o granadeiro obedeceu e entrou no quarto: ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo cá de fóra:

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

No mesmo instante viu apparecer o granadeiro trazendo pelo braço o Rev. mestre de ceremonias em seroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivella, e solidão á cabeça. Apesar dos apuros em que se achavão, todos desataram a rir: só elle e a cigana choravão de envergonhados.

Esta ultima poz-se aos pés do Vidigal, mas elle foi inflexivel; e o Rev. foi conduzido com os outros para a casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permittido por-se em habitos mais decentes.

CAPITUL X.

SUCCESSO DO PLANO.

Para socegarmos os leitores, que estarão sem duvida com cuidado no mestre de ceremonias, apressamo-nos a dizer que não chegou elle a ir á cadêa; o Vidigal quiz dar-lhe apenas uma amostra do panno, e depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecêra ao Leonardo, á vestoria publica, o deixou ir embora envergonhado, abatido, maldizendo a idéa que tivera de ir assistir de dentro do quarto á festa dos annos da sua amazia. Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente; por pouco que a sua vingança não tinha sido completa: vira o seu rival, como já a elle proprio succedêra, preso pelos granadeiros, levado á casa da guarda, soffrendo ahi a vestoria dos curiosos; faltára, é verdade, a sova e os dias de cadêa, porém tambem elle era um simples meirinho, e o mestre de ceremonias um sacerdote respeitado, e por isso qualq̃uer cousa bastava para feri-lo gravemente.

Além disto o mestre de ceremonias, depois de graves meditações, sabendo que ficára mal visto de seus companheiros pêlo escandalo que dera, se bem que fosse certo não estar

nenhum delles a tal respeito em circumstancias de lhe atirar a primeira pedra, ouvindo um murmurio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do logar que exercia na Sé, decidiu-se a abandonar a cigana, e assim o fez. Com isto o Leonardo deu-se de todo por satisfeito, e renascêrão-lhe as esperanças de conquistar o antigo posto, uma vez que o principal inimigo o tinha abandonado. A cigana, desprezada, não quereria sem duvida ficar por muito tempo devoluta; e como elle se achava com requerimento em caixa, e contava serviços atrasados, era provavel que obtivesse favoravel despacho, porque tambem ella ainda nem sonhava que tudo o que tinha succedido pudesse ter sido obra sua.

Começou pois o sentimental Leonardo a rondar a porta da sua antiga amante: se a via na janella, ora parava na esquina a dirigir-lhe olhares supplicantes; passando por junto della deixava ora escapar um maguadissimo suspiro ou uma queixa amargurada.

Todas estas scenas, desempenhadas por aquella figura do Leonardo, alto, corpulento, avermelhado, vestido de casaca, calção e chapéo armado, erão tão comicas, que toda a vizinhança se divertiu com ellas por alguns dias. Alguns imprudentes começaram, conversando das janellas, a atirar indirectas á cigana; esta ficou-se com isso, e foi essa a *fortuna* do Leonardo. Um dia que elle passou deu-lhe ella de olho que entrasse.

O Leonardo teve uma ~~sensação~~ **sensação** inexplicavel; seu rosto corloriu-se em todos os tons, desde o vermelho, que era sua cor habitual, até o rôxo ennegrecido; depois baixou gradualmente até a pallidez marmorea; caminhando do logar onde estava

até á porta da cigana, não sentiu o solo debaixo de seus pés; quando deu acôrdo de si estava com os olhos rasos d' água nos braços da antiga amada que lhe pedia mil perdões, que promettia ser dali em diante fiel até á morte, se bem que se não esquecia de declarar no meio de tudo que se o recebia de novo em sua casa era porque queria quebrar a castanha na boca daquellas más linguas da vizinhança que se estavam mettendo com a sua vida. O pobre homem não cabia em si; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo de guerra que acaba de livrar do poder do inimigo uma praça sitiada. Emfim reatárão-se de todo os afrouxados laços.

O Leonardo eahiu em dar parte aos seus companheiros que tinha afinal vencido a intrincada demanda; eustou-lhe isto uma tremenda caçoada de todos, e sérias reprehensões de alguns. Mas com cousa alguma se importava naquella occasião: a felicidade o cegava a ponto de não ver aquillo que lhe estava entrando pelos olhos.

A comadre, apenas soube do que havia succedido, foi procurar o Leonardo, e começou em um longo sermão a querer persuadi-lo que tinha dado um passo errado.

— Pois, compadre, disse-lhe ella, você não se emendou ainda !...

— Qual, historia, eu sou doudo por estas cousas.

— Mas, homem, você não se tem dado bem nem com as saloias nem com as ciganas; para que antes não procura uma filha cá da terra ?...

A comadre tinha uma sobrinha que vivia em sua companhia, e que lhe pesava soffrivelmente sobre as costas; desde ha muito nutria por isso uma idéa de que o leitor mais tarde terá

conhecimento quando ella se realizar, ou antes disso, se a perceber pelas palavras da comadre.

— Nada, não gosto desta gente,....

— Não tem razão; ha por ahí muita rapariga capaz; é verdade que o que ellas querem é o *toma lá dá cá debaixo do arco-cruzeiro*....

Ei por isso mesmo que eu não gosto.

Depois de alguns outras tentativas a comadre retirou-se um pouco contrariada, mas não de todo desanimada; ella contava com a cigana para ajuda-la a realizar o seu plano, e o leitor verá para diante que tinha nisso razão.

Quanto ao nosso ex-sacristão, continuava ainda a estar sem destino, o que sobre maneira incommodava ao compadre, mas que nem por isso o desanimava. Coimbra era a sua idéa fixa, e nada lh'a arrancava da cabeça. Até o proprio velho tenente-coronel já lhe tinha ido pessoalmente fallar por solicitações da comadre, porém nada conseguira. Exasperado com essa obstinação deixára o negocio de parte, e não se importára mais com cousa alguma.

CAPITULO X.

D. MARIA.

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem; na época em que vivêrão as personagens desta história a coisa subia de ponto; enchão-se as ruas de povo, especialmente de mulheres de mantilha; armavão-se as casas, penduravão-se ás janellas magnificas colchas de seda, de damasco de todas as côres, e armavão-se coretos em quasi todos os cantos. É quasi tudo o que ainda hoje se pratica, porém em muito maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, porém nós diremos, porque era feito por moda: era tanto do tom enfeitar as janellas e portas em dias de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brillantismo das festividades religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer á cabeça um formidavel trepamoleque de dous palmos de altura.

Nesse tempo as procissões erão multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma erão de uma pompa extraordinaria, especialmente quando

el-rei se dignava acompanhar-las, obrigando toda a còrte a fazer outro tanto: a que primava porém entre todas era a chamada procissão dos ourives. Ninguém ficava em casa no dia em que ella sabia, ou na rua ou nas casas dos conhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em logar por onde ella passasse, achavão todos meio de vê-la. Alguns haviam tão devotos, que não se contentavão vendo-a uma só vez; andavão de casa deste para a casa daquella, desta rua para aquella, até conseguir vê-la desfilar de principio a fim duas, quatro e seis vezes, sem o que não se davão por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supponho nós, além talvez de outras, o levar esta procissão uma cousa que não tinha nenhuma das outras: o leitor ha de achá-la sem duvida extravagante e ridicula; outro tanto nos acontece, mas temos obrigação de referi-la. Queremos fallar de um grande rancho chamado das — Bahianas, — que caminhava adiante da procissão, atraindo mais ou tanto como os santos, os andores os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado esse rancho por um grande numero de negras vestidas á moda da provincia da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dansavão nos intervallos dos *Deo-gratias* uma dança lá a seu capricho. Para fallarmos a verdade, a cousa era curiosa: e se não a empregassem como primeira parte de uma procissão religiosa, certamente seria mais desculpavel. Todos conhecem o modo por que se vestem as negras na Bahia; é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto, não aconselhamos porém que ninguém o adopte; um paiz em que todas as mulheres usassem desse traje, especialmente se fosse desses abençoados em que ellas são alvas e formosas, seria uma terra de

perdição e de peccados. Procuremos descrevê-lo.

As chamadas Bahianas não usavão de vestido; trazião somente umas poucas de saias presas á cintura, e que chegavão pouco abaixo do meio da perna, todas ellas ornadas de magnificas rendas; da cintura para cima apenas trazião uma finissima camisa, cuja gola e mangas erão tambem ornadas de renda; ao pescoço punhão um cordão de ouro; ou um collar de coraes, os mais pobres erão de missangas; ornavão a cabeça com uma especie de turbante a que davão o nome de *trumphas*, formado por um grande lenço branco muito leso e engommado; calçavão umas chinelinhas de salto alto, e tão pequenas, que apenas continhão os dedos dos pés, ficando de fóra todo o calcanhar; e além de tudo isto envolvião-se graciosamente em uma capa de panno preto, deixando de fóra os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.

Poucos dias depois dos ultimos acontecimentos narrados nos capitulos antecedentes, chegou o dia da procissão dos ourives. Os-nossos costumes nesse tempo a respeito de franqueza e hospitalidade não erão lá muito fôrçaveis; nesse dia porém soffrião uma excepção, e, como dissemos, as portas daquelles que moravão nas ruas por onde passava a procissão se abrião a todos os amigos e conhecidos. Em virtude disso aconteceu que se achassem reunidos em casa de uma certa D. Maria o compadre acompanhado do afilhado (ricamente vestido nesse dia com o seu robição de duraque preto e o seu boné de pello de lontra), a comadre e a vizinha dos mãos agouros.

D. Maria era uma mulher velha, muito gorda; devia ter sido muito formosa no seu tempo, porém dessa formosura

só lhe restavão o rosado das faces e alvura dos dentes; trajava nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas de presunto, o seu lenço também branco e muito engomado ao pescoço; estava penteada de *bugres*, que erão dous grossos cachos cahidos sobre as fontes; o amarrado do cabello era feito na corôa da cabeça, de maneira que simulava um pennacho. D. Maria tinha bom coração, era bemfazeja, devota e amiga dos pobres, porém em compensação destas virtudes tinha um dos peiores vícios daquelle tempo e daquelles costumes: era a mania das demandas. Como era rica, D. Maria alimentava este vicio largamente; as suas demandas erão o alimento da sua vida; acordada pensava nellas, dormindo sonhava com ellas; raras vezes conversava em outra cousa, e apenas achava uma tangente cahia logo no assumpto predilecto; pelo longo habito que tinha da materia, entendia do riscado a palmo, e não havia procurador que a enganasse; sabia todos aquelles termos juridicos e toda a marcha do processo de modo tal, que ninguem lhe levava nisso a palma. Essa mania chegava nella á impertinencia, e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, fallando nos ultimos provarás que lhe tinha feito o seu letrado nos autos da sua demanda de terras, nas razões finaes que se tinham apresentado na acção que intentava contra um dos testamenteiros de seu pai, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandára fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um credito de 20 doblas e que agora negava a divida, e em mil outras cousas deste genero.

Apenas entrára o compadre, de quem era antiga amiga, e a quem não via ha muito tempo, começou logo D. Maria por

dar-lhe parte que aquella antiga demanda com o testamento de seu pai ainda não estava acabada, e por ali ia já proseguindo conforme seu costume, quando o compadre lhe apresentou o afilhado, e começou também a contar a sua historia.

Começou elle pella origem do pequeno; remontou á pisadella e ao beliscão com que a Maria e o Leonardo tinham começado o seu namoro na viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, o que fez dar a D. Maria boas risadas. Passou em seguida á festa do baptisado, que descreveu detalhadamente. Até aqui era o drama risonho e feliz; veio depois a tragedia; contou todas aquellas historias da perfidia da Maria, dos ciúmes do Leonardo e da briga final, cujo resultado trouxera o pequeno ás suas mãos.

D. Maria ouviu tudo com a maior attenção, e só interrompia ao compadre de vez em quando para lançar uma praga á Maria, manifestar compaixão pelo Leonardo, e dar alguma risada pelas travessuras do pequeno. Quando a conversa estava nesta altura, a vizinha dos mãos agouros, que também já se achava presente, porém que até ali estivera distrahida, chegou-se para intervir na conversa, já se sabe, contra o pequeno. Referiu então alguma das suas graçaças, accrescentando sempre no fim de cada periodo e dirigindo-se ao compadre:

—O vizinho, por mais bem que lhe queira, não poderá negar isto....

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a historia do menino com cores muito favoraveis, não cessando de gabar a sua mansidão, boa indole, e dourando sempre as

suas diabruras com o título de innocencias, ingenuidades ou cousas de criança, começou a dar o cavaco com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrario d'elle pintava tudo com côres negras. A comadre interveiu tambem nessa occasião, porém conservando uma posição duvidosa: ora era da opinião do compadre, ora da opinião da vizinha.

D. Maria, que morria por conversa, e sobretudo por novidades, tomava o maior interesse na historia, e ninguem se lembrava de que vez alguma tivesse ella esquecido por tanto tempo suas demandas.

O pequeno, sentado em um canto, ouvia tudo em silencio observador. O compadre mal se podia conter, em respeito a D. Maria, com as invectivas da vizinha; esta, julgando-se segura na roda em que estava, desabafava largamente contra o menino. Finalmente terminou dirigindo-se a D. Maria, e dizendo na sua phrase do costume:

—Então, senhora, é o que eu digo ou não? Tem mãos bofes....

—Mãos bofes, atalhou o compadre já com a calva muito vermelha, mãos bofes? ora esta...

O pequeno lançou do seu logar á vizinha um olhar fulminante, e que queria pouco mais ou menos dizer:

—Deixa estar que esta não fica sem troco.

D. Maria, vendo que o compadre começava a exasperar-se, fez-se medianeira, e disse dirigindo-se á vizinha:

—Você tem-lhe raiva de mais; realmente a função da cebra na mantilha é para dar o cavaco, porém, bem diz o mestre: qual é a criança que não faz travessuras? Isto tudo ha de passar com a idade.

Dirigindo-se depois ao pequeno.

— Venha cá, Sr. travesso, disse-lhe com bondade, venha defender-se do que aqui estão dizendo a seu respeito.

O menino chegou-se com um ar entre vexado e capadoçal, collocou-se em pé entre a madrinha e a vizinha.

D. Maria fez-lhe então algumas perguntas, a que elle respondeu com promptidão, porém com máo modo. A vizinha não se julgou muito em segurança com tão bom vizinho a seu lado, e foi querendo levantar-se. O menino, percebendo isto, não quiz perder occasião de fazer o que fosse de maligno contra ella; estendeu a ponta do pé, e pisou-lhe com toda a força na barra da saia preta que ella conservava tendo tirado a mantilha. A vizinha, vendo-lhe o gesto, sem entender bem o que era, percebeu que elle preparava alguma, e quiz levantar-se rapidamente: lá se forão alguns quatro palmos da barra da saia.

— Ah ! disse o menino fingindo-se espantado.

! Valha-te, Deus, menino ! disse a comadre.

A vizinha contemplava a sua saia rota, dizendo para os circunstantes:

— Então é o que eu digo, ou não ? Tem máos bofes !...

O compadre sorria-se disfarçadamente vendo a vingança que o menino tomava do que a vizinha acabava de dizer.

— Ora, disse a final D. Maria com ar de quem não estava muito certa no que dizia, elle estava descuidado, não foi por querer....

O menino foi sentar-se, e a conversa proseguiu.

Chegou-se ao ponto do destino que o padrinho queria dar ao afilhado, e, segundo era costume, começou logo grande

divergencia entre o compadre e a comadre; esta não fallava senão na Conceição, e aquelle não fallava senão em Coimbra.

D. Maria, solicitada a dar a sua opinião, disse:

— Pois olhem, se fosse comigo, eu havia de pô-lo em um cartorio, e havia de fazer delle um bom procurador de causas.

— Oh! não, respondeu o compadre; perdôe-me, Sra. D. Maria, perdôe-me se lhe offendo com isso, mas eu tenho uma birra dos diabos com as taes demandas...

— Pois olhe, não tem razão, ellas dão-me que fazer, mas eu já estou acostumada. Por exemplo, aquella demanda das terras, isto tem sido um nunca acabar; os herdeiros do meu compadre João Bernardo, que ainda não estavam habilitados em juizo, mandarão-me aqui citar....

E por ahi continuava, sem que ninguém soubesse onde pararia, quando felizmente teve de interromper-se porque a procissão approximava-se, e todos corrêrão ás janellas.

Isto deu fim á conversa, começou a desfilar a procissão, que raalmente fazia bonito effeito, sobretudo vista da casa de D. Maria, que era, e tinhamos esquecido esta circumstancia, na mesma rua dos Ourives: as luzes das tochas reflectidas nos galões das armações das portas e nas taboletas cheias de ouro e prata em obra, com que os ourives nesse dia costumavam ornar os intervallos de suas casas, tinham um aspecto de muita riqueza e luxo, ainda que de máo gosto. De tudo que levava a procissão, o que mais mereceu as honrrs do agrado dos devotos foi o rancho das Bahianas que o leitor já conhece e o sacrificio de Abrahão, que ia representado ao vivo.

Caminhava adiante um menino com um feixe de lenha aos hombros, representando Isaac: logo atrás delle um latagão

vestido com um trage extravagante, com uma enorme espada de pão suspensa sobre a cabeça do menino; era Abrahão: um pouco mais atrás um anjo suspendendo o furibundo gladio por uma fita de 3 ou 4 varas de comprimento.

Terminada a procissão, retiravão-se os convidados.

Ao sahir o compadre com o pequeno, D. Maria chegou-se a elle, e disse-lhe significativamente:

— Appareça, que temos que conversar a respeito do pequeno...

Já se vê que o menino não era dos mais infelizes, pois que, se tinha inimigos, achava também protectores por toda a parte. Para diante os leitores verão o papel que D. Maria representará nesta historia.

CAPITULO XVIII.

AMORES.

Os leitores devem já estar fatigados de historias de travessuras de criança; já conhecem sufficientemente o que foi o nosso memorando em sua meninice, as esperanças que deu, e o futuro que prometeu. Agora vamos saltar por cima de alguns annos, e vamos ver realizadas algumas dessas esperanças. Agora começam historias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais sizudas

Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista mettendo-o na Conceição, a quem D. Maria queria fazer rabula arranjando-o em algum cartório, e a quem enfim caea conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente ás inclinações que nelle descobria. o pequeno, dizemos, tendo tantas cousas boas, escolheu a peor possível: nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartório algum: não fez nenhuma destas cousas, nem tambem outra qualquer; constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-typo.

O padrinho desesperava com isso vinte vezes em cada dia

por ver frustrado o seu bello sonho, porém não se animava mais a contrariar o afilhado, e deixava-o ir á sua vontade.

A comadre tinha conseguido o seu fim, pelo que diz respeito á sobrinha ; tanto fizera, que o Leonardo, pilhando a cigana em nova infidelidade, resolveu-se... e arranjou-se... Dessa época começou elle a viver socegado : o vento da idade começava a apagar-lhe as flammas de ternura.

D. Maria envelhecêra soffrivelmente, porém não perdêra de modo nenhum a sua mania favorita das demandas : a última que tivera foi talvez a mais desculpavel, a mais razoavel de todas. Teve por causa a tutoria de uma sua sobrinha que ficára orphã por morte de um seu irmão. Este irmão tinha um compadre que não gozava de boa reputação : ora, tendo a orphã ficado senhora de alguns mil cruzados que deixára seu pai, ainda que esse não tivesse feito testamento, por ser ella filha unica e legitima,² o compadre apresentou-se pretendendo ser seu tutor.

D. Maria, percebendo o caso, apresentou-se tambem, e afinal venceu : foi nomeada tutora, e veio-lhe a sobrinha para casar : ella estimou isso, tanto mais que a sua idade já a fazia precisar, ainda não de um apoio, porém de uma companhia.

As mais personagens continuarão no mesmo estado.

D'aqui em diante trataremos o nosso momorandó pelo seu nome de baptismo : não nos occorre se já dissemos que elle tinha o nome do pai ; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando fallamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apellido de pataca, já muito vulgarizado

muito vulgarisado nesse tempo, quando quizermos trata de-r quele

Leonardo havia pois chegado á época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas occasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber porque, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios.

Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha: o compadre, como a propria D. Maria lhe pedira, continuou a visita-la, e nessas visitas passavão longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento.

Disso resultou que detestava profundamente as visitas, e que só se sujeitava a ellas obrigado pelo padrinho.

Em uma das ultimas vezes que forão á casa de D. Maria, esta, assim que os viu entrar, dirigiu-se ao compadre e disse-lhe muito contente:

— Ora afinal venci a minha campanha... veio hontem para o meu poder a menina... O tal velhaco do compadre de meu irmão não levou a sua avante.

— Muitos parabéns, muitos parabéns! respondeu o compadre.

Leonardo deu pouca attenção a isso; ha muito tempo que ouvia fallar da tal sobrinha; sentou-se a um canto, e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dous,

D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta appareceu: Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquerido a belleza de moça: era alta, magra, pallida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as palpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabello, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe cahia sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita rôxo muito comprido, quasi sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas phrases intelligiveis com voz rouca e sumida. Mal a deixáráo livre, desappareceu sem olhar para ninguem. Vendo-a ir-se, Leonardo tornou a rir-se interiormente.

Quando se retiráráo, riu-se elle pelo caminho á sua vontade. O padrinho indagou a cousa da sua hilaridade; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir-se.

-- Então lembras-te della muito a miudo, porque muito a miudo te ris.

Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vezes fallou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe annunciou que terião de fazer a visita do costume, sem saber porque, pulou do contente, e, ao contrario dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por prompto.

Sahirão e encaminharão-se para o seu destino.

CAPITULO XIX.

DOMINGO DO ESPIRITO SANTO.

Era esse dia domingo do Espirito Santo. Como todos sabem, a festa do Espirito Santo é uma das festas predilectas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos habitos, uns bons, outros máos, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe porem está o que agora se passa daquillo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela folhinha, começava muito antes, nove dias cremos, para que tivessem logar as novenas. O primeiro annuncio da festa erão as Folias. Aquelle que escreve estas Memorias ainda em sua infancia teve occasião de ver as Folias, porém foi já no seu ultimo gráo de decadencia, e tanto que só as crianças como elle davão-lhe attenção e achava nellas prazer; os mais, se dellas se occupavão, era unicamente para lamentar a differença que fazião das primitivas. O que dantes se passava, bem encarado, não estava muito longe de merecer censura; porém era costume, e ninguem vá lá dizer a alguma velha desse tempo que aquillo devia ser por força muito feio, porque leva uma risada na

cara, e ouviu uma tremenda philippica contra as nossas festas de hoje.

Entretanto digamos sempre o que erão as Folias desse tempo, apesar de que os leitores o saberão pouco mais ou menos. Durante os 9 dias que precedião ao Espirito Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, sahião pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9 a 11 annos, *caprichosamente* vestidos á *pastora*: sapatos de côr de rosa, meias brancas, calção da côr do sapato, faixas, á cintura, camisa branca de longos e cahidos collarinhos, chapéos de palha de abas largas, ou forrados de seda, tudo isto enfeitado com grinadas de flôres, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento *pastoril* em que tocavão, pandeiro, machete e tamboril. Caminhavão formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma musica de barbeiros, e precedidos e cercados por uma chusma de *irmãos* de opa levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quaes tiravão esmolas enquanto elles cantavão e tocavão.

O imperador, como dissemos, ia no meio: ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de velludo verde, calção de igual fazenda e côr, meias de seda, sapatos afivelados, chapéo de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espirito Santo ao peito: caminhava pausadamente e com ar grave.

Confessem os leitores se não era cousa devéras extravagante ver-se um imperador vestido de velludo e seda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de pastores, ao toque de pandeiro e machete. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a

fanhosa musica dos barbeiros, tudo corria á janella para ver passar a Folia: os irmãos aproveitavão-se do ensejo, e ião colhendo esmolos de porta em porta.

Emquanto caminhava o rancho, tocava a musica de barbeiros; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavão; as cantigas erão pouco mais ou menos no género e estylo desta:

O Divino Espirito Santo
E' um grande folião,
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.

Eis-ahi o que era a Folia, eis-ahi o que o compadre e o afilhado encontrarão no caminho.

A este episodio da Folia seguirão-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora porém voltemos aos nossos visitantes.

Chegarão elles á casa de D. Maria, e acharão ainda todos á janella, porque acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumada amabilidade. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria; porém, sem saber porque, não teve desta vez mais vontade de rir-se; entretanto a menina continuava a ser feia e exquisita; nesse dia estava ainda peor do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de asseial-a; vestira-lhe um vestido branco muito curto, puzera-lhe um lenço de seda encarnado ao pescoço, e penteára-a de *bugres*. Por isso, agora que tendo ella tirado a costumada viseira de cabellos, lhe podemos ver o rosto, digamos, em abono da verdade, que si estava nesse dia mais

exquisita quanto ao todo, podia-se-lhe notar que não era tão feia de cara como a principio pareceu.

O caso foi que o Leonardo começou a olhar para ella sem mais vontade de rir-se; olhou uma, duas, tres, quatro, muitas vezes enfim, sem que nunca satisfizesse ao que elle interiormente chamava curiosidade de apreciar aquella figura.

A menina por sua parte continuava no seu inalteravel silencio e concentração, de olhos baixos e queixo no peito. Entretanto quem tivesse habito de observador fino poderia ter visto algum levantar de palpebras rapido, e algum olhar fugaz dirigido para o lado do Leonardo.

D. Maria e o compadre conversarão segundo o seu costume.

Na occasião da sahida, D. Maria, dirigindo-se ao compadre, disse-lhe:

— Olhe, escute: nós hoje vamos ao Campo ver o fogo, bem podiamos ir todos juntos; que diz?

— Sim, podiamos, respondeu o compadre: eu tinha de ir só com o meu rapaz; mas uma vez que me offercece, iremos todos juntos. E leva a senhora a sua menina, não é?

— Oh! leve, coitada; ella nunca viu o fogo; no tempo do pai nunca sahia...

Sem pensar, o Leonardo estremeceu de contente: pareceu-lhe que desse modo teria mais occasião de satisfazer a sua *curiosidade*. A menina nem se mexeu; pareceu-lhe aquillo absolutamente indifferente.

— Pois então estamos ajustados, accrescentou o compadre, e á noite cá as viremos buscar.

E sahirão.

CAPITULO XX.

O FOGO NO CAMPO.

A' hora determinada vierão os dous, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua familia, segundo havião tratado: era pouco depois de Ave-Maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de familias, de ranchos de pessoas que se dirigião uns para o campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, tambem se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda delle; tropeçava e abalroava nos que encontrava; uma idéa unica roia-lhe o miolo; si lhe perguntassem que idéa era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegárão enfim mais depressa dô que suppozera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquella noite ter azas nos pés, tão rapidamente caminhára e obrigára o padrinho a caminhar com elle.

D. Maria estava já prompta e os esperava com algumas outras pessoas com quem tambem tratára ir de companhia, e em um momento puzerão-se a caminho. Formavão todos um grande rancho acompanhado por não pequeno numero de negras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavão cestos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao com-

padre, e o mesmo fizeram as outras senhoras aos demais cavalleiros. Por gracejo D. Maria fez com que o Leonardo dêsse o braço a sua sobrinha; elle aceitou a incumbencia com gosto, mas não sem ficar alguma cousa atrapalhado, e deu na pobre menina alguns encontrões, embaraçado por não saber se lhe daria a esquerda ou a direita; finalmente acertou, e deu-lhe a esquerda, ficando elle do lado da parede. Offereceu-lhe o braço porém Luizinha (tratemo-la desde já por seu nome, pareceu não entender o offerecimento ou não dar fé d'elle. Contentou-se pois o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegarão ao Campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavão as barracas de bonecos, de sortes, de raridades e de theatros, como hoje: usavão-se apenas algumas que servião de casas de pasto. Depois de passarem por diante dellas, D. Maria e a sua gente se dirigirão para o Imperio. Luizinha estava attonita no meio de todo aquelle movimento, diante daquelle espectaculo que vio pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria: no tempo do pai raras ou nenhuma vez sahia de casa. Assim, sem o saber, parava algumas vezes embasbacada a olhar para qualquer cousa, e o Leonardo muitas vezes via-se forçado a puxar-lhe pelo braço para obriga-la a proseguir.

— Chegarão ao Imperio, que era nesse tempo quasi defronte da igreja de Sant' Anna, no logar agora occupado por uma das extremidades do quartel de Fuzileiros. Todos sabem o que é o Imperio, e por isso o não descreveremos. Lá estava na sua cadeira o imperador, que o leitor já viu passeando pela rua no meio de seus foliões. Luizinha, vendo-o, poz-se nas pontas dos pés, esticou o pescoço, e encarou-o por muito tempo

extatica e absorla. O Leonardo vendo isto sentiu um não sei que por dentro contra o menino que attrahia a attenção de Luizinha, e passou-lhe pela mente o desejo louco de voltar atrás 6 ou 7 annos de sua existencia, e ser tambem imperador do Divino.

Nas escadas do Imperio fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo ali apinhado com as graçolas pesadas do prégoeiro. Estiverão ali algum tempo entretidos os nossos conhecidos, e forão depois procurar no meio do Campo um lugar onde pudessem fazer alto para cear e ver o fogo. Achárão-no, não sem alguma difficuldade, pois que muitas outras familias se havião adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do Campo estava já coberta daquelles ranchos sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gosto passear por entre elles, e ouvir aqui a anecdota que contava um conviva de bom gosto, ali a modinha cantada naquelle tom apaixonadamente poetico que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquelle movimento e animação que geralmente reinavão. Era essa a parte (permittão-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentárão-se como os outros em roda de suas esteiras, e começárão a cear. Leonardo, apesar das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente naquella noite, nem por isso perdeu o appetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira para cuidar unicamente do seu prato. No melhor da cêa forão interrompidos pelo ronco de um foguete que subia: era o fogo que começava. Luizinha estremeceu, ergueu a cabeça, e pela pri-

meira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cahir as lagrimas inflammadas do foguete que aclarava todo o Campo:

— Olhe, olhe, olhe !...

Alguns dos circumstantes desatarão a rir; o Leonardo deu o cavaco com aquellas risadas, e as achou muito fóra de tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira extasiada, que não deu attenção a cousa alguma, e emquanto durarão os foguetes não tirou os olhos do céu.

Aos foguetes seguirão-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa occasião o extasi da menina passou a phrenesi; applaudia com enthusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejos de ter duas ou tres varas de comprido para ver tudo a seu gosto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus hombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, fallava-lhe e communicava-lhe a sua admiração ! O contentamento acabou por familiarisa-la completamente com elle. Quando se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos hombros de Leonardo, deu-lhe quasi um abraço pelas costas. O Leonardo estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, viu sobre seus hombros aquella cabeça de menina illuminada pelo clarão pallido do mixto que ardia, e ficou tambem por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jámais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se delle e acha-la feia.

Acabado o fogo, tudo se poz em andamento, levantárão-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puzerão

rão-se também em marcha para casa, guardando a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez porém Luizinha e Leonardo, não é dizer que vierão de braço, como este ultimo tinha querido quando forão para o Campo, forão mais adiante do que isso, vierão de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este *ingenuamente* não sabemos se se poderá com razão applicar ao Leonardo. Conversarão por todo o caminho como se fossem dous conhecidos muito antigos, dous irmãos de infancia, e tão distraídos ião que passarão a porta de casa sem parar, e já estavam muito adiante quando os *sios* de D. Maria os fizerão voltar. A despedida foi alegre para todos e tristissima para os dous. Entretanto, como sempre que se despedia, o compadre prometteu voltar, e isso serviu de algum allivio, especialmente ao Leonardo, que tomára tudo o que se acabava de passar mais em grosso.

CAPITULO XX.

CONTRARIEDADES.

Creemos, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidosa que chegára ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguem escapa neste mundo, ainda que para alguns seja elle facil e leve, e para outros pesado e custoso: o rapaz amava. E' escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a principio tanto desafiára a sua hilaridade por exquisita e feia, lhe viera depois a inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz que nos não é dado penetrar: o facto é que elle a amava, e isto não basta. Convem lembrar que se pela sorte de um pai se póde augurar a de um filho, o Leonardo em materia de amor não promettia de certo grande fortuna. E com effeito, logo depois da noite do fogo no Campo, em que as cousas começavam a tomar vulto, principiou a roda a desandar-lhe em quasi todos os sentidos. Luizinha, uma vez extinto o enthusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentára na noite do fogo, a acordára da sua apathia, voltára de novo ao seu antigo estado: e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizerão a D. Maria depois desses aconte-

cimentos, nem para este ultimo levantára os olhos; conservára-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, levára depois daquella feliz noite a construir esses castellos de extravagante architectura com que sonhamos nos dias felizes ds primeiro amor, isso foi já uma contrariedade sem nome; quando se via assim tratado quasi desatou a chorar; só o conteve o receio de não poder justificar o seu pranto com qualquer pretexto. A este primeiro movimento succedeu-lhe um momento de calma, e depois cresceu-lhe por dentro uma chamma de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito, e chamal-a quatro ou cinco vezes de esturdia e feia. Afinal scismou um pouco e murmurou um — que me importa! — que pretendia ser desprezo, e que não era senão despeito.

A' primeira visita depois da noite do fogo seguirão-se muitas outras em que as cousas se passárão pouco mais ou menos do mesmo modo.

Um novo successo veio porém um dia dar outra côr e andamento aos successos; foi o encontro dos dous, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria que havia ha pouco chegado de uma viagem á Bahia. Figure o leitor um homem-zinho nascido em dias de maio, de poucô mais ou menos trinta e cinco annos de idade, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas; sapatos de fivella, capote e chapéo armado, e terá idéa do physico do Sr. José Manoel, o recém-chegado. Quanto ao moral, se os signaes physicos não fallão, quem olhasse para a cara do

Sr. José Mancel assignava-lhe logo um lugar distincto na familia dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum; o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre todas as suas qualidades possuia uma que infelizmente caracterisava naquelle tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense, era a maledicencia. José Manoel era uma chronica viva, porém chronica escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos, e das familias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e conhecidos e de suas familias. Debaixo do mais fútil pretexto tomava a palavra, e enfiava um discurso de duas horas sobre a vida de fulano ou de beltrano.

Por exemplo, conversando-se sobre qualquer objecto acontecia fallar-se em D. Francisca Brites.

— Conheci muito D. Francisca Brites, atalhava immediatamente o incansavel fallador; era mulher de João Brites, filho bastardo do capitão Sanches; em tempo de casada dizião suas cousas della, e a culpa tinha Pedro d' Aguiar, sujeito que não gozava de boa nota, principalmente depois que se metteu abri n' alhada de um testamento falso que attribuirão ao Lourenço da Cunha, que, em abono da verdade, era bom capaz disso, pois era sujeito de mãos limpas. Foi até elle quem furtou de casa a filha de D. Ursula, que foi moça de Francisco Borges, a quem deixou para seguir a Pedro Antunes, que por signal lhe deu bem má vida.

E tambem ella não devia esperar outra cousa d'elle, porque o homem que se atreveu a fazer o que elle fez a tres filhas que tinha, é capaz de tudo. Chegou a pôr pela porta fóra com um

páo as pobres moças depois de as ter espancado desapiadadamente. Entretanto uma dellas foi bem feliz: achou ahi um capitão de navio que tratou della; as outras não, coitadas.....

— Infelizes porque? acudia por acaso algum dos circumstantes; ellas casarão...

— Casarão, sim é verdade, retorquia elle tomando novo folego, porém com que marido? Um tomava moafas de todo o tamanho, o outro gastou tudo quanto tinha no jogo. Couhecios a ambos muito bem...

E por ahi proseguia e internava-se a perder de vista pela geração toda dos dous maridos, e era capaz de gastar nesse trabalho horas inteiras.

Desde o primeiro dia que o padrinho e o afilhado encontráram-se com José Manoel em casa de D. Maria, nenhum dos dous lhe ficou por certo querendo muito bem, e este não querer bem foi crescendo de dia em dia, especialmente pela parte do Leonardo. E o caso é que elle tinha razão; foi o instincto que o avisou de que ali havia um inimigo. Tão exaggerados erão os affagos de José Manoel para com D. Maria, e tanto repartia elle esses affagos com Luizinha, que bem claro se deixou ver que havia nelles fim occulto. Afinal o negocio aclarou-se. D. Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha: se morresse D. Maria, Luizinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse, como José Manoel, em disponibilidade; este pois fazia a côrte á velha com intenções na sobrinha. Quando Leonardo, esclarecido pela sagacidade do padrinho, entrou no conhecimento destas cousas, ficou fóra de

si, e a idéa mais pacifica que teve foi que podia mui bem, quando fosse visitar D. Maria, munir-se de uma das navas-lhas mais afiadas de seu padrinho, e na primeira occasião opportuna fazer de um só golpe em dous o pescoço de José Manoel. Porém teve de aplacar-se e ceder ás admoestações do padrinho, que sabia de todos os seus sentimentos; e que os approvava.



CAPITULO XXII.

ALLIANÇA.

Se Leonardo se affligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o apparecimento e com as disposições de José Manoel, o padrinho não se incommodava menos com isso: vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquelle seu gigantesco plano de mandal-o a Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excellente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão, se as cousas continuassem do mesmo modo, quando chegasse o momento do desfecho das cousas, recusar sua sobrinha a um rapaz que não se occupava em cousa alguma, e que não tinha futuro. Por este motivo muitas vezes instava com o afilhado para que ensaiasse na cara de algum freguez tolo entrar no officio; porém este recusava-se obstinadamente. A comadre, quando alguma vez apparecia por casa do barbeiro, não cessava de insistir no seu antigo projecto de fazer o rapaz entrar para a Conceição. Uma occasião em que nisso fallou diante d'elle, custou-lhe a historia uma forte sarabanda: o rapaz tomára gosto á vida de vadio, e por principio algum que-

ria deixal-a. E se em outras occasiões estava elle desse humor, agora depois dos ultimos acontecimentos, quando o amor e o ciúme lhe occupavão a alma, não queria ouvir fallar em semelhantes cousas; acreditava que a sua melhor occupação devia consistir em dar cabo do rival que se lhe antepuzera.

No meio de tudo isto peor era que José Manoel parecia adiantar-se cada vez mais; astuto como era, insinuava-se de xtramamente no animo de D. Maria e a captivava com attenções de toda a sorte. O compadre começou a banzar sobre o caso, e um dia veio-lhe uma idéa: era preciso pôr a comadre ao corrente do que se passava, e interessal-a no negocio; ella era bem capaz, se quizesse, de arcar com José Manoel, e pôr-o fóra de combate; gozava boa fama de ter geito para *essas cousas*. Com effeito mandou chamar a comadre e expoz-lhe tudo.

Sim! respondeu ella ao ouvir a narração; o caso é este? pois está de cór o tal sujeito: hei de mostrar-lhe para quanto presto. Já hoje mesmo vou visitar a D. Maria.

Mal sabia José Manoel que tormenta se levantava contra elle. Ha muito percebêra elle que Leonardo e seu padrinho o não podia tragar, e mesmo que linhão segundas ténções a respeito de Luizinha, porém nunca lhe passára pela mente que seria mister lutar com elles. Em breve teve de ver que se enganava. A comadre foi, como promettêra, á casa de D. Maria, e achando lá José Manoel procurou fazer-se ostensivamente muito sua camarada, ainda que baixinho, e de vez em quando soltava perto de D. Maria algumas indirectas contra elle.

Quando José Manoel acabava de contar uma historia com todos os detalhes costumados sobre a vida deste ou dequelle, a comadre murmurava, por exemplo:

— Que lingua ! sáfa....

E com estas e outras ia pondo em relevo, sem parecer que tinha tal intenção, o character do adversário.

Além da qualidade de maldizente, José Manoel mentia com um descaro como raras vezes se encontra. D. Maria, amiga de novidades, a além disso muito credula, commungava perfeitamente quanta pêta lhe queria elle embutir. Uma das suas historias mais communs era a que elle intitulava — *O naufragio dos potes*. — Acontecêra-lhe na sua ultima viagem á Bahia, e elle a contava pelo modo seguinte:

« Estavamos quasi a chegar ao ancoradouro; viajava ao lado do meu navio um enorme *perú* carregado unicamente de potes. De repente arma-se um temporal, que parecia vir o mundo abaixo; o vento era tão forte, que do mar, apezar da escuridão, vião se contradansar no espaço as telhas arrancadas da cidade alta. Afinal quando já parecia tudo socegado e começava a limpar o tempo, veiu uma onda tão forte e em tal direcção, que as duas embarcações esbarrarão com toda a força uma contra a outra. Já muito maltratadas pelo temporal que acabavão de supportar, não puderão mais resistir, e abrirão-se ambas de meio a meio: o navio vasou toda a sua carga e passageiros, e o *perú* toda a sua carregação de potes; ficou o mar coalhado delles, em tão grande quantidade os havia ! Os marinheiros e outros passageiros tratárão de agarrar-se a taboas, caixões e outros objectos para se salvarem; porém o unico que se escapou fui eu, e isso devo á feliz lembrança que tive; do pedaço do navio em que tinha ficado dei um salto sobre o pote que boiava mais perto. Com o meu peso o pote mergulhou, e enchendo-se d'agua desapareceu debaixo de meus

pés; porém isto não teve logar antes que eu, percebendo o que ia acontecer, não saltasse immediatamente desse pote para outro. A este outro e a todos os mais aconteceu a mesma causa, porém servi-me do mesmo meio, e assim como a força das ondas os impellia para a praia, vim de pote em pote até á terra sem o menor accidente ! »

Como esta contava José Manoel milhares de historias..

Foi tambem isso um thema de que se serviu a comadre para o desconceituar no animo de D. Maria, sempre, é verdade, muito sorrateiramente.

Veremos quaes forão os resultados que alcançarão o compadre e o Leonardo com a alliança formada com a comadre contra o concurrente á Luizinha.



CAPITULO XXIII.

DECLARAÇÃO.

Enquanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Monoel, Leonardo ardia em ciumes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado que lhe fazião o padrinho e a madrinha. O pobre rapaz via sempre diante de si a detestavel figura de seu rival a desconcertar-lhe todos os planos, a desvanecer-lhe todas as esperanças. Nas horas de socego entregava-se ás vezes á construcção imaginaria de magnificos castellos, castellos de nuvens, é verdade, porém que lhe parecião por instantes os mais solidos do mundo; de repente surdia-lhe de um canto o terrivel José Manoel com as bochechas inchadas; e soprando sobre a construcção, a arrazava n'um volver d'olhos.

Entretanto o que havia de notavel é que Luizinhá, causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indifferente. Leonardo veio a entender, depois de muito meditar, que isto constituia um dos principaes defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manoel, e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate,

quem poderia dizer que o triumpho era completo? Não haja ainda uma segunda campanha a dar contra a indiferença de Luizinha? Daqui concluiu elle que era mister ir já rompendo fogo por esse lado; e como lhe pareceu o de mais importancia, não quiz confiar a nenhum dos alliados o seu ataque, e decidiu-se a dár-lo em pessoa. Devia começar, como o sabe de cór e salteado a maioria dos leitores, que é sem duvida nenhuma muito entendida na materia, por uma declaração em fórma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira sahida é o mais difficil. Todas as vezes que esta idéa vinha á cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhavase-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luizinha quando apparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéas brilhantes; porém mal tinha assentado em que diria isto ou aquillo, e já isto e aquillo lhe não parecia bom. Por varias vezes tivera occasião favoravel para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém nessas occasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas que se apoderava delle, e que não lhe permittia levantar-se do logar onde estava e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Emfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira cousa que lhe viesse á bocca. Luizinha estava no vão de uma janella a espiar para a rua pela rotula; Leonardo approximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou immovel como uma estatua atrás della que, entretida para fóra, de nada tinha

dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia fallar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quizesse tocar no hombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por ahi não ia bem; quiz antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando tambem se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Emfim, um incidente veio tiral-o da diffiuldade. Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se approximava, e tomado de terror que se ver apanhado naquella posição, deu repentinamente dous passos para trás, e soltou um — ah! — muito engasgado. Luizinha, voltando-se deo com elle diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rotula; veio-lhe tambem outro — ah! — porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguem chegasse á sala; os dous levárão algum tempo naquella mesma posição, até que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silencio, e com voz tremula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenxabidamente:

— A senhora... sabe... uma cousa?

E ria-se com uma risada forçada, pallida e tola.

Luizinha não respondeu. Elle repetiu no mesmo tom:

— Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia... Silencio.

— Está bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada ?

Luizinha fez um gesto de quem estava impacientada.

— Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero.. muito bem..

Luizinha fez-se côr de uma cereja; e fazendo meia volta á direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se approximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefacto pela resposta que ella lhe dera, porém não de todo descontente: seu olhar de amante percebêra que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradavel a Luizinha.

Quando ella desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante..

MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILICIAS.

POR

UM BRASILEIRO.

TOMO II.



PELOTAS.

TYP. DO COMMERCIO DE JOAQUIM F. NUNES,

RUA DA IGREJA N. 62.

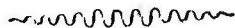


1862.

MEMÓRIAS

DE

UM SARGENTO DE MILÍCIAS.



CAPÍTULO I.

NA COMADRE EM EXERCÍCIO.

Os leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertára-se em laços amorosos com a filha da comadre, e que com ella vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo opportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre) achou-se de *esperanças* e prompta a dar á luz. Já veem os leitores que a raça dos Leonardos não se ha de extinguir com facilidade. Leonardo-Pataca não perdia por modo algum aquellos habitos de ternura com que sempre o conhecemos, e nas actuaes circumstancias, quando elle via ás portas da vida um fructo do seu derradeiro amor, crescia-lhe n'alma aquella violenta chamma do costume; o pobre homem ardia todo por dea-

tro e por fóra, e desfazia-se em carinhos para com sua companheira.

Chegou finalmente o dia de apparecer o desejado resultado: ao amanhecer manifestára os primeiros symptomas. Leonardo levantou logo uma poeira em casa: andava de dentro para fóra pretendendo fazer mil cousas, e sem fazer cousa alguma, atrapalhado e tonto. Mandou chamar a comadre, que prompta acudiu ao chamado, e começaram-se a arranjar os preparativos. Talvez alguns leitores tenham idéa do mundo infinito de arranjos que naquelle tempo se punha em gyro em semelhantes occasiões. A primeira cousa a que o Leonardo-Pataca providenciou foi a que se mandassem dar as nove badaladas no sino grande da Sé. Esta pratica só costumava ter logar quando a parturiente se achava em perigo, porém elle quiz prevenir tudo a tempos e a horas. Mandou-se depois pedir á vizinha, pois por um descuido imperdoavel não havia em casa, um ramo de palha benta; a comadre trouxe um par de bentinhos da Senhora do Monte do Carmo que tinham grande reputação de milagrosos, e o lançou ao pescoço da Chiquinha. Pôz a palha benta ao lado da cabeceira; na sala improvisou-se um oratorio com uma toalha, um copo com arruda e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição de louça, enfeitada com cordões de ouro. Chiquinha, para nada esquecer das regras estabelecidas, amarrou á cabeça um lenço branco, metteu-se embaixo dos lençóis e começou a rezar ao santo de sua devoção. A comadre assentou-se aos pés da cama em uma banquinha, e desunhava tambem em um grande rosario, observando entretanto a Chiquinha, e interrompendo-se a cada instante para dar ordens ao Leonardo-Pataca, e responder ao que fóra

do quarto se dizia.

Leonardo-Pataca, depois de tudo arranjado, quando viu que a única coisa que restava era *esperar a natureza*, como dizia a comadre, poz-se em menores, quero dizer, despiu os calções e o collete, ficou em seroulas e chinellas; amarrou á cabeça, segundo um antigo costume, um lenço incarnado, e poz-se a passear na sala de um lado para outro, com uma cara de fazer dó: parecia que era elle e não Chiquinha quem se achava com dôres de parto. De vez em quanto parava á porta do quarto que se achava cerrada; lançava para dentro um olhar de curiosidade e medo, e abanando a cabeça murmurava:

— Não sirvo para isto.... estas cousas não se dão com o meu genio.... Estou a tremer como se fosse o negocio comigo....

E realmente a cada gemido forte que partia do quarto o homem estremecia e fazia-se de mil côres.

Dentro do quarto a comadre exhortava a padecente, pouco mais ou menos nestes termos:

— Não vos façais de criança, menina.... isso não é nada... é um pão por um olho.... Não tarda ahí um Bemdito, e estais já livre. Estas cousas na minha mão andão depressa. Verdade seja que é o primeiro, e isto causa seu medo, mas não é cousa que valha estares agora tão desanimada; é preciso também ajudar a natureza. « Faze da tua parte que eu te ajudarei ! » São palavras de Jesus Christo.

A padecente estava porém a morrer de susto: nem se moveu á exhortação da comadre. Entretanto o tempo ia passando, e a pobre rapariga a soffrer; já lhe tinha a comadre arranjado

de um modo diverso os bentinhos no peito, já tinha inclinado mais sobre a cama a palma benta, e ainda nada de novo. O Leonardo-Pataca começava a impacientar-se; de vez em quando chegava á porta do quarto, e perguntava com voz esmo-recida:

— Então ?...

— Compadre, respondia a comadre, já lhe disse que não é bom a quem está neste estado estar ouvindo voz de homem: esteja calado e espere lá.

Continuava o tempo a passar: a comadre sahiu do quarto e veio acender uma nova vela benta a Nossa Senhora, e depois de uma breve oração voltou ao seu posto. Tirou então do bolso da saia uma fita azul comprida e passou-a em roda da cintura da Chiquinha; era uma medida de Nossa Senhora do Parto. Depois disse com ar de triumpho:

— Ora agora vamos a ver, porque isto já não vai do meu agrado.... Mas a culpa tambem é sua, menina, já lhe disse que é preciso ajudar a natuzeza. Passou-se ainda algum tempo. De repente a comadre gritou para fóra:

— O' compadre, dê cá lá uma garrafa....

O Leonardo-Pataca obedeceu promptamente. Ouviu-se então dentro do quarto o som que produziria uma boca humana a soprar com toda a força dentro de alguma cousa. Era Chiquinha que por ordem da comadre soprava a morrer de cansaço dentro da garrafa que esta mandára vir.

— Com força, menina, com bem força, e Nossa Senhora não desampara os fieis. Animo; isto o mais que succede é uma vez por anno. Desde que nossa mãe Eva comeu aquella maldita fruta ficámos nós sujeitas a isto.. « Eu multiplicarei os

trabalhos de teu parto. » São palavras de Jesus Christo !

Já se vê que a comadre era forte em historia sagrada.

Ao Leonardo-Pataca tremião-lhe cá fóra tanto as pernas, que não pudera mais continuar no passeio, e achava-se sen-
gado a um canto com os dedos nos ouvidos.

— Soprai, menina, continuava sempre dentro a comadre, soprai com Nossa Senhora, soprai com S. João Baptista, soprai com os Apostolos Pedro e Paulo, soprai com os Anjos e Serafins da Corte Celeste, com todos os Santos do paraíso, soprai com o Padre, com o Filho e com o Espirito Santo.

Houve finalmente um instante de silencio, que foi interrompido pelo choro de uma criança.

— Ora lá vai o mão tempo, exclamou a comadre; bem dizia eu que isto não era mais do que um pão por um olho.... Ah! Sr. compadre, chegue, que é agora a sua vez, venha ver a sua pecurrucha....

-- E' uma pecurrucha !... exclamou o Leonardo-Pataca fóra de si; ora isto é de bom agouro, porque com o outro que sahiu macho não fui feliz.

Rescendeu então pela casa um agradavel cheiro de alfazema; a comadre veio á sala, apagou as velas que estavam acesas a Nossa Senhora; foi depois desatar a fita da cintura da Chiquinha e tirar-lhe do pescoço os bentinhos.

A recém-nascida, enfraldada, encoeirada, encinteirada, entoucada e com um móelho de figas e meias luas, signos de Salomão e outros preservativos de mãos-olhados presos ao cinteiro, passava das mãos de Chiquinha para as do Leonardo-Pataca, que não cabia em si de contentamento; era uma

fôrmosa criancinha, em tudo o opposto de seu irmão paterno o nosso amigo Leonardo, mansa e risonha.

O Leonardo-Pataca recorreu immediatamente á folhinha para ver que nome trazia a menina; porém como este lhe não agradasse, travou logo com Chiquinha uma questão a respeito do nome que se lhe devia dar.

A comadre aproveitou-se disso para dar conta dos ultimos arranjos, e depois envergou a mantilha e sahio para acudir a outras necessitadas.

CAPITULO II.

TRAMA.

Como esta scena que acabamos de pintar tinha a comadre muitas outras todos os dias, porque era uma das parteiras mais procuradas da cidade; gozava grande reputação de muito entendida, e ainda nos casos mais graves era sempre a escolhida com os seus milagrosos bentinhos, a palma benta, a medida de Nossa Senhora, a garrafa soprada, e com a invocação de todas as legiões de santos, de seraphins e de anjos livrava-se ella dos maiores apertos. E ninguem lhe fosse dar regras, que as não ouvia, nem do physico-mór, se nisso se mettesse; era só olhar para uma mulher de *esperanças*, e dizia-lhe logo sem grande trabalho o sexo, o tamanho do filho que trazia nas entranhas, e com uma pontualidade miraculosa o dia e hora em que teria de ver-se desembaraçada; até ás vezes, por certos signaes que só ella conhecia, chegava a dizer qual seria o genio e as inclinações do ente que ia ver a luz. Já se vê que esta vida era trabalhosa e demandava sérios cuidados; porém a comadre dispunha de uma grande somma de actividade; e, apesar de gastar muito tempo nos deveres do officio e na igreja, sempre lhe sobrara algum para

empregar em outras cousas. Como dissemos, ella havia tomado a peito a causa dos amores de Leonardo com Luizinha, e jurára pôr José Manoel, o novo candidato, fóra da chapa.

Começou pois a occupar o seu tempo disponivel nesse grave negocio, e movia uma intriga surdissima e constante contra o rival de seu afilhado. Gozando da intimidade e do credito de D. Maria, não perdia junto della occasião de desconceituar José Manoel, o que era-lhe tanto mais facil quanto elle prestava-se a isso, e D. Maria, de espirito demandista e chicaneiro, dava o cavaco por um mexerico. Eis-aqui uma das que ella armou ao adversario.

Todos sabem nesta cidade onde é o Oratorio de Pedra; mas o que todos talvez não saibão é para que serviu elle em outros tempos. Sem duvida naquelle oratorio havia a imagem de algum santo, e o povo *devoto* ia ali rezar? Exactamente. Mas porque é que hoje não continúa essa pratica, porque apenas se conserva sobre a parede aquellá especie de guarita de pedra, sem imagem alguma, sem luz á noite, e diante da qual passam todos irreverentemente sem tirar o chapéo e curvar o joelho? Primeiro que tudo extinguiu-se isso pela razão porque se extinguirão muitas cousas boas daquelle bom tempo; começárão todos a aborrecer-se de acha-las boas, e acabárão com ellas. Depois houve a respeito do Oratorio de Pedra muito boas razões policiaes para que elle deixasse de ser o que era.

O leitor, que sem duvida sabe muito bem de quanto erão nossos pais crentes, devotos e tementes a Deus, se admirará talvez de ler que houve razões policiaes para a extincção de um oratorio. Entretanto é isso uma verdade, e se fosse ainda

vivo o nosso amigo Vidigal de quem já tivemos occasião de fallar em alguns capitulos desta historieta, poderia dizer quanto garoto pilhou em flagrante delicto, ali mesmo aos pés do oratorio, ajoelhado, constricto e beato.

Quando passava a Via-Sacra e que se acendia a lampada do oratorio, o pai de familia que morava ali pelas vizinhanças tomava o capote, chamava toda a gente de casa, filhos, filhas, escravos e crias, e láo fazer oração ajoelhando-se entre o povo diante do oratorio. Mas se acontecia que o incauto devoto se esquecia da filha mais velha que se ajoelhava um pouco mais atrás e embebido em suas orações não estava á lerta, succedia-lhe ás vezes voltar para casa com a familia dizimada: a menina aproveitava-se do ensejo, e sorrateiramente escapava-se em companhia de um devoto que se ajoelhára ali perto, emburrado no seu capote, e que inda ha dous minutos todos tinham visto entregar fervorosamente ás suas supplicas a Deus.

Aquillo era a execução do plano concertado na véspera ao cahir de Ave-Marias, através dos postigos da rotula. Outras vezes; quando estavam todos os circumstantes entregues á devoção, e que a ladainha entoada a compasso enchia aquelle circuito de contricção, ouvia-se um grito agudo e doloroso que interrompia o hymno; corrião todos para o logar donde partira, e achavão um homem estendido no chão com uma ou duas facadas.

Não levamos ainda em conta as innocentes caçadas que a todo o instante fazião os gaiatos. Eis-aqui pois porque, além de outros motivos, dissemos que tinham havido razões polici-

aes para que se acabasse com as piedosas praticas do Oratorio de Pedra.

No tempo em que se passavão as scenas que temos narrado ainda o Oratorio de Pedra estava no galarim. Um ou dous dias depois do nascimento do segundo filho de Leonardo-Pataca correu pela cidade a noticia de um grande escandalo que se passára nesse logar classico dos escandalos: uma moça, que vivia em companhia de sua mãe, velha rica e devota, indo com ella rezar junto ao Oratorio, na occasião da passagem da Via-Sacra, fugira, tendo levado consigo um pé de meia preta contendo uma boa porção de peças de ouro. Fallara-se muito no caso, não porque fosse naquelle tempo cousa de estranhar-se, mas porque havia um mysterio no successo: ninguém sabia com quem tinha fugido a moça.

D. Maria, como todos, estava anciosa por ver deslindada a questãe, quando lhe appareceu em casa a comadre que a vinha visitar.

D. Maria estava sentada na sua banquinha, tendo diante de si uma enorme almofada de renda carregada com seis ou sete dúzias de bilros, e esmerava-se em fazer um largo pegamento. A seu lado, sentada em uma esteira, cercada por uma porção de negrinhas, crias de D. Maria, estava Luizinha também occupada em fazer renda.

Quando a comadre entrou, D. Maria largou immediatamente a almofada do collo, tirou do nariz e pôz na testa um par de oculos de áros de prata com que trabalhava, e começou logo por tocar no caso que a preoccupava. A comadre fez signal que mandasse retirar Luizinha e as mais crianças; e a conversa caminhou livremente.

— Então que me diz, senhora, da desgraça da pobre velha? Criar a gente uma rapariga com todo o carinho, e no fim ter aquella recompensa !... no meu tempo não se vião cousas destas...

— Que quer; Senhora ? respondeu a comadre; pois foi ali, nas barbas de todos. Não havia um instante que ella havia chegado com a velha, e que se tinham todas duas ajoelhado ao pé de mim...

— Ao pé da comadre ? Pois a comadre estava lá ?...

— Estava... que antes não estivesse...

— Mas o diabo, senhora, accrescentou D. Maria, é ninguém saber quem foi o maldito que fugiu com ella...

— A comadre interrompeu, dando uma risadinha sardonica.

— Tenho perguntado a todos, e ninguem sabe dizer-me.

— E' porque todos estavam cegos...

— Como ?

— Mas não o estava eu, por mal de meus peccados, que antes estivesse...

— Pois viu e sabe com quem foi... disse D. Maria, remexendo-se de prazer em cima da banquinha.

A idéa de poder saber de uma novidade que todos ignoravam encheu-a de contentamento.

— Mas então quem foi, vamos; quero saber quem foi o ladrão da moça e do dinheiro....

— Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, se me prometterdes guardar todo o segredo, que o caso é muito serio.

— Ora bem sabe que eu... é o mesmo que cahir a'um poço.

Apezar de estarem sós, a comadre inclinou-se ao ouvido de

D. Maria, e disse-lhe o mais baixinho que pôde:

— Foi o nosso grande camarada... a boa peça do José Manoel....

— O que é que diz, comadre ?

— Vi, respondeu esta, arregalando com dous dedos os olhos, com estes que a terra ha de comer... Se elles estavam ao pé de mim...

D. Maria ficou por algum tempo muda de estupefacção.

CAPÍTULO III.

DERROTA.

Aquellas ultimas palavras da comadre produzirão sobre D. Maria o effeito de um raio: a velha remexeu-se na banquinha, tomada do maior desapontamento.

— Ora comadre, exclamou depois da primeira emoção, esta não lembra ao diabo... por isso eu sigo a regra antiga de me não fiar em cousa que traz calções... Sasa... que esta pôz-me sal na moleira.

A comadre, vendo estas boas disposições, aproveitava-se dellas para fazer melhor o seu papel, e respondeu:

— Pois tambem o que se havia de esperar de um sujeito como aquelle?... um homem que não abre a boca que não minta... que tem uma lingua de Lucifer?... Quem contasse com aquillo era mesmo para se perder.

— E' verdade, senhora; nunca vi mentiroso, nem maldizente maior.....

Nunca D. Maria até então tinha encontrado em José Manoel as qualidades que agora lhe descobria tanto em relevo.

— Se eu fosse parente da rapariga havia pôr uma demanda ao tal diabo que o havia ensinar.... Por isso é que elle me não apparecia por cá ha tanto tempo..... andava cuidando nos seus arranjos.

Mal tinha D. Maria acabado de pronunciar estas ultimas palavras quando se ouviu bater á porta, e a voz de José Manoel pedir licença.

— Ahi está elle... segredo... não quero que se saiba que fui eu, disse a comadre apressada.

— Ora, respondeu D. Maria, eu cá para isso sou boa.

José Manoel entrou. D. Maria, que não costumava guardar o que sentia, recebeu-o friamente; a comadre porém fez-lhe um rasgado cumprimento.

— Seja bem apparecido, disse, bons olhos o vejão.

— Tenho andado ahi occupado com alguns arranjos.....

— Arranjos... disse D. Maria trocando com a comadre um olhar significativo.

José Manoel, innocente em tudo, ficou pasmo, sem entender o que queria aquillo dizer; entretanto, segundo o costume, não perdeu occasião de armar uma peta.

— Sim, uns arranjos, accrescentou; houve um negocio muito serio em que estive mettido, e que me ia dando bem que fazer; sinto não lhe poder contar, porque é segredo.

A comadre fez um gesto, como quem queria dizer — ahi vem uma peta; D. Maria, porém, que estava preoccupada pela conversa que ha pouco tivera, entendeu que José Manoel se referia ao roubo da moça; e abanando a cabeça, disse por entre os dentes:

-- Hum..., entendo...

A comadre estremeceu temendo que D. Maria não dêsse com a lingua nos dentes, e que a questão do roubo da moça tivesse de ser averiguada em sua presença; porque nesse caso seria ella apanhada em flagrante mentira, e estava tudo perdido. Começou portanto a provocar a José Manoel a que declarasse qual era o negocio sério em que estivera mettido; contava com algumas das petas continuadas, e assim se desviaria a conversa do ponto que ella não queria ver tratado em sua presença.

Deixemo-la nesse empenho lutar com as negações e fingidos mysterios de José Manoel.

Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notavel se começou a operar em Luizinha, a cada hora se tornava mais sensivel a differença tanto do seu physico como do seu moral. Seus contornos começavam a redondar-se; seus braços, até ali finos e sempre cahidos, engrossavão-se e tornavão-se mais ageis; suas faces magras e pallidas, enchião-se e tomavão essa côr que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se agora graciosamente; os olhos, até aqui amortecidos, começavão a despedir lampejos brilhantes; fallava, movia-se, agilava-se.

A ordem de suas idéas alterava-se tambem; o seu mundo interior, até então acanhado, estreito escuro, despovoado, começava a alargar os horizontes, a illuminar-se, a povoar-se de milhões de imagens, ora amenas, ora melancolicas, sempre porém bellas.

Até então indifferente ao que se passava em torno de si parecia agora participar da vida, de tudo que a cercava; gas-

lava horas inteiras a contemplar o céu, como se só agora tivesse reparado que elle era azul e bello, que o sol o illuminava de dia, que se recamava de estrellas á noite.

Tudo isto dava em resultado, pelo que diz respeito ao nosso amigo Leonardo, um augmento consideravel de amor; tambem elle foi o primeiro que deu fé daquellas mudanças em Luizinha. Entretanto, apesar de lhe crescer o amor nem por isso lhe nascião mais esperanças

Depois da declaração não se tinhã adiantado nem mais uma pollegada, e a unica talvez que o alentava, era um certo rubor que subito subia ás faces de Luizinha quando acontecia (raras vezes) que se encontrassem os olhos della com os seus. A somma total destas addições era uma raiva que lhe crescia n'alma, augmentando todos os dias de intensidade contra José Manoel, a quem em seus calculos attribuia todo o seu atrazo.

Dadas estas explicações, voltemos a dar conta do resto da scena que deixámos suspensa.

A força de instancias a comadre conseguiu que José Manoel referisse qual o negocio de alto segredo em que se tinha echado envolvido.

— Pois bem, disse elle finalmente, se promettem toda a discrição, contarei.

— Ora, nem tem que recommendar isso.

Com as negaças e mysterios que tinha guardado até então, José Manoel não fizera mais do que ganhar tempo para imaginar a mentira que havia de pregar: a comadre contava com isso.

Elle começou:

— Saibão Vms. que fui um destes dias chamado a palacio...

— Ui ! exclamou a comadre.

— Ah! está o resultado, disse D. Maria; mas não se pagão na outra vida, é mesmo nesta.

— Resultado de que ? perguntou José Manoel surpreso.

— De nada; continue.

José Manoel enfiou então tomando por thema aquellas primeiras palavras que lhe tinham vindo á boca, uma mentira muito sem sabor, que nós poupamos aos leitores. Não forão porém satisfeitas as vistas da comadre, que queria desviar a conversa do furto da moça.

Terminada a historia, José Manoel começou a instar com D. Maria para que lhe dêsse explicação das palavras duvidosas que ha pouco havia dito a seu respeito. A comadre, assim que viu o negocio neste pé, foi tratando de retirar-se, depois de trocar com D. Maria um olhar que queria dizer: — não me comprometta.

D. Maria a principio quiz sustentar o segredo; afinal não se pôde conter, e soltou contra José Manoel uma grande aliantina, dizendo que toda a cidade estava cheia do horroroso escandalo que elle acabava de commetter roubando uma filha familia.

O homem foi ás nuvens, e jurou e tresjurou que estava innocente em tudo aquillo. Nada porém lhe valeu.

D. Maria foi inflexivel.

Protestou de novo que se ella fosse parenta da moça o Snr. José Manoel se havia de ver em calças pardas com o negocio; e terminou por dar-lhe a entender que elle era um homem muito perigoso para ser admittido em uma casa de familia.

José Manoel sabiu completamente corrido e scismando em

quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga.

Quanto a D. Maria, ficou muito satisfeita, pois tendo no seu character um grande fundo de honestidade, julgava ter feito uma boa acção rompendo com José Manoel, que ficára com effeito, como o calculára a comadre perdendo muito no seu conceito.

CAPITULO III.**O MESTRE DE REZA.**

Tudo que ultimamente se passára em casa de D. Maria havia posto a andar á roda a cabeça de José Manoel; conheceu que tinha ali inimigo, fosse quem fosse, pois que aquillo não passava certamente de intriga que lhe tinham armado. Restava-lhe porém saber quem seria esse inimigo; e por mais que dêsse voltas ao miolo não atinava com elle. Pelo genero da intriga conheceu que a causa do que lhe fazião era seguramente a sua pretensão a respeito de Luizinha, que sem duvida tinha sido percebida; começou a suspeitar que tinha de haver-se com um rival. Na roda que frequentava a casa de D. Maria ninguém via que lhe parecesse poder estar nesse caso: passou-lhe muitas vezes pela lembrança o moço Leonardo; porém achava-o incapaz de se metter nessas cousas.

Assim são os velhacos !! Quantas vezes estão tocando o inimigo com as mãos, e não o vêem, e não o sentem !

Partisse porém donde partisse o golpe que o ferirá, o caso é que fôra dado certo, e a duas mãos.

D. Maria, extremosa em suas affeições, como em seus odios, consentiria com immensa difficuldade na rehabilitação de José Manoel; entretanto elle não esfriou por isso, e pôz mãos á obra. Por uma singularidade, assim como Leonardo tinha achado na comadre uma protectora á sua causa, tambem José Manoel achou um procurador para a sua.

Vamos já dizer aos leitores quem era o procurador de José Manoel.

Havia no tempo em que se passam estas scenas *instituições* muito curiosas no Rio de Janeiro; algumas erão notaveis por seu fim, outras por seus meios. Entre essas umas havia de que ainda em nossa infancia tivemos occasião de ver alguns des-
{foços, era a instituição dos mestres de reza.

O mestre de reza era tão acatado e venerado naquellê tempo como o proprio mestre de escola; além do respeito ordinariamente tributado aos preceptores, dava-se uma circumstancia muito notavel, e vem a ser que os mestres de reza erão sempre velhos e cegos. Não erão em grande numero, por isso mesmo vivião portanto em grande actividade, e ganhavão soffrivelmente. Andavão pelas casas a ensinar a rezar aos filhos, crias e escravos de ambos os sexos.

O mestre de reza não tinha traje especial: vestia-se como todos, e só o que o distinguia era ver-se-lhe constantemente fóra de hum dos bolsos o cabo de uma tremenda palmatoria, de que andava armado, compendio unico por onde ensinava a seus discipulos.

Assim que entravão para a lição reunia em um semi-circulo diante de si todos os discipulos; puxava do bolso a tremenda

querula, collocava-a no chão, encostada á cadeira onde se achava sentado, e começava o trabalho.

Fazia o mestre em voz alta o pelo-signal, pausada e vagarosamente, no que o acompanhavão em côro todos os discipulos. Quanto a fazerem os signaes era elle quasi sempre logrado, como facilmente se concebe, porém pelo que toca á repelição das palavras, tão pratico estava que, por maior que fosse o numero dos discipulos, percebia no meio do côro que havia faltado esta ou aquella voz, quando alguém se atrevia a deixar-se ficar calado. Suspendia-se então immediatamente o trabalho, e o culpado era obsequiado com uma remessa de bôlos, que de modo nenhum dosmentião a reputação do que goza a pancada de cego. Feito isto, recommençava o trabalho, voltando-se sempre ao principio de cada vez que havia um erro ou falta. Acabado o pelo-signal, que com as diversas interrupções que ordinariamente tinha gastava boa meia hora, repetia o mestre sózinho sempre e em voz alta e compassada a oração que lhe aprazia; repelião depois o mesmo os discipulos do primeiro ao ultimo, de um modo que nem era fallado nem cantado; já se sabe, interrompidos a cada erro pela competente remessa de bôlos. Depois de uma oração seguia-se outra, e assim por diante, até terminar a lição pela ladainha cantada.

Ao sahir recebia o mestre uma pequena esportula do dono da casa.

D. Maria, tendo em sua casa um numero não pequeno de crias, não se dispensava de ter, como todos que escravão em suas circumstancias, o seu mestre de reza. Era este um cego muito afamado pelo seu excessivo rigor para com os discipulos, e por consequencia um dos mais procurados; nesse tempo

exigia-se antes de tudo essa qualidade. Tinha também outro merito: corria a seu respeito a fama de bom arranjador de casamentos.

Eis-ahi o procurador de José Manoel.

José Manoel já antes o tinha posto de mão, e agora que se viu em perigo recorreu a elle; expôz-lhe o caso, communicou-lhe suas intenções, e pediu-lhe a sua cooperação. Fez-lhe sentir sobretudo que havia um rival a combater, e muito temível, pois que não era conhecido. O velho começou então a tomar as mais minuciosas informações, e depois de calcular por algum tempo disse:

— Já sei com quem me tenho que haver....

— Então com quem é?... acudiu José Manoel apressado.

— Vá descansado, não se importe com o resto.

— Mas, homem, olhe que é preciso muito cuidado; porque, quem quer que é, é fino como os trezentos.....

— Ora qual... historias desses arranjos entendo eu dormindo, e vejo nisso, sendo cego, melhor do que muitos com seus olhos perfeitos.

— E' uma cousa que me põe á roda o miolo não poder descobrir quem se intromette nos meus negocios... olhe que a entrega do furto da moça foi de mestre.

— Eu também sou mestre, e veremos quem ensina melhor. Ficarão os dous nisto; e o cego pôz mãos á obra.

Devemos prevenir ao leitor que a causa em semelhantes mãos, se não se podia dizer decididamente ganha, pelo menos ficava arriscada; e o que vale é que do outro lado estava a comadre.

O velho começou o seu trabalho em regra: logo na primeira

noite que foi dar lição á casa de D. Maria começou por fazer cahir a conversa a respeito do roubo da moça, e deu a entender que sabia do caso e conhecia perfeitamente quem tinha sido o autor d'elle. D. Maria disse tambem que sabia quem era, o que até o conhecia muito. O velho sorriu-se, deixando apenas escapar em tom de duvida um significativo — Qual.... — D. Maria franziu o sobr' olho, levantou os oculos e exclamou:

— Pois então pensa que eu ando atrazada nestas cousas?... Ora deixe-se... Sei quem foi, e sei muito e muito bem. E' um pedaço de mariola com cara de sonso, que só me ha de morar em casa se eu algum dia fôr carcereira.

— E' isso tudo, mas a Sra. D. Maria não conhece o homem digo-lhe eu, que tambem ando ao facto deste negocio todo.

— Bem sei bem sei... mas olhe que eu tambem soube de parte muito certa... e não ha nada mais facil do que ver quem está enganado... Diga lá o senhor quem foi.

— Oh ! não ! isso nunca, exclamou apressadamente o velho pondo-se em pé; nada, eu cá não quebro segredo de ninguem.

D. Maria remexeu-se toda de afflicção; e por mais que instasse nada pôde arrancar do velho que, para fazer melhor o seu papel, foi-se logo retirando, dando assim a entender que queria cortar a conversa naquelle ponto.

Quando mais não tivesse conseguido, o velho tinha ao menos lançado a duvida no espirito de D. Maria a respeito do facto, que era para ella a pedra e escandalo contra José Manoel.

CAPITULO IV.**TRANSTORNO.**

Emquanto todas estas cousas se passavão, um triste successo, e da mais alta importancia, veio alterar a vida de Leonardo, ou transtorna-la mesmo: o compadre cahiu gravemente enfermo. A principio a molestia pareceu cousa de pouca monta, e a comadre, que foi a primeira chamada, pretendeu que todo o incommodo desappareceria dentro de dous dias, tomando o doente alguns banhos de alecrim. Nada porém se conseguiu com a receita; o mal continuou. Recorrêrão então a um boticario conhecido da comadre, que juntára ao seu mister, não sabemos se com permissão das leis ou sem ella, o mister de medico.

Era um velho, filho do Porto, que aqui se viera estabelecer ha muitos annos, e que ajuntára no officio boas patacas. Apenas chegou e viu o doente declarou que em poucos dias o poria de pé; bastava que elle tomasse umas pilulas que lhe ia mandar da sua botica: erão um santo remedio, segundo dizia, mas custavão um bocadinho caro, porém valia a vida de

um homem. A comadre quando ouviu fallar em pilulas fran-
ziu a testa.

— Pirolas, disse comsigo; então o negocio é sério; e eu,
que tenho má fé com pirolas; ainda não vi uma só pessoa que
as tomasse que escapasse.

E avermelhárão-se-lhe immediatamente os olhos.

O boticario retirou-se levando comsigo o Leonardo, que
trouxe as pilulas. A comadre, olhando para ellas, abarou a
cabeça.

— Ora, disse, eu pensei que elle mandasse dar alguns ban-
hos; cá por mim com alecrim havia de pol-o bom.

A comadre tinha razão até certo ponto, pois que no fim de
tres dias, depois de feitos todos os preparos religiosos, o com-
padre deu alma a Deus.

D. Maria tinha sido chamada nesse mesmo dia, e compare-
ceu com Luizinha e com todo o seu batalhão de crias; tinham
vindo tambem algumas outras pessoas da vizinhança.

Estavão todos sentados em um grande canapé, na varanda,
e conversavão muito entretidos sobre os objectos mais diver-
sos; algumas achavão mesmo na conversação motivo para boas
risadas; de repente abriu-se a porta do quarto, e a comadre
sahiu de dentro com o lenço nos olhos, soluçando desabrida-
mente e repetindo em altos gritos:

— Bem dizia eu que tinha pouca fé nas pirolas; está para
ser o primeiro que eu as veja tomar e que escape... Coitado
do compadre... tão boa creatura... nunca me constou que fi-
zesse mal a ninguem...

Estas palavras da comadre forão o signal de rebate dado á
dôr dos que se achavão presentes; desatou tudo a chorar, e

cada qual o mais alto que podia. O Leonardo soffreu um grande choque, e no meio do seu atordoamento encolheu-se em cima do canapé com a cabeça sobre os joelhos, chegando-se, *naturalmente* sem o querer, porque a dôr o perturbava, o mais perto possível de Luizinha. Continuarão as mais no seu côro de pranto dirigidos pela comadre; mas não se contentavão só com o pranto, soltavão também algumas vezes exclamações em honra do defunto.

— Sempre foi muito bom vizinho, nunca tive escandales d'elle, dizia uma.

Era a vizinha que augurava máo fim ao Leonardo, e com quem o compadre brigára por este motivo umas poucas de vezes.

— Boa alma, dizia D. Maria, boa alma; havia de ser como elle quem quizesse ter boa alma.

— Eu que lidei com elle, dizia a comadre, é que sei o que elle valia; era uma alma de santo n'um corpo de peccador.

— Bom amigo...

— E muito temente a Deus...

Prolongada esta scena por algum tempo, despedirão-se algumas pessoas, outras ficarão ainda. Foi serenando o pranto, e dahi a pouco D. Maria, enxugando ainda os olhos, explicava detalhadamente a uma outra senhora que se achava junto della a historia genealogica de cada uma de suas crias que se achavão presentes.

Finalmente retirárão-se todos, excepto D. Maria, a sua gente e a comadre, que estava desde que o compadre adoecêra tomando conta da casa.

Approximou-se a noite; acenderão-se velas junto do defun-

to; fizerão-se todos os mais arranjos do costume.

D. Maria e a comadre começaram a conversar, porém baixinho.

Então, senhora, principiou D. Maria, este homem não havia morrer assim sem ter feito seu testamento; pois elle não havia de querer deixar no mundo o afilhado ao desamparo para os ausentes se gozarem do que a elle lhe custou tanto trabalho.

— A mim, respondeu a comadre, nunca me fallou em semelhante cousa; mas enfim, como isso são lá negocios de segredo... talvez.

— Seria bom procurar-se; talvez em alguma gaveta por ahí se ache; é impossivel que o *defunto não dispuzesse sua vida*; bem vezes lhe aconse-lhei eu semelhante cousa.

— Tem razão, D. Maria, eu acho tambem que deve haver alguma cousa.

E forão as duas tratar de procurar o testamento nas gavetas de uma grande commoda que havia no quarto do defunto. Em quanto nisso se occupavão, Luizinha e Leonardo conversavão, ou antes cochichavão, como se diz vulgarmente. O que elles se dizião não posso dizel-o ao leitor, porque o não sei; sem duvida a rapariga consolava o rapaz da perda que acabava de soffrer na pessoa do seu amado padrinho.

Finalmente as duas achárão com effeito um testamento, e ficarão com isso muito satisfeitas.

Voltárão á varanda e surprenderão os dous no melhor da sua conversa. A comadre vendo-os sorriu-se, e D. Maria, fazendo sem duvida a respeito do que estavão elles fallando o mesmo juizo que nós, disse enternecida:

— Ella tem muito bom coração!

— E o delle não é peor, respondeu a comadre.

E accrescentou com intenção:

— Estava um bom casál.

— Oh! senhora, disse D. Maria com ingenuidade, deixe a menina, que ainda é muito cedo...

— Tambem não digo já, mas a seu tempo.

D. Maria sorriu-se com um sorriso de quê a comadre não desgostou. Mudarão de conversa.

Passou-se a noite; no outro dia sahio o enterro com todas as formalidades do estylo. Depois disso tratou-se de resolver uma importante questão: para a companhia de quem iria o Leonardo? A abertura do testamento feita nesse mesmo dia resolveu a questão. O compadre havia instituido a Leonardo por seu universal herdeiro. A comadre informou de semelhante cousa ao Leonardo-Pataca, e este apresentou-se para tomar conta de seu filho. Não pareceu o rapaz muito satisfeito com a graça: não sei como veio-lhe á idéa aquelle pontapé que o fizera fugir de casa; além disso rarissimas vezes vira depois disso a seu pai, e estava completamente desacostumado delle. Não havia porém outro remedio; foi preciso obedecer e acompanhá-lo para casa, onde encontrou sua pequena irmã, e quem a puzera no mundo.

O Leonardo-Pataca começou a cuidar no testamento como homem entendido na materia, e em pouco tempo deu volta a tudo aquillo.

Cumpre notar que se em vida do compadre corrião boatos que parecião exagerados a respeito do que elle possuia, quando morreu pôde ver-se que esses boatos tinham ainda ficado

muito áquem da verdade, pois deixára elle um bom par de mil cruzados em especie. Entregues alguns legados de pouca monta, etc. tudo o mais veio a cair nas mãos do Leonardo-Pataca como herança de seu filho.

Nos primeiros dias tudo forão flôres por casa de Leonardo-Pataca, ainda que, para fallar a verdade, desde a primeira vista não sympathisára muito o moço Leonardo com a cara do objecto dos novos e ultimos cuidados de seu pai.

A comadre assentou que devia substituir ao compadre no amor pelo afilhado, e determinou-se a vir morar com elle em casa de Leonardo-Pataca; assim ficava também reunida á sua neta. O Leonardo-Pataca, que era condescendente, esteve pelo caso, e reuniu-se desse modo á familia toda.

Tudo forão flôres a principio, como dissemos; o moço Leonardo e a comadre continuárão as suas visitas por casa de D. Maria; e digamol-o já, o rapaz e a rapariga ião pondo as mangas de fóra; verdade seja que José Manoel trabalhava ajudado do seu cego mestre-de-reza, e não perdia também as esperanças.

Pouco tempo durou o socego em casa de Leonardo-Pataca; Chiquinha (tal era o nome da Ilha da comadre) começou a embirrar com o seu filho adoptivo; este que, como dissemos, não sympathisára muito com ella, começou uma balburdia de todos os peccados. Todos os dias travavão-se por qualquer ponta, e lá ia tudo pelos ares. O Leonardo-Pataca e a comadre fazião o papel de conciliadores, mas os dous erão ambos altanadissimos, e muitas vezes o conciliador sahia mal servido, porque aquelle a quem não dava razão se revoltava contra elle. Se era por exemplo a comadre, e dava razão a Leo-

nardo. acudia a filha queixando-se de que sua mãe a abandonava para tomar o partido do afillado: se pelo contrario dava razão a Chiquinha, acudia o Leonardo queixando-se de que desgraçado era o filho sem mãe, pois nunca achava quem lhe desse razão. Outro tanto acontecia ao Leonardo-Pataca quando se mettia a apaziguar os dous.

Os negocios assim vão mal, pois mais dia menos dia haveria grande barulho em casa.

CAPITULO VI.

PEIOR TRANSTORNO.

Um dia o Leonardo recolhêra-se para casa muito mortificado, pois que tendo ido visitar D. Maria estivera com ella longo tempo sem que Luizinha lhe tivesse apparecido; de maneira que lhe fôra forçoso no fim de algumas horas retirar-se sem vê-la. Quem já teve um namoro, por menos serio que seja, e que levou um logro destes; quem se viu obrigado a aturar por muito tempo a conversação de uma velha, tendo de concordar com ella em tudo e por tudo para não incorrer-lhe no desagrado, só com o fim de trocar com *alguem* um olhar rapido, um sorriso disfarçado ou outra cousa assim, e que por fim de contas nem isso mesmo conseguiu, ha de concordar que o Leonardo tinha toda a razão de estar ardendo com o que lhe succedêra, e o desculparia de qualquer arrebatamento que na occasião o acommettesse. Ha espiritos porém de tal maneira *serrazinas*, que se divertem em augmentar a irritação alheia, e que quando mais enfiado pilhão um infeliz, tanto mais gostão de atirar-lhe alfinetadas.

Chiquinha, a amante de Leonardo-Pataca, era de um genio assim; e depois que moravão todos juntos, não perdia uma só dessas occasiões em virtude da antipathia que tinha ao rapaz, para fustigar de lingua ao pobre Leonardo. Este, de um genio colerico e pouco acostumado a ser contrariado, ia as nuvens com semelhante cousa; e se em occasiões ordinarias em que estava de bom humor erão constantes as brigas em casa, calcule-se o que não faria nas occasiões como naquella a que nos referimos, que estivesse cheio de razões, e então por que motivo! Vendo Chiquinha entrar o Leonardo pela porta dentro de cara amarrada e sem dar — *Deus te salve* — a ninguém, sorriu-se com malignidade e concertou a garganta, dizendo entre dentes:

— Melhor cara traga o dia de amanhã.

Leonardo, que percebera o que aquillo queria dizer, fez um gesto arrebatado sentando-se em uma cadeira, porém com tanta infelicidade, que atirou ao chão uma almofada de renda que se achava junto d'elle: com a quêda rebentárão-se os fios, e uma porção de bilros rolou pela casa. Por maior infelicidade ainda a almofada era de Chiquinha, e Chiquinha tinha grandes ciumes pela sua almofada. Levantou-se ella do seu logar já fervendo de raiva; poz as mãos nas cadeiras, e balançando a cabeça á medida que fallava, exclamou:

— Ora dá-se um desaforo de tamanha grandeza?... vir da rua com os seus azeites, todo esfogueteado, e de proposito, e muito de proposito, fazer-me o que estão vendo, só para me desfeitear, como se fosse aqui um dono de casa que pudesse desfeitear a qualquer sem que nem para que!...

Leonardo ouvia tudo sem interromper, procurando sopear

a raiva; e enquanto Chiquinha tomava folego, respondeu com voz tremula e intercoitada:

— Não se metta com a minha vida, porque eu também não me importo com a sua; se estou com os azeites....

— Ah bom covado e meio! atalhou Chiquinha, ah bordo da náó!... ah major Vidigal!...

— Já lhe disse....

— Qual já lhe disse, nem meio já lhe disse!... namorado sem ventura....

Estas palavras fizeram o effeito de uma fиска em um barril de pólvora. Avançou o Leonardo para Chiquinha com os punhos cerrados e espumando de colera.

— Se me diz mais meia palavra.... perco-lhe o respeito.... eu nunca lhe dei confiança; e apesar de ser a senhora lá o quer que é de meu pai.... perco-lhe o respeito....

— Você sempre mostra que tem raça de saloio, disse Chiquinha empertigando-se e sem recuar um passo.

O Leonardo-Pataca, que estava no interior da casa, acudiu apressado ao barulho, e veio achar os dois ainda em attitude hostil; vendo o filho quasi não quasi desfeitear o adorado objecto de seus derradeiros affectos, não trepidou em desbaratar com elle.

— Pedaco de mariola.... pensas que isto aqui é como a casa de teu padrinho donde sahiste.... quero aqui muito respeito a todos.... do contrario.... se já uma vez te dei um pontapé que te fiz andar muitos annos por fóra, dou-te agora outro que te ponha longe daqui para sempre....

Nunca pensei, interrompeu Chiquinha dirigindo-se ao Leonardo-Pataca, querendo afear mais o caso; nunca pensei que

na sua companhia se viesse a soffrer semelhante cousa....

— Não faças caso, menina, isto é um pedaço de mariola a quem hei de ensinar; por causa de ninguem dou-lhe eu uma roda, se não por tua causa...

— Por causa della !... atalhou o rapaz; tinha que ver ! ha de lhe dar bom pago; tão bom como a cigana....

— Mas nunca lhe hei de dar, acudiu Chiquinha enfurecida com este insulto; nunca lhe hei de dar o que lhe deu tua mãe....

Com isto o Leonardo-Pataca desacoreçou completamente; que diluvio de amargas recordações não fizeram tão poucas palavras cahir sobre sua cabeça !

— Espera, maltrapilhó, espera que te ensino, exclamou vermelho de colera; espera que te ensino....

E entrando repentinamente no quarto da sala, sahio de lá armado com o espadim do uniforme, e investiu para o filho. Convem dizer que o espadim ia embainhado.

— Não se ponha a perder por minha causa, exclamou Chiquinha agarrando-o pela camisola de chita com que elle estava vestido.

Era inutil porém o medo de Chiquinha, porque o rapaz, vendo que o negocio ia-se tornando feio, tendo-lhe ficado um terror instinctivo do pai depois daquelle pontapé que nunca lhe sabira da memoria, tinha-se posto ao fresco na rua, fechando a rotula sobre si.

— Ah ! maroto, disse ainda o Leonardo-Pataca, que te havia desancar....

O Leonardo que fugia por um lado e a comadre que entrava por outro, pois estivera ausente durante toda a scena. Apenas

foi largando a mantilha e viu os dous actores que tinham ficado em scena ainda nas posições do ultimo quadro, tratou de indagar qual fôra o drama que se acabava de representar.

— Ora foi uma das costumadas do afilhado dos seus amores, respondeu Chiquinha, ainda não socegada.

— Porém ia-lhe sabindo cara desta vez, acudiu Leonardo-Pataca.

— Pois devêras atalhou a comadre indignada; pois devêras o compadre estava armado de espada para dar no rapaz ?

— Olá ! que levava tão duro como osso !

Mas então porque ? quantas mortes fez elle de uma vez ? onde é que pôz fogo na casa ? Triste cousa é um filho sem mãe !... Aposto que se eu cá estivesse nada havia de succeder ?...

— Sim, respondeu Chiquinha, porque logo havia de tomar as dores por elle, segundo é seu costume. Ahi está; muitos filhos teem mãe, e entretanto ellas servem-lhe para isto: tomam as dores por outros, e deixão-nos de banda.

— Qual ! historias ! é que tudo leva seu bocado de máo caminho.

— Oh ! senhora ! atalhou Leonardo-Pataca, se isto vai assim, não ha um momento de socego nesta casa; acabada uma, começa outra; o que não ha de dizer esta vizinhança ? Olhem que isto aqui é casa de um Official de Justiça.

— Mas emfim, disse a comadre, onde está o rapaz ? onde é que o enterrão ?

— Sabiu por ali desencabrestado, e tomára que cá não volte.

— Ora es. . . herito ! Oh ! mas isto não pôde ser assim; cor-

rerem com o rapaz de casa para fóra!... Elle não é nenhum desgraçado, pois sempre tem o que lhe deixou seu padrinho.

— Essas e outras é que o puzerão a perder.

— Sim, mettão-lhe fumaça de rico na cabeça, e hão de ver no que dá.

— Coitado, disse lamentando a comadre, aquelle nasceu com má sina.

E tomando de novo a mantilha, sahio com as lagrimas nos olhos em procura de Leonardo.

Ao sahir escoravão-na á janella tres ou quatro vizinhas.

— Então o que é que fizerão ao moço?

— Que foi isso, Sra. comadre?

— Elle passou por aqui pondo dez leguas por hora.

— Deixe-me, deixe-me, respondeu a comadre, que isto não acaba bem.

CAPÍTULO VII.

REMÉDIO AOS MALES.

O pobre rapaz sahira, como dissemos, pela porta fóra, e caminhando apressadamente olhava de vez em quando para trás, pois julgava ver ainda enristado contra si o espadim com que o pai o ameaçára, que parecia com elle querer acabar a obra que com um pontapé começára. Andou a bom andar por largo tempo, e foi dar comsigo lá para as bandas dos Cajueiros: cansado, offegante, sentou-se sobre umas pedras, e quem o visse com ar tristonho e pensativo julgaria talvez que elle scismava na sua posição e no caminho que havia tomar. Pois enganava-se redondamente quem tal julgasse: pensava em cousa muito mais agradável; pensava em Luizinha. Pensando nella não podia, é verdade, abster-se de ver surgir diante dos olhos o terrivel José Manoel; e isto explicava certos movimentos de impaciencia que de vez em quando se lhe podião observar. Tinha gasto largo tempo nesta meditação, quanto foi repentinamente acordado por umas poucas de gargalhadas partidas detrás de umas moitas vizinhas. Estre-

meceu da cabeça aos pés; pareceu-lhe que lhe tinham lido os pensamentos que lhe passavam pela mente e que se rião delle. Voltou-se, nada viu; guiado por um rumor que ouvia, começou a procurar, e sem grande trabalho viu, atrás de umas moitas um pouco altas, uns poucos de rapazes e raparigas, que, assentados em uma esteira entre os restos de um jantar, debruçavam-se curiosos sobre dous parceiros que, com um baralho de cartas amarrotado e sujo, desencabeçavam uma intrincada partida de bisco. As gargalhadas que ouvira ha pouco tinham sido a consequencia de um capote que um delles acabava de levar. A vista daquelles restos de um jantar, que, se não parecia ter sido abundante, fez-lhe lembrar que sahira de casa na occasião de pôr-se a mesa, deu-lhe então o estomago umas formidaveis badaladas. Tentou entretanto voltar, porque não se queria metter em festa alheia, quando, levantando um dos jogadores a cabeça, conheceu nelle um seu antigo camarada, o menino que fôra sacristão da Sé. Ainda que apezar disso se quizesse retirar, já era tarde, porque com o movimento que fizera, o jogador, dando com elle, o havia tambem conhecido.

— Olá Leonardo! porque carga d'agua vieste parar a estas alturas? Pensei que te tinha já o diabo lambido os ossos, pois depois daquelle maldito dia em que nos vimos em pancas por causa de mestre de ceremonias, nunca mais te puz a vista em cima.

Leonardo chegou-se ao rancho, e trocados os cumprimentos com o seu antigo camarada, foi convidado a servir-se de alguma coisa do que ainda havia. [Quiz fazer cerimonia, mas não eslava em circumstancias disso: uma das moças serviu-o

e enquanto continuava a bisca, comeu elle a barrete fóra.

— Escorropicha essa garrafa que ahi resta, disse-lhe o amigo, e vê se o vinho tem o mesmo gosto daquelle que em outro tempo escorropichavamos juntos das galhetas da Sé com desespero de meu pai e furor do mestre-de-ceremonias.

Quando Leonardo acabou de comer, acabárão também os dous parceiros de jogar; chamou então o amigo á parte, perguntou-lhe:

— Então que gente é esta com que te achas aqui de sucia?

— E' minha gente.

— Tua gente?

— Sim, pois não vês aquella moça morena que ali está?

— Sim, e então?

— Ora !...

— Pois tu casaste?

— Não... mas que tem isso?

— Ah !... estás de moça !

— E tu?

— Eu... ora nem te digo... morreu meu padrinho.

— Sim, ouvi dizer.

— Fui para a casa de meu pai... e de repente, hoje mesmo, brigo lá com a *cuja* delle; elle corre de espada atrás de mim, e eu safo-me. Parei ali adiante, e as gargalhadas que vocês aqui davão.....

— Sei do resto... E agora tu não tens para onde ir?

— Homem, eu ia ver...

— Ver o que?

— Ver por ahi...

— Por ahi, por onde?

— Nem mesmo eu sei....

E desatárão os dous a rir. Quando temos apenas 18 a 20 annos sobre os hombros, o que é um peso ainda muito leve desprezamos o passado, rimo-nos do presente, e entregamo-nos descuidados a essa confiança cega no dia de amanhã, que é o melhor apanagio da mocidade.

— Sabes que mais? continuou o amigo do Leonardo, vem connosco, e não te has de arrepender.

— Mas com vocês, para onde?

— Para onde? Sem duvida algum partido melhor tens a escolher? queres fazer ceremonias?

Começava a cahir a noite.

— Vamos levantar a sucia, minha gente disse um dos convivas.

— Sim, vamos.

— Nada, inda não: Vidinha vai cantar uma modinha.

— Sim, sim uma modinha primeiro; aquella:

« Se os meus suspiros pudessem. »

— Não, essa não, cante antes aquella: Quando as glorias que eu gozei. »

— Vamos lá, decisão, respondeu uma voz de moça aflautada e languida.

Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 annos, de altura regular, hombros largos, peito alçado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muitos pretos e muito vivos, os labios grossos e humidos, os dentes alvissimos, a falla era um pouco descansada, doce e afinada.

Cada phrase que proferia era interrompida com uma risada prolongada e sonora, e com um certo cahido de cabeça

para trás, talvez gracioso se não tivesse muito de affectado.

Assentou-se finalmente que ella cantaria a modinha: « Se os meus suspiros pudessem. »

Tomou Vidinha uma viola, e cantou acompanhando-se em uma toada insipida hoje, porém de grande aceitação naquella tempo, o seguinte:

Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma paixão
Tem poder de assassinar.

Não são de zelos
Os meus queixumes,
Nem de ciume
Abrazador;

São das saudades
Que me atormentão
Na dura ausencia
De meu amor.

O Leonardo, que talvez hereditariamente tinha quéda para aquellas consas, ouviu boquiaberto a modinha, e tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora. A modinha foi applaudida como cumpria. Levantárão-se então, arrumárão tudo o que tinhão levado em cestos, e puzerão-se a caminho, acompanhando o Leonardo o farrancho.

CAPITULO VIII.

NOVOS AMORES.

Chegarão todos depois de longo caminhar, e quando já brilhava nos céos um desses luares magnificos que só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da rua da Valla. Naquelles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ningem ficava em casa; os que não sabião a posseio sentavão-se em esteiras ás portas, e ali passavão longas horas em descantes, em câas, em conversas, muitos dormião a noite inteira ao relento.

Como os nossos conhecidos já tinhão dado um grande passeio, adoptarão o expediente das esteiras á porta, e continuarão assim pela noite em diante a sucia em que havião gasto o dia, pois aquillo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que tambem tomára parte, era o final de uma patuscada que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que erão então tão communs e tão estimadas.

Agora devemos dar ao leitor conhecimento da nova gente, no meio da qual se acha o nosso Leonardo. Se nos pudesse-

mos soecorrer aqui do amigo José Manoel, sem duvida nos desfolharia elle toda a arvore genealogica dessa familia a quem o amigo do Leonardo chamava a *sua gente*: porém contentem-se os leitores com o presente sem indagar o passado. Saibão pois que a familia era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos dizião sel-o, uma com tres filhos e outra com tres filhas; passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos; ambas gordas e excessivamente parecidas. Os tres filhos da primeira erão tres formidaveis rapagões de 20 annos para cima, empregados todos no Trem; as tres filhas da segunda erão tres raparigas desempenadas, orçando pela mesma idade dos primos, e dadas cada uma no seu genero. Uma dellas já os leitores conhecem; é Vidinha, a cantora de modinhas; era solteira como uma de suas irmãs; a ultima era também solteira; porém não como estas duas. O amigo do Leonardo que explique o que isso quer dizer, e explicando dará também a conhecer o que era elle proprio na familia. Os mais que sô achavão presentes erão pela maior parte vizinhos que se reunião para aquellas sucias, que erão tradicionaes na familia.

Quando chegáão á casa o amigo do Leonardo tomou as duas velhas de parte, e começou a conversar com ellas, sem duvida a respeito do Leonardo, pois que o olhavão todos tres durante a conversa; e mesmo quem tivesse o ouvido atilado teria escutado ás velhas estas palavras:

— Coitado do moço !...

— Ora vejão que pai de más entranhas !...

Outro qualquer que tivesse mais idade, ou antes, fallando claro, mais juizo e outra educação, envergonhar-se-hia talvez

muito de achar-se na posição em que se achava o Leonardo, porém elle nem nisso pensava, e o que é mais, nem mais pensava naquillo que até então lhe não sabia da cabeça, isto é, em Luizinha de um lado e José Manoel do outro: agora não via senão os olhos negros e brilhantes, e os alvos dentes de Vidinha; não ouvia senão o éco da modinha que ella cantára. Estava pois embebido n'um extasi contemplativo.

No mais pensaria quando lhe restasse tempo.

Mas se havião todos sentado em uma larga esteira junto á soleira da porta sobre a calçada, o Leonardo propoz logo que se cantasse uma nova modinha.

— Qual... respondeu Vidinha acompanhando este *qual* da sua [costumada risada; estou já tão cansada... que nem posso !

-- Ora... ora... disserão umas poucas de vezes. Além do costume das risadas tinha Vidinha um outro, e era o de começar sempre tudo que tinha a dizer por um *qual* muito accentuado; respondeu ainda portanto:

— Qual... pois se eu tambem já cantei tudo que sabia. Qual meu Deus ! nem eu posso mais !

— Ainda não eantou a minha favorita, disse um dos presentes.

— Nem a minha, disse outro.

— Eu tambem, accrescentou outro, ainda não lhe pedi aquella cá do peito.

— Qual, meu Deos ! onde é que isto vai parar !

— Ora, mana, não se faça de boa.

— Ai, creatura, disse uma das velhas, quereis que vos reze um responso para cantardes uma modinha ?

Leonardo, vendo a sua causa advogada por tantas vozes,

conservou-se calado. Tentados mais alguns meios, e feitas mais algumas negações, Vidinha decidiu-se, e tomando a viola cantou, segundo a indicação de umas das velhas, o seguinte:

Duros ferros me prenderão
No momento te ver;
Agora quero quebral-os,
E' tarde não póde ser.

Este ultimo passo acabou de desorientar completamente o Leonardo: ainda bem não tinham expirado as ultimas notas do canto, e já, passando-lhe rapido pela mente um turbilhão de idéas, admirava-se elle de como é que havia podido inclinar-se por um só instante de Luizinha, menina semsaborona e exquisita, quando havião no mundo mulheres como Vidinha.

Decididamente estava apaixonado por esta ultima.

O leitor não se deve admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que o Leonardo herdára de seu pai aquella grande copia de fluido amoroso que era a sua principal característica. Com esta herança parece porém que tinha elle tido tambem uma outra, e era a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. José Manoel fôra o primeiro; vejamos agora qual era, ou antes quem era a segunda.

Se o leitor pensou no que ha pouco dissemos, isto é, que naquella familia havião tres primos e tres primas, e se agora accrescentarmos que moravão todos juntos, deve ter scismado alguma cousa a respeito. Tres primos e tres primas, morando na mesma casa, todos moços... não ha nada mais natural; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. Cumpre porém ainda observar que o amigo do Leonardo tomára conta

de uma das primas, e que deste modo vinha a haver tres primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. A vista disto o negocio já se torna mais complicado. Pois para encurtar razão, saiba-se que havião dous primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidinha, a mais bonita de todas; saiba-se mais que um era attendido e outro desprezado: logo o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedades em vez de uma.

Mas por ora de nada sabia elle, e entregava-se tranquillo ás suas emoções sem se lembrar do que qualquer se lembraria, que entre primos e primas ha assim um certo direito mutuo em negocio de amor, que muito prejudica a qualquer pretendente externo.

Gastarão grande parte da noite ali sentados, e tratárão de recolher-se já muito tarde.

O amigo do Leonardo, a quem daqui em diante trataremos pelo seu proprio nome de Thomaz com o appellido— da Sé — ambos herdados de seu pai, declarou que o seu amigo ficava ali por aquella noite, por já ser muito tarde; quiz assim poupar-lhe um vexame, e mostrou nisto ser bom amigo.

Agora que o nosso Leonardo está installado em quartel seguro, vamos occupar-nos de alguma cousa de importante que havíamos deixado suspensa.

CAPITULO X.

JOSE' MANOEL TRIUMPHA.

A comadre corrêra toda a cidade, e em parte alguma encontrára o Leonardo; enquanto cançava-se assim a procural-o, estava elle tranquillo e descansado mirando-se nos olhos de Vidinha, regalando-se a ouvir modinhas, como sabem os leitores, sem se lembrar do que ia pelo mundo.

A pobre mulher, depois de muito cançada, foi ter á casa de D. Maria. Era já noite fechada.

Quando ella entrava sahia o mestre-de-reza que acabava de dar a sua lição ás crias de casa. A comadre ha algum tempo que andava desconfiada do mestre-de-reza; combinando o que por ahi se dizia do seu credito com certas cousas que tivera occasião de presenciar, estava quasi a concluir que era elle emissario de José Manoel junto á côrte de D. Maria. Não gostou portanto do encontro, e doeu-lhe o cabello vê-lo sahir áquella hora, pois que de ordinario as lições não se demoravam alé tão tarde; e para mettêl-o á bulha disse-lhe:

— A lição hoje foi comprida, devoto... as raparigas parece q' gostão mais da *cambetice* do que da reza.

— Não, respondeu o velho com sua voz fanhosa, ellas não vão mal, empacão em alguns logares, mas sempre vão indo; bem sabe tambem que sempre trago comigo o santo remedio

E afagou o cabo da palmatoria com que sempre andava armado.

— Ah! então estive o devoto de conversa; gosta tambem de dar á lingua...

— Não desgosto; mas tambem não digo senão aquillo que sei, isto é aquillo que ouço; os outros gastão o tempo a ver e a ouvir; eu, como não posso senão ouvir, emprego a fallar o que os mais empregão a ver; fallo, e fallo muito; mas que quer se me sobra tempo para isso; e damais, bem sabe que não é trabalho que cance. Meus pais erão Algarves, e eu não quero desmentir a minha paternidade.

— Então já sei que hoje desenterrárão-se mortos e enter-rárão-se vivos; pois eu não posso fazer outro tanto, porque vou aqui muito e muito zangada de minha vida. Se o devoto, como é homem que muito gyra por toda esta cidade, souber por ahi noticias de meu afilhado Leonardo, queira vir dar-me parte, pois sahiu-nos elle hoje de casa lá por causa de umas historias, e não sei por onde andará dando com os ossos.

| Ora, isto fica por minha conta; não ha nada mais facil do que dar com elle.

E aqui terminou esta conversa que tinha logar na porta da rua, e com a qual não ficára a comadre muito contente. D. Maria, que ouvira tudo, veio ao encontro da comadre, e foi-lhe logo dizendo antes de de lhe dar tempo de tirar a mantilha;

— Então já o rapaz não está em casa ? Senhora, aquillo é genio, nasceu com elle, e com elle ha de ir á sepultura. Bem me dizião o que elle era, e apezar do seu ar sonso nunca lhe fiz fê.

— Adeus que me está a senhora a pôr culpas em quem não as tem; o rapaz desta vez tem toda a razão....

— Ora, historias da vida; isso diz você porque o estima como se fosse sua mãe; mas vá com esta que eu lhe digo: os rapazes de agora andão de cabeça levantada... Mas o defunto padrinho — Deus lhe falle n'alma, — foi o proprio que teve culpa de tudo isto com aquellas fumaças de Coimbra que lhe mettem na cabeça...

— Mas, senhora de Deus, se o bruto do pai até chegou a corrê-lo de espada na mão...

— Que tal não faria elle ! mas que' tinha isso ? o pai não a havia esquartejar... por certo, que eu bem lhe conheço o genio; aquillo era raiva, e havia de passar; devia elle sujeitar-se... sempre é seu pai.

— Com a Virgem Santa ! pois se tudo isso foi por uma cousa de nada, por causa de uma almofada de renda... Isto é cousa em que se creia ?!... E agora para onde é que ha de ir aquelle coitado?...

— Ha de estar por ahí mettido em algum fado de ciganos; não se lembra do que elle fez quando o padrinho era vivo ?

— Ora, criançadas... para que fallar nisso ?

Este dialogo ia continuando interminavel sobre o mesmo assumpto, quando D. Maria, mudando repentinamente de conversa, disse á comadre:

— Ora é verdade, sente-se para cá que temos contas que ajustar...

— Contas !...

— E muito compridas, começo por dizer, accrescentou D. Maria, que não parecia estar nesta occasião de muito bom humor; começo por dizer-lhe mesmo na bochecha que quando fôr á confissão este anno trate de desobrigar-se de um grande peccado que commetteu.

— E eu que já não tenho poucos: mas então o que é ?

— E' um aleive, senhora, um aleive muito grande que levantou a pessoa que tal não merecia.

A comadre não precisou de mais nada para conhecer onde é que tudo aquillo ia parar; o aleive mais moderno de que a accusava a sua consciencia bem sabia ella qual era. Começou a ver tudo elaro como o dia; viu José Manoel justificado completamente aos olhos de D. Maria a respeito da historia do roubo da moça no Oratorio de Pedra, e viu tambem como medianeiro dëssa justificação o cego mestre-de-reza. Ficou pois visivelmente incommodada; volvia-se de um para outro lado, como se estivesse cheia de espinhos a baquinha em que estava sentada, e teve um forte accesso de tosse quando D. Maria acabou de pronunciar aquellas ultimas palavras.

— Tudo quanto me disse a respeito de José Manoel naquella historia do roubo da moça, continuou D. Maria fazendo-se vermelha, o que era nella máo signal, é falso, e muito falso. Sei isto de parte muito certa...

Novo accesso de tosse acommmetteu a comadre.

— Pois olhe, proseguiu D. Maria, tinha eu dado todo o credito, tanto que havia rompido por um excesso com o po-

bre do homem, mas não cáio n' outra; esta me serviu de emenda.

A comadre viu que o vento se lhe ia tornando absolutamente contrario; comprehendeu que D. Maria estava muito bem informada, e que inutil seria qualquer sustentação que pretendesse fazer de tudo quanto havia avançado; isso só serviria para aggravar-lhe a posição.

Forjou pois repentinamente um novo plano e disse:

— Não me dá nada de novo, senhora; sei muito bem de tudo; o homem está nesse negocio como Pilatos no Credo.

— Mas lembre-se que me havia dito que tinha visto com seus proprios olhos.

— Ah! senhora, era o diabo por elle; nunca vi cousa assim tão parecida. Outro dia porém soube de tudo, e agora estou arrependida.

— Mandeí por isso chamar o pobre homem, continuou D. Maria, que de offendido que estava com o modo por que eu o tratava custou muito a vir, e abri-me aqui com elle.

E uma cousa lhe digo, è que a comadre não está bem no negocio; elle expoz-me certas cousas... a que eu emfim não quiz dar credito.

— Pois então a senhora disse-lhe que eu é que...

— Não fui eu quem lhe disse; elle já o sabia, e não era possível negar-lh'o. Foi então que elle me quiz abrir os olhos sobre outros pontos...

A comadre, que via todo o caldo entornado naquelles outros pontos, tratava de desviar a conversação, fazendo que não dera attenção a essas ultimas palavras.

— Mas então, perguntou, por quem foi que soube como

tinha sido o negocio? quero ver se combina cá com o que sei.

— Ainda ha pouco acabou de sahir daqui quem me pôz o negocio todo em pratos limpos.

— Ah ! disse a comadre.

E mordeu os beiços, fazendo um gesto que queria dizer: « nunca me enganei ! »

D. Maria proseguiu contando á comadre que tendo fallado em semelhante negocio ao mestre-de-reza; elle lhe havia negado tudo quanto esta lhe dissera a respeito de José Manoel; que muito tempo lutára com o velho para que lhe dissesse o que sabia a respeito e em que fundava a denegação que fazia; que finalmente, depois de grande resistencia, tinha-lhe elle trazido á casa, mesmo no dia antecedente, o pai da moça, que tudo confessára, declarando até o nome da pessoa com quem se achava sua filha, que elle já conhecia, e com quem tinha feito as pazes.

— E' exactamente o que eu sabia, disse a comadre no fim da narração; foi tudo assim mesmo. Veja, senhora, a que está sujeita a gente nesta vida: a levantar falsos aos mais.

Agora informemos ao leitor que tudo que se acabava de passar tinha sido com effeito obra do mestre-de-reza. Pouco a pouco se tinha instruido do que se passava em casa de D. Maria a respeito do seu cliente José Manoel; tinha conseguido saber quem havia armado a intriga; indagou tambem o que se passava em casa de Leonardo-Pataca; e como lá se fallava um pouco alto a respeito das pretensões de Leonardo, combinando umas cousas com outras, chegarão á conclusão certissima daquillo que com effeito se passára.

D. Maria pareceu dar credito ao arrependimento da coma-

dre, e eomeçou-lhe a aplacar o humor um pouco desabrido em que se achava.

Voltarão á questão da sahida do Leonardo de casa, e desta vez já D. Maria não se mostrou tão inflexivel para com o rapaz. Entretanto á comadre não lhe sahirão da cabeça aquellas palavras de D. Maria: « *abriu-me os olhos sobre outros pontos;* » e depois que viu D. Maria mais apaziguada, tentou chamar de novo a conversa para esse ponto, e como que pedir explicações. Ella previa a significação daquellas palavras sem duvida-nenhuma que se referião ás suas pretenções ou ás de seu afilhado sobre Luizinha, porém queria saber as côres com que esse negocio tinha sido pintado a D. Maria por José Manoel.

Isso foi-lhe porém fatal, porque soube (o que lhe não foi nada agradavel) que o negocio estava muito mal parado a respeito do seu afilhado, e pelo contrario muito adiantado a favor do seu adversario. D. Maria, depois de declarar que José Manoel se tinha queixado da comadre, attribuindo-lhe tudo que se havia passado, que não era mais do que uma intriga urdida com o fim de o apartar de sua casa, porque tinham sobre elle cahido suspeitas, que confessava justas, accrescentou finalmente que José Manoel, completamente justificado, graças á intervenção do mestre-de-reza, acabára por lhe dar a entender alguma cousa a respeito de Luizinha, o que D. Maria confessou não lhe ter sido totalmente desagradavel, porque emfim, segundo allegava, José Manoel era um homem cisudo e de juizo, tinha corrido mundo, e não era nenhuma criança (esta palavra doeu á comadre) que não fosse capaz de tratar bem de uma moça. A comadre descoroçoou comple-

tamente com estas ultimas declarações; porém o que fazer na occasião? Ella mesmo tinha ha pouco confessado o risco que se está a cada momento de ser injusto com o proximo, e não podia sem risco aventurar, pelo menos naquella occasião, alguma cousa contra José Manoel, tanto mais que tão mal se havia sahido da primeira intriga que armára. Contentou-se pois com repetir uma observação que D. Maria mesma lhe havia feito ha pouco tempo, e disse, referindo-se a Luizinha:

— Gente, pois aquella criança já está para essas l...

— Sim, respondeu D. Maria, está ainda verdezinha, mas tambem isso não é sangria desatada.

A comadre rêspirou, pois viu que ainda havia tempo a ganhar.



CAPITULO X.**O AGGREGADO.**

Passarão-se assim algumas semanas: Leonardo, depois de acabadas todas as ceremonias, foi declarado aggregado á casa de Thomaz da Sé, e ali continuou convenientemente arranjado. Ninguém se admire da facilidade com que se fazião semelhantes cousas; no tempo em que se passavão os factos que vamos narrando nada havia mais commum do que ter cada casa um dous, e ás vezes mais aggregados.

Em certas casas os aggregados erão muito uteis, porque a familia tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos occasião de dar exemplo disso quando contámos a historia do finado padrinho de Leonardo; outras vezes porém, e estas erão em maior numero, o aggregado, refinado vadio, era um verdadeiro parasita que se prendia á arvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudal-a a dar os fructos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo della. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hypothese o esmagavão com o peso de mil exigencias, se lhe batião a cada passo com os

favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e á menor e mais justa queixa saltavão-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavão quanto desconcerto havia com paciência de martyr, o aggregado tornava-se quasi rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha emfim nos mais particulares negocios.

Em qual dos dous casos estava eu viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que o decida pelo que se vai passar.

Principiemos por declarar que as duas velhas irmãs tinham concebido desde o primeiro momento uma decidida sympathia por elle, e era esse o unico ponto por onde o podemos julgar um pouco feliz: se a cada passo encontrava contrariedades e antipathias, tambem lhe não faltavão por contrabalanço sympathias e favores. Isto já era meio caminho andado para qualquer projecto que elle formasse, qualquer intenção que tivesse ou desejo que se lhe despertasse. Mas note-se que para não falhar a lei das compensações, que pesava constantemente sobre elle, logo o projecto, a intenção e desejo que teve succedeu ser a respeito de uma *cousa* que já tinha despertado igual projecto, intenção e desejo em duas outras pessoas, o que equivale a dizer-se, como já o fizemos, que tinha elle de lutar com duas difficuldades.

Vidiaha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de moediça e leve: um soprozinho, por brando que fosse, a fazia voar, outro de igual natureza a fazia revoar, e voava e revoava na direcção de quantos sopros por ella passassem; isto quer dizer, em linguagem chã e despida dos trejeitos da

rhetorica, que ella era uma formidavel namoradaira, como hoje se diz, para não dizer lambeta, como se dizia naquelle tempo. Portanto não forão de modo algum mal recebidas as primeiras finezas do Leonardo, que desta vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porque já o negocio com Luizinha o tivesse desasnado, quer porque agora fosse a paixão mais forte, embora esta ultima hypothese vá de encontro á opinião dos ultra-romanticos, que poem todos os bofes pela boca pelo tal — primeiro amor: — no exemplo que nos dá o Leonardo aprendão o quanto elle tem de duradouro. Se um dos primos de Vidinha, que dissemos ser o attendido naquella occasião, teve motivo para levantar-se contra o Leonardo como seu rival, o outro primo, que dissemos ser o desattendido, teve dobrada razão para isso, porque além do irmão apresentava-se o Leonardo como segundo concorrente, e o furor de quem se defende contra dous é, ou deve ser sem duvida, muito maior do que o de quem se defende contra um. Declarou-se portanto, desde que começaram a apparecer os symptomas do quer que fosse entre Vidinha e o nosso hospede, guerra de dous contra um, ou de um contra dous. A principio foi ella surda e muda; era guerra de olhares, de gestos, de desfeitas, de más caras, de máos modos de uns para com os outros; depois, seguindo o adiantamento do Leonardo, passou a dieterios, a chasques, a remoques. Um dia finalmente desandou em descompostura cerrada, em ameaças do tamanho da torre de Babel, e foi causa diste ter um dos primos pilhado o feliz Leonardo em flagrante gozô de uma primícia amorosa, um abraço que no quintal trocava elle com Vidinha.

— Ah! está, minha tia, disserá enfurecido o rapaz diri-

gindo-se á mãe de Vidinha ; ahí está o luero que se tira de metter-se para dentro de casa um par de pernas que não pertence á familia...

— Onde é, onde é que está pegando fogo ? disse a velha em tom de escarneo, suppondo ser alguma asneira do rapaz, que era em tudo muito exagerado.

— Fogo, replicou este; se ali pegar fogo não haverá agua que o apague... e olhe o que lhe digo, se não está pegando fogo... está-se ajuntando lenha para isso.

Vidinha, que vinha chegando nessa occasião, tomou a palavra e fallou durante meia hora sem interrupção, soltando contra os dous primos (pois que o outro já tinha tambem intervindo) uma tremenda catilinaria em que a palavra — qual — foi repetida enorme numero de vezes. Leonardo teve tambem de defender-se, e fallou pelos cotovellos. As duas velhas acompanhárão aos quatro seguidas das outras duas moças, que mettão tambem de vez em quando a sua colherada.

Seria inutil a tentativa de querermos repetir as palavras textuaes de cada um dos falladores; isso seria cousa pouco mais ou menos semelhante a querer contar-se n'uma tempestade os pingos de chuva que cahem. Só quem já teve occasião de assistir póde bem avaliar o que era e talvez ainda é uma dessas brigas no interior de uma familia. Todos fallão a um tempo, esforçando-se cada um por fallar mais alto do que todos os outros; ninguem parece attender ás desculpas que se apresentam, nem ás recriminações que se fazem, e entretanto de minuto em minuto cada qual, tomando mais calor, se julga dobradamente offendido; as juras se cruzão, as ameaças se chocão; não fica no dictionario termozinho de escolha

que não sáia á frente; umas questões trazem outras, estas ainda outras; recorre-se ás offensas passadas, presentes e futuras para fazer-se carga aos adversarios. Tudo emfim se diz, e nada se consegue; a briga dura muitas horas, ao termo das quaes os contendores, *fatigatis sed non-sacialis*, abandonão o campo, ficando mais encarniçados uns contra os outros do que o estavam a principio. E se por acaso, tocando já em retirada, algum ousa ainda soltar uma derradeira imprecação, pega de novo a cousa, e dura ainda bom pedaço. As mais das vezes fica tudo em palavras.

Desta vez porém não succedeu assim: um dos primos que era *esquentadete*, avançou para o Leonardo, depois de lhe ter mandado, como batedor, uma grande injuria, e deu-lhe dous safanões agarrando-o pela golla da camisa. Leonardo, que neste mundo só tinha medo do pai, reagiu contra o aggressor; as duas velhas e Vidinha, tentando aparta-los, não fazião mais do que romper-lhes a roupa e augmentar-lhes a raiva; as demais pessoas occupavão-se em bater nas paredes e chamar os vizinhos. Lutárão os dous por algum tempo sem que disso resultasse accidente grave para nenhum delles, e afinal apartárão-se. Leonardo, apenas se viu livre do seu adversario, foi querendo pôr-se no andar da rua: pesava sobre o infeliz desde criança uma especie de sina de Judeu Errante. As velhas, que em todo o barulho tinhão tomado o partido d'elle, não consentirão porém nisso; allegárão que estavam em sua casa, e pedião mandar como quizessem. Leonardo insistiu apezar disso e apezar dos rogos de Vidinha; porém no momento em que tentava abrir a porta da rua, entrou por ella a comadre.

— Ora graças que o encontro, senhor doudo de pedras....

O Leonardo recuou dous passos; naquellê momento, assim como lhe aconteceu desde que sahiu de casa de seu pai, nem lhe passava pela idéa que tivesse no mundo uma madrinha, um pai, ou qualquer parente que fosse. Houve em todos um movimento de admiração e curiosidade, pois ninguem na casa conhecia a comadre.

Tantas cousas havia feito a boa mulher, que afinal soubera do ninho a que se acolhêra o afilhado, e immediatamente para lá se dirigira. Tendo entrado e dito aquellas primeiras palavras, queria logo depois seguir com uma grande exhortação ao sobrinho, quando, tendo visto as duas velhas, assentou que era melhor dirigir-se a ellas em primeiro lugar. Com effeito dirigiu-se, e entrárão as tres em conferencia.

CAPÍTULO XI.

MALSINAÇÃO.

As tres velhas conversarão por largo tempo, não porqu^a muitas cousas se tivessem a dizer a respeito do que se acabava de passar, porém porque a comadre, remontando ao mais remoto passado, entendêra que para dizer que muito se interessava pela volta do afilhado para casa era mister contar desde sua origem a vida inteira deste, de sua mãe, de seu pai, e a sua propria, que fôra mais comprida de todas, e porque as duas velhas entendêrão que para dizerem que o Leonardo estava ali muito bem, e que não consentirião que elle sahis- se, entendêrão ser preciso fazer o que havia feito a comadre— contar a sua vida e de toda a familia desde as éras primiti- vas. — Ora, como todas essas historias contadas de parte a parte erão cheias de episodios, já sentimentaes, já tocantes, já alegres, aconteceu que entre muita gargalhada corrêrão tambem algumas lagrimas durante a conversação. Não ha nada que mais sirva para fazer nascer e firmar a amizade, e mesmo a intimidade, do que seja o riso e as lagrimas: aquel-

les que se rirão, e principalmente aquelles que uma vez chorrarão juntos, teem muita facilidade em fazerem-se amigos. Com effeito, no fim da conversa, as tres velhas estimavão-se mutuamente de uma maneira incrível.

Se esta facilidade de expansão não fosse acompanhada da grande difficuldade de rompimentos e de intrigas, seria uma das grandes virtudes daquelle tempo. Porém as sympathias que se creavão em uma hora de conversa transformavão-se em odio n'um minuto de desavença.

Emquanto as velhas conversavão, os contendores acalmá-rão-se, passou a tormenta, e se tudo não ficou logo acabado, ficou pelo menos esquecido por algum tempo. Leonardo achava-se já disposto a attender ás supplicas de Vidinha e das outras moças que o não querião por modo algum fóra de casa: os dous rivaes derrotados parecião resignar-se.

Quando terminou a conferencia das tres, a comadre entendeu que era chegado o momento de começar a prégação ao Leonardo, e começou nestes termos:

— Rapaz dos trezentos demos, valhão-te os serafins... tu tens nessa cabeça pedras em vez de miolos; o sol não cobre creatura mais renegada do que tu. E's um vira-mundo; andas feito um valdeviños, sem eira nem beira nem ramo de figueira, sem officio nem beneficio, sendo pesado a todos nesta vida...

— Se é cá comnosco que falla, acudiu uma das velhas, deixa-o estar aonde está que está muito bem.

— Qual! senhora, pois se vem levantar poeira na casa alheia! é um gallo de brigas.

— Ora isso é lá cousa entre rapazes e raparigas; deixa-os

que elles se arranjarão, redarguio a velha.

Ingenuidade infantil das velhas daquelle tempo !

A comadre ia proseguir; porém sendo a cada passo interrompida, tomou para seu barato dar a cousa por finda. Retirou-se, ficando convencionado que Leonardo permaneceri a onde estava.

Vidinha ficou contentissima com semelhante resultado; os primos porém fizeram má cara, porque tal não esperavão: desde que virão que tudo ia continuar no mesmo pé, renasceu-lhes o despeito. Atirarão algumas indirectas, com as quaes ia tudo pegando fogo novamente; porém contiverão-se ainda; um delles chamou o outro em particular, e começarão por seu turno a conferenciar, porém em segredo. Não havia nada mais natural: o inimigo era commum, juntavão-se para ataca-lo; depois que elle fosse derrotado, a questão se decidira então entre os dous.

Depois desta ultima conferencia serenou tudo definitivamente; cada qual recolheu-se a seu posto, e passarão-se muitos dias em santa paz. Durante esses dias mais se estreitarão os laços entre o Leonardo e Vidinha. E' sempre assim que succede: quereis que nos liguemos estreitamente a uma cousa ? Fazei-nos soffrer por ella. Os dous tinham soffrido um pelo outro, e era isto uma forte razão para se amarem cada vez mais.

A comadre vinha regularmente ver o afilhado e visitar suas novas amigas.

Tudo parecia enfim nos seus eixos naturaes; porém os dous primos tramavão, e tramavão largamente. Ninguém entretanto atinava com o que seria.

Leonardo passava vida completa de vadio, mettido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fóra pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requebros de Vidinha.

Um dia forjárao uma patuscada semelhante á que dera origem ao conhecimento do Leonardo com a familia. Devião sair de madrugada da cidade e passarem fóra o dia. Preparou-se tudo: cestos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou encordoar de novo sua viola; avisárão-se os convivas do costume.

A' hora aprazada partirão.

Quem estivesse menos distraído pelo prazer da patuscada do que estava qualquer dos suciantes, notaria que os dous primos deixavão-se de vez em quando ficar atrás, e cochichavão como se tramassem uma conspiração. Ninguém porém dera atenção a semelhante cousa.

Chegarão ao lugar determinado ao romper de dia. Apenas começavão a preparar-se para o almoço, virão surdir, ninguém soube bem de onde, a figura alta, magra, severa e sarcástica do nosso celebre major Vidigal. Correu por todos um signal de pouco contentamento, excepto pelos primos, que trocarão entre si um olhar de intelligencia e triumpho.

Os olhos de Vidinha dirigirão-se instinctivamente para Leonardo.

O major Vidigal deixou passar o primeiro momento de surpresa, e depois, sorrindo-se, disse, como costumava, com sua voz descansada:

— Não tenham medo de mim, que não sou nenhum papa-

crianças, nem eu venho desmanchar prazeres de ninguém. Quero só saber quem é aqui o amigo Leonardo.

Vidinha fez logo cara de choro. Leonardo levantou-se sem saber como, e disse todo tremulo:

— Sou eu....

— Ora vejão, respondeu o Vidigal em tom de mofa, eu não sabia !... Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto: um sucio de menos n'uma patuscada não faz falta nenhuma. Este amigo vai connosco. Se elle puder, voltará em breve.... mas creio que já não chegará a tempo para acabar a patuscada.

— Qual, meu Deus ! mas porque é então isto ? que mal é que elle faz ?

— Elle não fez nem faz *nada*; mas é mesmo por não fazer nada que isto lhe succede. Leva, granadeiro.

E um dos granadeiros com que viera o major acompanhado foi tratando de conduzir o Leonardo.

O Vidigal seguiu-os tranquillamente, sem alterar o passo, e dizendo polidamente:

— Adeus, minha gente.

Vidinha desatou a chorar, exclamando:

— Foi malsinação !

— Foi malsinação ! repetirão todos, menos os dous primos.

A sucia levantou-se.

CAPITULO XI.

TRIUMPH COMPLETO DE JOSE' MANOEL.

Era um sabbado de tarde; em casa de D. Maria havia um iufalufa immenso; andavão as crias e mais escravos de dentro para fóra; espanava-se a sala; arrumavão-se as cadeiras; corria-se, fallava-se, gritava-se.

A dona da casa trajava, fóra do ordinario, um rico vestido de cassa bordado de prata, de corpinho muito curto e mangas de um volume enorme. Seja dito de passagem que a prata do bordado estava já marcada, e o mais do vestido um pouco encardido. Trazia ainda D. Maria um penteado de desmedida altura, um formidavel par de rodellas de crysolitas nas orelhas, e dez ou doze anneis de diversos tamanhos e feitios nos dedos.

Luizinha trajava tambem um vestido que qualquer menos entendido na materia desconfiaria que era filho legitimo do de sua tia; trazia um toucado de plumas brancas na cabeça e um rosario de ouro de contas mui grossas na cintura.

Acabavão de sahir as duas assim preparadas do quarto de

vestir, quando sentiu-se rodar uma carruagem e parar na porta da casa. Luizinha estremeceu; D. Maria levou o lenço aos olhos, e tirou-o em pouco tempo molhado de lagrimas.

— Está ahí a carruagem, gritou umas das crias que estava de sentinella á janella.

A carruagem era um formidavel, um monstruoso machinismo de couro, balançando-se pesadamente sobre quatro desmesuradas rodas. Não parecia cousa muito nova; e com mais dez annos de vida poderia muito bem entrar no numero dos restos infelizes do terremoto, de que falla o poeta.

Mal tinha este trem parado á porta, sentiu-se o rodar de outro que veio parar junto delie. O que dissemos a respeito dos vestidos de D. Maria e sua sobrinha póde perfeitamente applicar-se aos dous trens; o segundo parecia filho legitimo do primeiro.

Do ultimo que chegára apeou-se José Manoel, e entrou em casa de D. Maria, que o veio receber á porta.

E' inutil! observar que a vizinhança estava toda á janella, e via todo aquellê movimento com olhos regalados pela mais desabrida curiosidade.

José Manoel trajava casaca de seda preta, calções da mesma fazenda e cõr; trazia meias tambem pretas e sapatos de entrada baixa, ornados com enormes fivellas de prata, espadim e chapéo de pasta.

Acompanhavam-o dous amigos vestidos pelo mesmo theor.

José Manoel estava com um ar entre compungido e triumpante, e desfazia-se em misuras á D. Maria.

Depois de tudo isto quer ainda o leitor que lhe declaremos que a sobrinha de D. Maria casava-se naquella tarde com José Manoel?

Chegou o momento da partida. Luizinha, conduzida por D. Maria, que lhe ia servir de madrinha, embarcou n'um dos destroços da arca de Noé, e que chamamos carruagem; José Manoel, acompanhado por quem lhe ia servir de padrinho, fez outro tanto, e partirão depressa para a igreja. Fizerão bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corrião o risco de serem devorados pelos olhos dos vizinhos.

Apenas cessou a bulha das carruagens, começarão estes últimos em conversa renhida, de que damos aqui uma pequena amostra.

— Senhora, dizia uma sugeita que morava junto de D. Maria para outra que morava def. onte, o tal noivo poderá ser cousa boa, mas não dou nada pela cara delle.

— E a noiva?... respondia a outra; arrenega tambem de lambisgoia....

— E o filho do Leonardo ficou vendo estrellas?...

— Por força: venceu este porque é um finório de conta.

— Se a velha deixar tudo á sobrinha, não é mão arranjo....

— De certo. Pois não sabe que o seu defunto marido era um homem que viajava para a Índia?

Neste tom continuárão até a volta das carruagens.

Agora demos ao leitor algumas explicações a respeito do triumpho de José Manoel.

Depois das boas obras do mestre-de-reza, de que os leitores já forão informados, José Manoel rehabilitára-se completamente unto a D. Maria; tornára a frequentar a casa, e foi pouco a pouco pondo barro á sua parede. Um successo inesperado veio ajudal-o com a maior efficacia. O testamenteiro

do finado irmão de D. Maria, do pai de Luizinha, que já tinha tido com D. Maria, como talvez não estejam esquecidos os leitores, uma demanda por causa desta ultima, surdiu de repente com uma nova prebenda relativa a uma pontinha de testamento, e D. Maria teve de entrar de novo com elle em uma luta judiciaria. Isto coincidiu com a morte inesperada do procurador de D. Maria. José Manoel offereceu-se para cuidar da causa; e com tanto geito arranjou tudo, q' em muito pouco tempo, cousa que procurador nenhum teria feito, venceu a demanda em favor de D. Maria.

Ora os leitores hão de estar lembrados da mania que tinha D. Maria por uma demandazinha; atirava-se a ella com vontade, e tal era o empenho que empregava na mais insignificante questão judiciaria, que em taes casos parecia ter em jogo sua vida. Daqui se poderá concluir a satisfação que teria ella no dia em que se achava vencedora, e como se não julgaria obrigada a quem lhe proporcionasse a victoria.

José Manoel aproveitou-se disto; e no dia em que veio ler a D. Maria a sentença final que resolvia a pendencia em seu favor, pediu-lhe a mão da sobrinha, a qual lhe foi promettida sem grandes escrúpulos.

Luizinha estava nesta occasião em um daquelles periodos de abatimento que se costumão produzir nos moços, e principalmente nas moças que ainda marchão por aquella estrada florida que leva dos 13 aos 25 annos, quando as opprime o isolamento.

Ora como sabem todos os que me leem, o Leonardo tinha abandonado Luizinha; ella aceitou portanto indifferentemente a proposta de sua tia.

CAPITULO XII.

ESCAPULA.

Deixemos aos noivos o gozo tranquillo da sua lua de mel; deixemos D. Maria desfazer-se em carinhos e conselhos á sua sobrinha, que os recebia indifferentemente, e em attentões para com José Manoel, cuja cabeça se tinha tornado repentinamente uma arithmetica completa, toda algarismos, toda calculos, toda multiplicações; e voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixámos na occasião em que fóra arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da folia.

O Vidigal tinha-o posto diante de si, ao lado de um granadeiro, e marchava poucos passos atrás. Emquanto caminhavam o granadeiro pretendeu dar-lhe conversa; mas elle a nada respondia, parecendo absorto em grave cogitação.

Quem estivesse muito attento havia de notar que algumas vezes o Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente, apressar o passo, que outros vezes o retardava, que seu olhar e sua cabeça voltavão-se de vez em quando, quasi imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal

pulos achava-se em casa de Vidinha, que o recebeu com um abraço, exclamando:

— Qual ! ali está elle !

Um raio de alegria illuminou todos os semblantes, menos o dos dous irmãos rivaes, que ficárão horivelmente desapontados. As duas velhas tirárão da cabeça as mantilhas que já havião tomado para dar providencias sobre o caso. A presença do Leonardo foi uma aura bemfazeja que espalhou as nuvens de uma grossa tormenta, que tendo começado a roncar quando Leonardo foi preso (com aquellas palavras — foi malsinção — viera desabar de todo em casa, e promettia durar muito tempo.

Vidinha, tendo a princípio trocado com os primos algumas indirectas a respeito da prisão de Leonardo, julgára conveniente deixar-se de pannos quentes, e fôra direito a elles, como se diz, com quatro pedras na mão, attribuindo-lhes o que acabava de succeder.

Elles denegárão, e travárão-se com ella de razões. A princípio as duas velhas estavam ambas da parte de Vidinha, porém tendo esta atirado tres ou quatro ditos fortes de mais aos primos, a tia offendeu-se, e tomou o partido dos dous filhos; a outra velha, mãe de Vidinha, protesta contra a parcialidade de sua irmã, e reforça ainda mais, acompanhada dos que restavão, o partido de Vidinha. Divididos e extremados assim os dous campos, com terriveis campeões de lado a lado, facil é prever-se o que terio succedido se o Leonardo não viesse tão a tempo para acalmar tudo.

Tomado pelo prazer de ver-se livre, nem teve elle tempo de fazer recriminações aos seus inimigos: já sabia com certeza

a quem nada disto escapava, achava em todas estas occasiões pretextos para dar signaes de si; tossia, pisava mais forte, arrastava no chão o chapéo de sol que sempre trazia na mão como quem queria dizer ao Leonardo, respondendo aos seus pensamentos intimos: —Cuidado! eu aqui estou.— E o Leonardo entendia tudo aquillo ás mil maravilhas; contrahia os labios de raiva e de impaciencia. Entretanto nem por isso abandonava a sua idéa: queria fugir. Desconfiava que ia para a Casa da Guarda, e pedia interiormente aos seus deuses que alongassem de muitas leguas as ruas que tinha de percorrer. Quando via de longe uma esquina dizia comsigo:— E' agora; quebro por ali fóra, e bato pernas.— Porém ao chegar perto da esquina, o Vidigal achava alguma cousa que dizer ao granadeiro, e passava-se a esquina. Se-lhe apparecia á direita ou á esquerda um corredor aberto, pensava comsigo; — Embarafusto-por ali a dentro, e sumo-me. — Mas no momento em que ia tomar a ultima decisão, parecia-lhe sentir a mão do Vidigal que o agarrava pela golla da jaqueta, e esfriava. Não erão os granadeiros que lhe mettião medo; nunca em todos os planos de fugir que lhe passavão naquella occasião pela cabeça contou uma só vez com elles; mas o Vidigal, o cruel major era a quantidade constante de seus calculos.

O pobre rapaz, durante aquelles combates intimos, snava mais do que no dia em que fez a primeira declaração de amor a Luizinha. Só havia na sua vida um transe a que assemelhava, aquelle em que então se achava, era o que se havia passado, quando criança, naquelle meio segundo que levára a percorrer o espaço nas azas do tremendo pontapé que lhe dera seu pai.

Repentinamente uma circumstancia veio favorecê-lo. Não sabemos por que causa ouviu-se um grande alarido na rua: gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma especie de vertigem: zunirão-lhe os ouvidos, escurecerão-se-lhe o olhos, e... dando um encontrão no granadeiro que estava perto d'elle, desatou a correr. O Vidigal deu um salto, e estendeu o braço para o agarrar; mas apenas roçou-lhe com a ponta dos dedos pelas costas. O rapaz tinha calculado bem: o Vidigal distrahiu-se com o ruido que se fizera na rua, e aproveitou a occasião. O Vidigal e os granadeiros soltárão-se immediatamente em seu alcance: o Leonardo embarasfustou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus perseguidores entrarão incontinentemente atrás d'elle, e subirão em tropel o primeiro lance da escada. Apenas o havião dobrado, e subião o segundo, abrirão-se as cortinas de uma cadeirinha que se achava na entrada, e pela qual tinham elles passado, sahe d'ella Leonardo, e de um pulo ganha a rua. Ao entrar, tendo dado com aquelle refugio, mettêra-se dentro; os granadeiros e o Vidigal não havião reparado em tal com a precipitação com que entrarão, e isso lhe valeu.

E' impossivel descrever o que sentiu o Leonardo quando por entre as cortinas da cadeirinha viu-os passar e subir a escada. Foi uma rapida alternativa de frio e de calor, de tremor e de immobillidade, de medo e de coragem; veio-lhe outra vez á lembrança o pontapé paterno: era o termo constante de compensação para todos os seus soffrimentos.

Emquanto o Vidigal e os granadeiros varejavão a casa em que havião entrado, Leonardo punha-se longe, e em quatro

percebido pela conversa que com elle tentára travar o grana-deiro.

O major Vidigal fôra ás nuvens com o caso: nunca um só garoto, a quem uma vez tivesse posto a mão, lhe havia podido escapar: e entretanto aquello lhe viera pôr sal na moleira; offendê-lo em sua vaidade de bom commandante de policia, e degrada-lo diante dos granadeiros. Quem pregava ao major Vidigal um logro, fosse qual fosse a sua natureza, ficava-lhe sob a protecção, e tinha-o comsigo em todas as occasiões. Se o Leonardo não tivesse fugido, e arranjasse depois a soltura por qualquer meio, o Vidigal era até capaz, por fim de contas, de ser seu amigo; mas tendo-o deixado mal, tinha-o por seu inimigo irreconciliavel enquanto não lhe dêsse desforra completa.

Já se vê pois que as fortunas do Leonardo redundavão-lhe sempre em mal; era realmente um mal naquelle tempo ter por inimigo o major Vidigal, principalmente quando se tinha, como o Leonardo, uma vida tão *regular* e tão *licita*.

Veremos agora o que se passou na casa em que entrára o Vidigal com os granadeiros em procura do Leonardo.



CAPÍTULO XIII.

O VIDIGAL DESAPONTADO.

O major Vidigal, vendo-se logrado, deu urros; e, como já fizemos sentir aos leitores, prometeu a si mesmo tomar seria vingança do Leonardo.

— Ora, dizia elle comsigo, gastar meu tempo nesta vida, gastâr os meus miolos a pensar nos meios de dar caça a quanto vagabundo gyra por esta cidade, conseguir, á custa de muitos dias de fadiga, de muitas noites passadas sem pregar olho, de muita carreira, de muito trabalho, fazer-me timido, respeitado por aquelles que a ninguem temem e respeitão, os vadios e peraltas; e agora no fim de contas vir um melque-trefezinho pôr-me sal na moleira, envergonhar-me diante destes soldados e de toda esta gente! Agora, não ha garoto por ahi que, sabendo disto, não se esteja a rir de mim, e não conte já com a possibilidade de me pregar um segundo mono como este !...

O major tinha razão: rião-se com effeito delle; e os primeiros que o fazião erão os granadeiros. Apesar de que, esca-

vos da disciplina, empregavão os mais sinceros esforços para coadjuva-lo; e apesar tambem de que revertia para elles alguma gloria das façanhas do major, não puderão entretanto deixar de achar graça no que acabava de succeder, pois concebião a presumpção do Vidigal, e repararão na cara desapontado com que elle havia ficado. Depois, apenas o major poz pé fóra da soleira da casa onde lhe tinha escapado Leonardo, uma multidão immensa que tudo havia presenciado desatou a rir estrondosamente.

— Então, Sr. major, dizia-lhe um dos da turba desta vez

Passarinho foi-se embora,

Deixou-me as pennas na mão.

— Sr. major, dizia outro, procure nos bolsos.

— Dentro da barretina, emendava outro.

— Atrás da porta, replicava aquelle.

E um côro de risadas acompanhava cadaum destes conselhos

— Lá está o bicho dentro da cadeirinha! gritou um repentinamente.

O Vidigal, como que instinctivamente, correu á cadeirinha e abriu-lhe as cortinas.

Nessa occasião as risadas forão homericas: o major comprehendeu então qual fóra o meio por que lhe escapára o Leonardo, e soltou um —ah!— prolongadissimo. Emfim retirou-se acabrunhado, e ruminando projectos para sua reabilitação.

— Se aquelles rapazes da Conceição, dizia consigo o Vidigal, que me forão levar a nota do tal malandro, me tivessem avisado que elle era desta laia, eu não teria passado por esta immensa vergonha.

Por estas palavras veem os leitores que as imputações de Vidinha contra os primos tinham mais que muito fundamento. Com effeito, o que se acabava de passar não era senão o resultado do ajuste que no dia da grande briga, por aquelle motivo que o leitor bem sabe, haviam feito os dous rivaes: tinham elles malsinado ao Leonardo. Forão ter com o Vidigal, e sem precisar mentir armárão ao Leonardo uma cama muito bem feita: era um homem sem officio nem beneficio, vivendo á custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas, a quem não tinha aproveitado a experiencia, e, o que é mais, roubando aos primos o amor de sua prima.

O Vidigal regalára os olhos ouvindo a narração, e ficára muito agradecido aos dous rapazes pela nova que lhe levárão: era mais um pendão que ia juntar aos louros de suas façanhas policias. A primeira tentativa custou-lhe porém bem caro.

Eis-aqui pouco mais ou menos as reflexões em que o major ia engolfado:— Nada lhe seria mais agradável do que dia mais dia menos, quando ninguem pensasse em tal, acompanhado de uma escolta de granadeiros, dirigir-se á casa das duas velhas, cerca-la, e pilhar o Leonardo sem que lhe pudesse escapar. Isto porém repugnava ao seu orgulho offendido. Muitas vezes se tinha, é verdade, servido desse meio, porém fôra isso para poder pilhar a capadócios de longa data, tidos e havidos como taes, e velhos no officio. Não queria pois servir-se do mesmo meio para agarrar um recruta no officio, que ainda agora começava. Nada, tal não fazia; não havia fazer cerco, e o que é mais, não queria de modo algum o adjutorio dos granadeiros; jurava a si mesmo que elle so-

zinho, sem o apoio de ninguém, havia de pôr a mão no Leonardo.

Ia o Vidigal entrando na Casa da Guarda, para onde se dirigia, depois da derrota, quando sentiu-se repentinamente agarrado pelas pernas, e viu a seus pés uma mulher de mantilha que chorava, soluçando muito, com o lenço no rosto.

— Que é isto, senhora? Deixe-me. Ora isto hoje é dia de má sina.

Continuárão os soluços por unica resposta.

— Senhora, deixa-me ou não as pernas? Eu não gosto de carpideiras.... entende?

Soluços ainda.

— Ora não está má esta.... Se lhe morreu alguém, vá chorar na cama, que é logar quente

Redobrou o pranto.

Valhão-me trezentos diabos!.... Quando é que isto terá fim?.... Esta mulher acaba por atirar-me no chão....

Estava já muita gente junta na porta.

Passado finalmente um pouco de tempo em silencio, quando já o major estava disposto a empregar alguma medida de rigor para ver-se livre da carpideira, esta ergueu a cabeça, e tirando o lenço da cara exclamou entre lagrimas:

— Sr. major, solte, solte por quem é meu afilhado, solte, solte o pobre rapaz; elle é um doído, é verdade, mas....

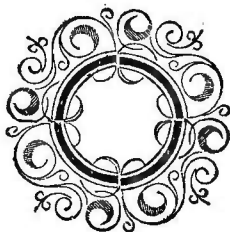
E os soluços lhe embargárão muito a proposito a voz.

Era a comadre que, tendo sabido da prisão do afilhado, viera fazer em seu favor aquella choradeira, ignorando que elle se tivesse evadido. A scena produziu o effeito esperado. Os granadeiros, de cada vez que a comadre dizia—solte, sol-

te—desatavão a rir; tendo por boca pequena explicado tudo aos demais circumstantes; estes os acompanhavão.

O major tomou tudo aquillo como um escarneo que o genio da vadição e do garotismo lhe fazia: era mister que elle, para ver-se livre da comadre, que não lhe largava os joelhos, declarasse por sua propria boca, diante de toda aquella gente, que o Leonardo havia fugido! Declarou-o, e fugiu de todos aquelles olhares, em cada um dos quaes via um insulto.

A comadre, apenas ouviu a declaração, tratou de retirar-se, e não pôde tambem deixar de achar graça no caso.



CAPITULO XV.

CALDO ENTORNADO.

A comadre, tendo deixado o major entregue á sua vergonha, dirigira-se immediatamente para a casa onde se achava Leonardo para felicitá-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigal. O Leonardo contava com isso, e não se admirou; Vidinha porém e as duas velhas, por entre muita praga e esconjuro, derão grandes risadas á custa do major. A comadre, segundo seu costume, aproveitou o ensejo, e depois que se aborreceu de fallar no major desenrolou um sermão ao Leonardo, no qual, algumas exagerações de parte, havia grande fundo de justiça; e tanto que até a propria Vidinda chegou a dar-lhe inteira razão quanto a alguns trechos. O thema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma occupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim; porém sujeita a emergencias taes como a que acabava de dar-se. A sancção de todas as leis que a prégadora impunha ao seu ouvinte erão as garras do Vidigal.

— Haveis de afinal cabir-lhe nas unhas, dizia ella no fim

de cada período; e então o covado e meio te cahirá também nas costas.

Esta idéa do covado e meio fez brecha no espirito do Leonardo: ser soldado era naquelle tempo, e ainda hoje talvez, a peor cousa que podia succeder a um homem. Prometteu pois sinceramente emendar-se e tratar de ver um arranjo em que estivesse ao abrigo de qualquer capricho policial do terrível major. Achar porém occupação para quem nunca cuidou nella até certa idade, e assim de pé para mão, não era das cousas mais faceis.

Entretanto o zelo da comadre poz-se em actividade, e poucos dias depois entrou ella muito contente, e veio participar ao Leonardo que lhe tinha achado um exellente arranjo que o habilitava, segundo pensava, a um grande futuro; e o punha perfeitamente coberto das iras do Vidigal; era o arranjo de servidor na ucharia real. Deixando de parte o substantivo ucharia, e attendendo só ao adjectivo real, todos os interessados e o proprio Leonardo regalarão os olhos com o achado da comadre. Empregado da casa real! oh! isso não era cousa que se recusasse; e então empregado na ucharia! essa mina inexgotavel, tão farta e tão rica!... A proposta da comadre foi aceita sem uma só reflexão contra, da parte de quem quer que fosse.

Como a comadre pudera arranjar semelhante cousa para o afilhado, é isso que pouco nos deve importar.

Dentro de poucos dias achou-se o Leonardo installado no seu posto, muito cheio e contente de si.

O major, que o não perdia de vista, soube-lhe dos passos, e mordeu os beiços de raiva quando o viu tão bem aquartel-

fado; só deixando a vida que levava podia o Leonardo cortar ao major pretextos para pôr-lhe a unha mais dia menos dia.

— Se elle se emenda?! dizia pezaroso o major; se elle se emenda perco eu a minha vingança.... Mas... (e esta esperança o alentava) elle não tem cara de quem nasceu para emendas.

O major tinha razão: o Leonardo não parecia ter nascido para emendas. Durante os primeiros tempos de serviço tudo correu ás mil maravilhas; só algum mal intencionado poderia notar em casa de Vidinha uma certa fartura desusada na despensa; mas isso não era cousa que alguém fizesse conta.

O Leonardo porém parece que recebêra de seu pai a fatalidade de lhe provirem sempre os infortúnios dos devaneios do coração.

Dentro do pátio da ucharia morava um *toma-largura* em companhia de uma moça que lhe cuidava na casa; a moça era bonita, e o *toma-largura* um machacaz talhado pelo molde mais grotesco; a moça fazia pena a quem a via nas mãos de tal possuidor.

O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve como todos, pena da moça; e apressemo-nos a dizer, era tão sincero esse sentimento que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objecto d'elle. Quem pagou o resultado da pena de um e da gratidão da outra foi o *toma-largura*.

Vidinha lá por casa começou a estranhar a assiduidade do novo empregado na sua repartição, e a notar o que fosse de esmorecimento de sua parte para com ella.

Um dia o *toma-largura* tinha sahido em serviço; ninguém esperava por elle tão cedo; erão 11 horas da manhã. O Leonardo, por um daquelles milhares de escaninhos que existem na ucharia, tinha ido ter á casa do *toma-largura*. Ninguém porém pense que era para máos fins. Pelo contrario era para o fim muito louvavel de levar á pobre moça uma tijella de caldo de que ha pouco fôra mandado a el-rei...

Obsequio de empregado da ucharia. Não ha aqui nada de censuravel. Seria entretanto muito digno de censura que quem recebia tal obsequio não o procurasse pagar com um extremo de civilidade: a moça convidou pois ao Leonardo para ajuda-la a tomar o caldo. E que grosseiro seria elle se não aceitasse tão bello offerecimento? Aceitou.

De repente sente-se abrir uma porta: a moça, que tinha na mão a tijella, estremece, e o caldo entorna-se.

O *toma-largura*, que acabava de chegar inesperadamente, fôra a causa de tudo isto. O Leonardo correu precipitadamente pelo caminho mais curto que encontrou; sem duvida em busca de outro caldo, uma vez que o primeiro se tinha entornado. O *toma-largura* corre-lhe tambem ao alcance, sem duvida para pedir-lhe que trouxesse desta vez quantidade que chegasse para um terceiro.

O caso foi que dahi a pouco ouviu-se por dentro barulho de pratos quebrados, de moveis atirados ao chão, gritos, alarido; viu-se depois o Leonardo atravessar o pátio da ucharia á carreira, e o *toma-largura* volta com os galões da farda arrancados, e esta com uma aba de menos.

No dia seguinte o Leonardo foi despedido da ucharia.

CAPITULO XVI.

CIUMES.

No dia seguinte já o Vidigal sabia de cór e salteado tudo quanto havia succedido ao Leonardo, e pôz-se áleria, pois que a occasião era opportuna.

O Leonardo entrára para a ueharia com o pé esquerdo: a tormenta por que havia passado nada foi em comparação da que lhe cabiu nas costas, quando em casa se soube da causa verdadeira de sua sahida.

E' uma grande desgraça não corresponder a mulher a quem amamos aos nossos affectos; porém não é tambem pequena desventura o cahirmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça querer-nos bem devéras. O Leonardo podia dar a prova desta ultima verdade. Vidinha era ciumenta até não poder mais: ora, as mulheres teem uma infinidade de maneiras de manifestar este sentimento. A umas dá-lhe para chorar em um canto, e chorão ahi em ar de graça diluvios de lagrimas: isto é muito commodo para quem as tem de soffrer. Outras recorrem ás represalias, e nesse caso des-

bancão incontinente a quem quer que seja: esta maneira é seguramente muito agradável para ellas proprias. Outras não usão da mais leve represalia, não espremem uma lagrima, mas assim por um espaço de oito ou quinze dias, desde que desponta a aurora, até que cahe a noite, resmungão um calendarlo de lamentações, em que entrão seu pai, sua mãe, seus parentes e amigos, seu compadre, sua comadre, seu dote, seus filhos e filhas, e tudo por ali além; isso sem cessar um só instante, sem um segundo de descanso: de maneira a deixar na cabeça do misero que a escuta uma asuada eterna, capaz de fazer amollecere um cerebro de pedra. Outras entendem que devem affectar desprezo e pouco caso: essas tornão-se divertidas, e faz gosto vê-las. Outras enfim deixão-se tomar de um furor desabrido e irreprimivel; praguejão, blasphemão, quebrão os trastes, rompem a roupa, espancão os escravos e filhos, descompeem os vizinhos: esta é a peor de todas as manifestações, a mais desesperadora, a menos economica, e tambem a mais infructifera. Vidinha era do numero destas ultimas.

Apenas pois, como ha pouco diziamos, se verificou a verdadeira causa da sahida de Leonardo, desabou um temporal que só terá semelhante no que ha de preceder ao aniquilamento do globo. Depois de gritar, chorar, maldizer, blasphemar, ameaçar rasgar, quebrar, destruir. Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução:

— Minha mãe, disse dirigindo-se a uma das velhas, quero a sua mantilha...

— Filha de Deus, acudiu a velha que desatino é esse? onde é que ides agora de mantilha?...

— Eu cá sei onde vou... quero a sua mantilha... tenho dito... quero a sua mantilha...

Forão todos reunindo-se em roda de Vidinha, sorprendidos por aquella resolução.

O Leonardo estava sentado, ou antes encolhido a seu canto, quedo e silencioso.

— Quero a sua mantilha, minha mãe; quero, e quero.....

— Mas para onde ides, rapariga?... Ora, meu Deus!... isso foi cousa que vos fizerão...

— Quero ir á ucharia...

— Jesus!...

— Quero ir... que me importa que seja casa do rei?... Hei de ir... hei de procurar o tal *toma-largura*... quero fazer-lhe cá duas perguntas... e, ou o Menino-Jesus não é filho da Virgem, ou na tal ucharia não fica hoje cousa sobre cousa.

— Que loucura, rapariga... que desatino!...

Os dous primos rião-se interiormente do que se estava passando.

Não ha cousa mais eminentemente prosaica do que uma mulher quando se enfurece. Tudo quando em Vidinha havia de requebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desaparecido; estava feia, e até repugnante.

Ninguém houve que a pudesse desviar do seu proposito: ella foi tomando a mantilha e dispondo-se a sahir; rogos, choros, nada a pôde conter.

O Leonardo viu que o caso estava mal parado, e tendo estado até então calado, decidiu-se tambem a pedir a Vidinha

que não soubesse. Foi, como se costuma dizer, peor a emenda que o soneto.

— Qual!... responde Vidinha.... essa agora é que havia de ser bonita. .. Qual! pois eu não hei de sahir?... Tinha que ver.... então por pedido do senhor? Ora qual....

E foi sabindo.

Começava a anoitecer.

A gente de casa ficou toda na maior afflicção; ninguém sabia o que se havia de fazer. O Leonardo tomou a resolução de acompanhar Vidinha a ver se a detinha em caminho.

Vidinha caminhava tão depressa que a principio o Leonardo quasi que a perdia de vista; finalmente conseguiu alcança-la, e começou a pedir-lhe que voltasse, fazendo as maiores promessas de comeder-se dali em diante, e de lhe não dar mais motivos de desgosto. Vidinha porém a nada attendia, e caminhava sempre. O Leonardo recorreu a ameaças; Vidinha redobrou a passos: voltou de novo a rogativas; Vidinha caminhava sempre.

Já estavam no largo do Paço: Vidinha, quasi a correr, deixou o Leonardo umas poucas de braças atrás de si, entrou muito adiante d'elle pelo portão da ucharia a dentro, e desapareceu. O Leonardo parou um instante a resolver-se se entraria tambem ou não. Finalmente decidiu-se a entrar. No momento em que ia transpondo a soleira do portão, voltou repentinamente, e ia disparando uma carreira: uma mão magra, mas vigorosa, o deteve agarrando-o pela golla da jaqueta: era a mão do major Vidigal, com quem elle havia esbarrado ao querer entrar, e de quem pretendia fugir. Vendo que lhe seria inutil qualquer tentativa, porque

ali perto havia guarda, o Leonardo resignou-se. O major olhou para elle soltando uma risadinha maligna, e disse-lhe apenas muito pausada e descansadamente:

— Ora vamos.....

O Leonardo entendeu bem a significação daquellas duas palavras, e caminhou, ao lado do major, na direcção que este lhe indicava.



CAPITULO XVI.

FOGO DE PALHA.

Deixemos o Leonardo seguindo seu destino acompanhado do major Vidigal, e vamos ver o que se passou na ucharia depois de sua prisão. Vidinha indagou aqui, indágou ali, e lá entrou como um raio pela casa do *toma-largura*. A moça do *caldo*, achando-se nessa ocasião descuidada, soffreu um grande susto com a chegada de Vidinha, que, conhecendo por instincto ser aquella a causa de seus males, foi largando a mantilha sobre uma cadeira e investindo para ella.

— Venho aqui, disse, para lhe dizer mesmo na cara que Vm. é uma creatura sem sentimentos...

A moça não podendo atinar com a significação daquillo, ficou pasma e sem saber o que havia de responder.

Vidinha proseguiu:

— Não tem sentimento, digo-lh'o, e ninguém me ha de desdizer.

— Vamos ver que diabo de historia é esta bradou uma voz de estentor.

Era o *toma-largura* que, achando-se em casa naquella occasião, e tendo ouvido as duas primeiras apostrophes de Vidinha, chegava para dar fé do que se passava.

Por mais arrogante que fosse a voz do *toma-largura*, e por mais ameaçadora que fosse a sua figura quasi herculea, Vidinha não recuou um passo, não desfez uma ruga da testa antes pareceu mostrar que a sua presença ali favorecia suas intenções; tanto que dirigindo a elle o foi logo apostrophando também pela seguinte maneira:

— E' Vm. um homem que eu não sei para que tras barbas nessa cara....

A surpresa, e mesmo também a figura de Vidinha, decomposta pela raiva, desarmarão-n'o um pouco; e respondeu mais mansamente:

— Então, menina, veio aqui só para dizer cousas assim tão bonitas? Quem a trouxe cá?

— Ora, quem me havia de trazer? respondeu Vidinha em tom de mofa, lançando para a terceira personagem desta scena um olhar significativo; ora, quem me havia de trazer?... Qual!... eu vim só ver se podia tomar um *caldo*!...

A moça do *toma-largura* empallideceu, este regalou os olhos, e abanou com a cabeça como quem dizia — entendo, — e quiz ficar immediatamente muito zangado com a recordação daquelle facto, que a humildade de sua companheira, e talvez mesmo o seu humor, tinha feito esquecer. Vidinha porém para dizer aquellas ultimas palavras tinha serenado um pouco o seu semblante, e ganhára muito em seus encantos desfigurados até então pela raiva; além disso, ao pronunciar o — qual — do costume, descerrára um ligeiro sorriso,

deixando ver seus magníficos dentes.

O *toma-largura* parecia pertencer talvez á familia dos Leonardos; enterneceu-se immediatamente, e não teve animo senão de sorrir-se e responder em tom desconcertado:

— Ora !...

— Ora, replicou Vidinha; e então, elle não diz — ora ? — Qual ! é preciso não ter pinga de vergonha: estas duas creaturas nascêrão uma para a outra: Deus os fez e o Diabo os ajuntou; uma *toma caldo* e o outro diz — ora....

E foi tomando a mantilha e tratando de sair.

Dera tudo em fogo de palha. Ella tinha esperado achar respostas energicas ás suas invectivas, e neste presuppuesto concertára mil planos de ataques, de defesa, de gritaria, de pancadas, de prisões, etc. Nada disto porém tinha succedido, e sem saber porque, ella mesma se sentia um pouco aliviada, quasi até mesmo satisfeita. Deu mais rajadas aos dous; explicou quem era, mas não disse o que queria. Afinal, sem nada ter feito sahiu dizendo:

— Ah ! pensavão que a cousa havia de ficar assim ? Disse-lhes poucas, porém boas....

O coração da mulher é assim; parece feito de palha; incendêa-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza que o mais leve sopro espalha e desvaneco.

O *toma-largura*, apenas a viu sair, em vez de proromper n'uma matizada contra sua companheira, como ella o esperava, pallida e tremula, mostrou-se até tranquillo, pretextou um afazer, e sahiu tambem immediatamente. Andava-lhe na cabeça um plano cuja realização faria, como se costuma

dizer, cahir a sopa no mel. Vidinha tinha-o encantado; o Leonardo o havia offendido; conquistar ainda que fosse uma diminuta parcella do amor da Vidinha, seria ao mesmo tempo vingar-se do Leonardo e alcançar o triumpho de um desejo. Por mais impossivel que lhe parecesse o negocio, nem por isso esmoreceu; era tenaz e paciente.

Chegando ao portão da ucharia indagou da sentinella a direcção que Vidinha tinha tomado, seguiu por ella, e em breve alcançou-a: acompanhou-a de longe para saber-lhe da morada, e viu-a entrar em casa.



CAPITULO XVIII.

REPRESALIAS.

Quando Vidinha chegou á casa achou ainda toda a familia no maior susto e confusão pelo desatino que ella acabava de praticar: as duas velhas, ao vê-la entrar, lançárão-se-lhe ao pescoço, e cobrirão-na de abraços, de beijos e de lagrimas. Ella estava ainda porém sob a influencia das emoções violentas por que acabava de passar, e não pôde corresponder áquellas provas de amizade; atírou-se sobre uma banquinha, e levou alguma tempo calada, sem dar a menor resposta ás mil perguntas que lhe erão dirigidas. Esse silencio mais augmentava a anciedade da familia: finalmente resolveu-se ella a rompêl-o, exclamando:

— Pensavão que o caso havia de ficar assim? enganárão-se... Qual!... eu quero que fiquem sabendo para quanto presto...

— Então, rapariga, foste fazer alguma asneira...

— Asneira... qual... fiz o que faz qualquer mulher que tem sangue na guelra... E agora venha elle para cá, que temos ainda contas a ajustar...

— É verdade, e elle que ainda não veio... já tinha tempo e chegar, pois partiu logo no vosso alcance...

— É verdade... accrescentou Vidinha com certo susto; na tal cova da ueharia não entrou elle; e quando de lá sahi não o vi mais...

— Não lhe vá ter succedido alguma cousa?... O major o jurou!...

— O major?... repetirão todas com os signaes do mais visivel susto.

E levantou-se de novo em casa a confusão, porque, como os leitores terão visto, apesar dos dissabores que o Leonardo causava áquella familia, todos ali, excepto os deus primos rivaes, querião-lhe muito e muito bem. Falar a qualquer dos deus primos para que o fossem procurar, era cousa de que ninguem se lembrava, tão certos estavam que elles se havião recusar. Tiverão pois de esperar que chegasse da rua o antigo sacristão da Sé para darem as providencias precisas.

Os leitores terão talvez estranhado que em tudo quanto se tem passado em casa da familia de Vidinha não tenhamos fallado nesta ultima personagem; temo-lo feito de proposiio, para dar assim a entender que em nada disso tem elle tomado parte alguma.

Causa remota e primordial de todos estes acontecimentos, pois foi em consequencia de sua amizade que o Leonardo se juntou á familia, por muito feliz se tem dado em que não tenham cahido sobre elle inculpações de que com difficuldade se poderia defender; homem de tacto, conservára uma posição absolutamente neutral em todas aquellas lutas. Eis-aqui

pois qual a causa do nosso silencio sobre elle.

Infelizmente naquella noite recolheu-se mais tarde que do costume, e quando chegou já não era tempo de fazer cousa alguma. Toda a familia passou a noite na maior anciedade, desvanecidos de certa hora em diante as esperanças de ver chegar o Leonardo a cada momento. Ninguém duvidava mais que alguma cousa tivesse succedido ao Leonardo, e nos quadros medonhos que cada qual imaginava, a figura do major Vidigal apparecia sempre em primeiro plano; ninguém tambem duvidava que no quer que fosse que houvesse succedido ao Leonardo, o major teria por força parte activa e importante, senão principal.

Assim ao amanhecer do dia seguinte o primeiro logar onde mandarão saber d'elle foi na casa da guarda. Mas, com surpresa geral, elle não se achava nella, nem sabião noticias suas; procurou-se em diversos outros pontos, e nada de novo, nem novas nem mandados. Por lembrança de Vidinha forão procurar a comadre, e informárão-se de todo o occorrido: a pobre mulher, que tudo ignorava, poz as mãos na cabeça:

— Aquelle rapaz nasceu em máo dia, disse ella, ou então aquillo é cousa que lhe fizerão; do contrario não póde ser...

E pôz-se logo a caminho a procurar o afilhado.

Na comadre estavam fundadas todas as esperanças; ninguém duvidava que apenas ella se puzesse na rua promptamente se saberia o destino do Leonardo. Enganárão-se todos, porque nem a propria comadre foi capaz de dar com elle por tão bom caminho o tinha levado o major. Passarão muitos dias na mais completa ignorancia a respeito do seu fim;

e começarão desde então a apparecer suspeitas de que elle proprio teria talvez interesse em occultar-se e de que era essa a causa por que ainda o não havião descoberto. Estas suspeitas tomárão vulto, e uma certa indignação começou a apparecer em toda a familia contra semelhante proceder. A indignação cresceu e tomou repentinamente proporções de odio intenso, até da parte das proprias duas velhas.

Realmente, a ser verdade o que pensavão, não haveria ingratição mais negra do que a do Leonardo para com aquella que tão benignamente o acolhêra. Nas inventivas a cada momento dirigidas contra elle, Vidinha tomava sempre o primeiro logar, e tinha razão para isso; além de ter contra elle as razões que tinham todos os outros, tinha ainda o despeito do amor offendido. Em certos corações o amor é assim, tudo quanto tem de terno, de dedicado, de fiel, desaparece depois de certas provas, e transforma-se n'um incuravel odio.

Uma cousa singular notára a Vidinha desde que fôra á ucharia, e é que não se passava depois disto um só dia em que ella não visse pelo menos duas vezes o *toma-largura*. Tinha-o ella mostrado á familia, e já todos o conhecião. A principio isso incommodou-a, e tanto mais que elle não passava uma só vez que lhe não tirasse o chapéo com ar risinho: parecia-lhe semelhante cousa uma prova de desabrida falta de vergonha. Mais tarde começou a suspeitar que aquella passagem constante e aquelles cumprimentos devião por força ter alguma explicação.

Aconteceu que uma das velhas, a mãe de Vidinha, confessasse não ter achado o *toma-largura* mal apessoados; e esta idéa passou a toda a familia. Um dia uma das velhas achan-

do-se na janella com Vidinha, na occasião em que passava o *toma-largura*, disse entre dentes, e como que indifferentemente.

— Se fosse comigo, bem sabia eu cá o que havia de fazer...

Vidinha, se bem que não pedisse explicação daquelle dito, não deixou contudo de dar-lhe attenção e de scismar nelle por algum tempo.

No dia seguinte a mesma velha chamou-a para a janella á hora do dia antecedente; e o *toma-largura* passou como sempre, e fez o seu cumprimento. A velha disse nessa occasião como completando o seu pensamento da vespera:

— Ora, eu pregava um mono ao tal Leonardo.... e então *este* que era bem pregado, por ser ao mesmo tempo aos dous, a elle e a *ella*.

Lendo na intimidade do pensamento da velha, com a nossa liberdade de contador de historias, diremõs ao leitor, que o não tiver adivinhado, que aquelle — *ella* — referia-se á moça do *caído*.

Dada esta explicação, os menos perspicazes entenderão sem duvida em que consistia o mono que a velha pregaria ao Leonardo.

Vidinha, que nada tinha de pouco intelligente, comprehendeu tudo ás mil maravilhas, e com tanto mais facilidade, digamo-lo aos leitores, quando talvez que o pensamento da velha correspondesse a seus proprios pensamentos. Repetirão-se depois disto mais algumas indirectas da parte da velha, e Vidinha chegou finalmente a explicações.

Pouparemos aos leitores certos detalhes, e diremos que o

resultado de tudo aquillo foi ver-se, poucos dias depois, o *toma-largura* em casa de Vidinha fazendo uma visita á familia !!...

As visitas continuárão, e pela visinhança começou a ouvir-se um rumor que tinha tanto de malevolos como de verdadeiro.

Estavão as cousas neste pé. A paz tinha sido restituída á familia. Não sei quem propoz que se solemnizasse o restabelecimento do socego e as *navas venturas* com uma sucia para fôra da cidade. Effectuou-se semelhante pensamento. Por uma singularidade escolhêrão para logar da patuscada os — Cajueiros, — onde a familia tinha feito conhecimento com o Leonardo.

O *toma-largura* fôra convidado, nem podia deixar de sê-lo porque era elle um dos motivos da festa. Infelizmente porém tinha elle um defeito: no estado ordinario costumava beber soffrivelmente; quando tinha algum motivo de alegria costumava dobrar a dóse, e quando isto succedia dava-lhe para valentão e desordeiro. Disto resultou que no meio da sucia, na occasião de jantar, deu-se por offendido, não sabemos porque, e começou por agarrar nas pontas da esteira que servia de mesa, e fazer voar sobre a cabeça dos convivas pratos, garrafas, copos e tudo o mais. Os dous primos quizerão contê-lo, mas não o conseguirão: Vidinha chorava, as velhas se maldizião; uns tentavão restabelecer a paz, e outros augmentavão a desordem. Reinava por consequencia uma algazarra infernal.

Quando menos o esperavão, viu-se surdir d'entre as moitas o major Vidigal fechando um circulo de granadeiros que

partião da sua esquerda e de sua direita, e que encerravão toda a sucia.

— Segura aquelle homem, granadeiro, disse o major a um dos seus soldados, apontando para o *toma-largura* que se achava em pé cambaleando, tendo n'uma mão um balaio em que viera a farinha, e na outra uma garrafa com que ameaçava os circumstantes.

A' ordem do major o granadeiro hesitou: toda a familia, reunindo-se em um grupo, soltou um grito de espanto apontando para o soldado.

— Então ! replicou o major vendo aquella hesitação.

O granadeiro deu um passo para o *toma-largura*.

— Devagar com a louça, camarada, bradou este; lembre-se que ainda não ajustámos contas a respeito daquelle *caldo*.

O *toma-largura* acabava de reconhecer no granadeiro o nosso amigo Leonardo, como toda a familia o tinha reconhecido apenas elle appareceu.

Era com effeito elle.



CAPITULO XIX.

O GRANADEIRO.

Estavão pois as contas ajustadas completamente entre o Leonardo e o *toma-largura*; havião-se vingado um do outro: o ultimo golpe na luta competira ao Leonardo: elle abençoou o acaso, e mesmo o major Vidigal, por lhe ter fornecido occasião de ir arrancar dos labios de seu rival a taça da ventura. Até quasi que estimou que lhe tivessem sentado praça; e bem dissemos nós que para elle não havia fortuna que não se transformasse em desdita, e desdita de que lhe não resultasse fortuna.

O *toma-largura*, como dissemos, fôra levado pelo Leonardo; e os leitores, familiarisados com o destino que tinham todos os prisioneiros do major Vidigal, adivinhão já que lhe indicárão o caminho da casa da guarda no largo da Sé. O estado em que elle se achava não permittiu porém que o levassem até lá. Os vapores que do estomago lhe tinham subido á cabeça forão-se pouco a pouco condensando, e em meio do caminho pesavão-lhe sobre o cabeça vinte arrobas;

a cabeça, não se podendo manter, abandonou-se ao tronco, que achando o peso excessivo, quiz appellar para as pernas estas porém não erão mais fortes, e, curvando-se tremulas e bambas, derão com o valentão de ainda ha pouco estirado na calçada. Os soldados não o puderão levantar, porque era, como dissemos a principio, de uma corpulencia colossal. Foi mister pois abandonar a presa: o major não teve grande difficuldade nisso, primeiro, pelo trabalho que daria qualquer outra resolução, segundo, porque se bem que da ultima classe, sempre era o *toma-largura* gente da casa real, e nesse tempo tal qualidade trazia comsigo não pequenas immundices.

O Leonardo tentou ainda alguns meios para que lhe não escapasse assim sem resultado mais estrondoso a primeira presa que fazia, pois era isto de máo agouro para o seu futuro militar; mas tambem sua mais bella vingança estava tomada.

Ficou pois o *toma-largura* abandonado na calçada.

Satisfaçamos agora em poucas palavras a curiosidade que teem sem duvida os leitores de saber o como chegára o Leonardo á posição em que se achava. Agarrado pelo major na porta da ucharia, como se sabe, fôra por elle em pessoa conduzido a logar seguro, donde só sahira para sentar praça no Regimento Novo. Todos os batalhões que havia na cidade tinham uma companhia de granadeiros, e havendo uma vaga na companhia do Regimento Novo, fôra o Leonardo escolhido para preenchê-la. Sabendo disto o major, reclamou-o para seu serviço (porque era dessas companhias de granadeiros que se tiravão soldados para o serviço policial,) pois

como homem experimentado naquellas cousas, presentira que elle lhe seria um valioso auxiliar. Até um certo ponto o major não se enganou. Com effeito o Leonardo, sendo naturalmente astuto, e tendo até ali vivido n'uma rica escola de vadiação e peraltismo, deveria conhecer todas as manhas do officio. Havia porém uma circumstancia que o empedia de prestar bons serviços, e era que com elle proprio, com suas proprias façanhas, tinha muitas vezes o major de gastar o tempo que lhe era preciso para o demais. O poder dos habitos adquiridos era nelle tal, que nem mesmo o rigor da disciplina lhe servia de barreira.

Contemos a primeira diabrura que lhe lembrou praticar depois que vestiu farda, e que foi tanto mais sensivel quanto a principio se mostrára um soldado por tal maneira sisudo que ia quasi adquirindo reputação de rigido.

Os gaiatos e suciantes da cidade, a quem o major Vidigal dava constantemente caça, lembrárão-se de immortalisar as suas façanhas por qualquer meio, e inventárão um fado com o seguinte estribilho nas cantigas.

Papai lélé, seculorum.

Nesse fado a personagem principal representava o major que, figurado morto, vinha estender-se amortalhado no meio da sala; as demais personagens cantavão-lhe em roda cantigas allusivas, que terminavão todas pelo estribilho que acima indicámos.

O major, que disto soubera, andava em busca de uma occasião opportuna para tirar desforra de semelhante gracejo, que dava a entender qual era, a seu respeito, o desejo dos que os tinham inventado. Teve um dia denuncia que n'uma

casa do morro da Conceição se preparava para essa noite um rigoroso — *Papai lêlé*, — e dispoz as cousas para pilhar os da roda em flagrante.

A' hora opportuna mandou dous ou tres granadeiros adiante, cada um por sua vez, para examinar o que havia, tendo combinado primeiramente um signal positivo e outro negativo para indicarem uns aos outros se havia ou não occasião e motivo de dar o assalto: estes signaes o granadeiro que devia approximar-se mais da casa communicaria ao que lhe ficasse immediato; este passaria adiante, o outro faria o mesmo até chegar ao logar em que estava o major; era um verdadeiro systema de sentinellas avançadas, como se se tratasse de uma grande campanha. No caso de ser dado o signal positivo, marcharião todos vagarosamente, e se reunirião para o assalto, dado o signal negativo, dispersar-se-hião em silencio, porque um dos maiores caprichos do major era nunca mostrar que havia sido logrado. Ao Leonardo coube a incumbencia de ser a vedeta mais proxima ao inimigo, e de dar o primeiro signal. Marchou pois adiante, e os companheiros postárão-se á espera. Esperárão por longo tempo, e cançarão de esperar; finalmente, quando já se ião dispondo a contravir ás ordens e abandonar o posto para procurar o Leonardo, ouvirão tres vezes seguidas um longo assovio, que era o signal negativo convencionado. Em virtude disto dispersárão-se exasperados, e forão depois reunir-se ao major embaixo da ladeira, no logar que dá para a entrada do Aljube. Ahi reunidos, esperárão muito tempo pelo Leonardo em que elle apparecesse. O major principiou a seismar com o caso; de novo e repentinamente deu ordem de subir

o morro. Subirão com effeito, e marchando desta vez o major adiante, forão ter á casa indicada. Com surpresa de todos, apenas se forão approximando virão luzes e ouvirão o zum-zum das violas e a toada das cantigas. Fervia dentro o fado rigoroso. Sem necessitar grandes precauções, porque todos parecião entregues á maior segurança, cercou o major a casa, e apanhou tudo, como se costuma dizer, com a boea na botija. Estava-se exactamente no ponto solenne da cerimonia.

Achava-se a personagem que representava o *Papai* amortalhado em um lençol, com a cabeça coberta, deitado no chão, e a chusma em roda a cantar e a dansar.

Quando o major bateu, e foi entrando, acompanhado da sua gente, ficou tudo gelado de medo: o sujeito que se achava amortalhado teve um grande estremeção, e ficou depois immovel, como se fosse de pedra, representando com mais propriedade do que talvez desejasse o papel de morto. Segundo seu costume, o major fez continuar por um pouco a brincadeira em sua presença. Depois começou a indagação das occupações de cada um, e, conforme o que colhia, os foi mandando embora, eu pondo de parte, para lhes dar melhor destino. Durante toda esta scena, que levou seu tempo, o amortalhado deixou-se ficar immovel, na mesma posição, com a cabeça coberta. Corrida toda a roda, disse-lhe o major:

— Olá, camarada da mortalha, então devéras você quer que o levem dahi para a cova?

Nem um movimento em resposta.

— Ah ! está morto; perdeu a falla; é natural. Silêncio profundo.

O major fez signal a um dos granadeiros, que tocou no sugeito com a ponta do camarão: nem assim porém elle sequer moveu-se. A um novo signal do major o granadeiro desandou-lhe uma tremenda lambada. Resuscitou com isso o morto, e pôz-se de um salto em pé. Procurou porém evadir-se por uma janella, conservando sempre a cabeça coberta: os granadeiros segurárão-no, e o major disse-lhe:

— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno: falle primeiro com a gente.

E tirando-lhe o panno da cara accrescentou:

— Ora vamos ver a cara do defunto....

Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos granadeiros, interrompeu o major. Descoberta a cara do *morto*, reconheceu-se ser elle o nosso amigo Leonardo !...



CAPITULO XIX.

NOVAS DIABRURAS.

Não sabemos se valeu ao Leonardo ser aquellá a primeira occasião em que incorria em castigo, tendo até então guardado a mais rigorosa observancia de todos os seus deveres, ou se a mesma audacia do facto lhe grangeára mais as sympathias do major; o caso foi que além das risadas, dos remosques dos camaradas e dos transes da meia hora que estivera amortalhado, nada mais lhe succedeu, com espanto de todos, e principalmente d'elle mesmo: o major dera daquelle modo uma grande prova de desusada benevolencia. Andou pois o Leonardo por alguns dias cabisbaixo e pensativo, como esmagado ao peso de grandes remorsos; os camaradas tiravão daquillo um partido immenso para metterem-no á bulha, e não o deixavão parar um só instante socegado na companhia

— Elle ainda não está bem resuscitado, dizia um passan-

do-lhe por perto.

— Qual ! dizia outro, elle já não é deste mundo.

— *Papai lêlé seculorum*, entoavão outros encôro.

A nenhuma destas cousas dava elle a menor resposta, e tinha nisso bom aviso, porque desse modo poupava aos desapiadados camaradas thema para novos remoqueos. Passados aquelles transes tudo foi esquecido, e as cousas entráram de novo em seus eixos ordinarios.

Um dia o major annunciou que tinha uma grande e importante diligencia a fazer.

Havia um endiabrado patusco que era o typo perfeito dos capadocios daquelle tempo, sobre quem ha muitos mezes andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado occasião de pilha-lo: sугейtinho cuja occupação era uma indecifrável adivinhação para muita gente, sempre andava entretanto mais ou menos apatacado: tudo quanto elle possuia de maior valor era um capote em que andava constantemente embuçado, e uma viola que jámais deixava. Gozava reputação de homem muito divertido, e não havia festa de qualquer genero para a qual não fosse convidado. Em satisfazer a esses convites gastava todo o seu tempo. Ordinariamente amanhecia n'uma sucia que começára na véspera, uns annos, por exemplo; ao sahir dahi ia para um jantar de baptisado; á noite tinha uma ceia de casamento. A fama que tinha de homem divertido, e que lhe proporcionava tão bellós meios de passar o tempo, devia-a a certas habilidades, e principalmente a uma na qual não tinha rival. Tocava viola e cantava muito bem modinhas, dansava o fado com grande perfeição, fallava *lingua de negro*, e nella cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, arremedava perfeitamente a falla dos meninos da roça, sabia milhares de adivinhações, e

finalmente,—eis-aqui o seu mais raro talento,—sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguém era capaz de imitar. Era por consequencia as delicias das espirituosas sociedades em que se achava. Quem dava uma sucia em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava sómente annunciar aos convidados que o Theotónio (era este o seu nome) se acharia presente.

Agora quanto á sua occupação ou meio de vida, que para muitos era, como dissemos, impenetravel segredo, o major Vidigal tanto fez que o descobriu: em dias designados da semana reunia-se no sotão onde elle morava certo numero de pessoas que levavão até alta noite ali mettidas: Theotónio era o banqueiro de uma roda de jogo.

Nesta conformidade andava o major a querer pilha-lo em flagrante; e como tentava isso desde muito sem que o pudes-se consêguir, por ser sempre illudida a sua vigilancia pela troca constante que fazião os da roda dos seus dias de reunião, resolveu pôr a mão no Theotónio na primeira occasião, e servir se depois delle para a captura dos outros companheiros.

Como os leitores estarão lembrados, o Leonardo, isto é, o Leonardo-Pataca, vivia com a filha da comadre; della tinha um descendente, a cujo nascimento nós os fizemos assistir. Pois apesar de haver já passado algum tempo, a criança ainda não estava baptisada. O Leonardo-Pataca, a instancias da comadre, que muito se affligia com aquella demora, determinou finalmente o dia que ella se devia fazer christã. Segundo os habitos immutaveis, havia sucia por essa occasião; e, segundo a moda, foi o Theotónio convidado. O major

soubera de tudo, e era exactamente ali que o esperava, e tinha determinado pilha-lo. Para isso dera aos seus soldados o aviso de que acima fallámos.

Era má sina do major ter sempre de andar desmanchando prazeres alheios; e infelicidade para nós que escrevemos estas linhas estar cabindo na monotonia de repetir quasi sempre as mesmas scenas com ligeiras variantes: a fidelidade porém com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga.

A' hora ajustada chegou o major á casa do Leonardo Pataca; como não havia o menor motivo para violencias, porque tudo corria na mais perfeita paz, o major entrou sòzinho, com previa permissão do Leonardo-Pataca, e assistiu ao divertimento. Quando elle chegou estava exactamente Theotónio em scena com as suas habilidades. Tendo esgotado já todas ellas, ia recorrer á ultima, que era a das caretas. E' preciso notar que elle não sabia só fazer caretas a capricho, sabia-as tambem fazer imitando, pouco mais ou menos, esta ou aquella cara conhecida: era isso o que fazia morrer de riso aos circumstantes.

Estavão todos sentados, e o Theotónio em pé no meio da sala olhava para um, e apresentava uma cara de velho; virava-se repentinamente para outro, e apresentava uma cara de tolo a rir-se asnaticamente; e assim por muito tempo mostrando de cada vez um typo novo. Finalmente, tendo já esgotado toda a sua arte, correu a um canto, collocou-se n'uma posição que padesse ser visto por todos ao mesmo tempo, e apresentou a sua ultima careta. Todos desatárão rir estrondosamente apontando para o major.

Acabva de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal.

O major mordeu os beiços percebendo a caçoada do Theotónio; e se já tinha boas tenções a seu respeito, ainda as formou melhor naquella occasião.

As risadas continuárão por muito tempo; e elle, não podendo affronta-las impassivel, e não havendo, como já fizemos sentir, motivo justo para um rompimento, achou mais conveniente retirar-se, e pondo-se em posição conveniente, esperar que a sucia se debandasse, para então convidar o Theotónio a ir fazer algumas caretas aos granadeiros na Casa da Guarda.

Sahio pois completamente corrido.

Encontrando os seus granadeiros que tinham ficado a pouca distancia, dirigiu-se ao Leonardo, e fez-lhe sentir que querendo a todo o custo naquella noite segurar o Theotónio, temia que os de casa desconfiassem disso e lhe dessem escapula por qualquer meio; era-lhe pois mister uma pessoa que o fosse vigiar de perto sem que despertasse suspeitas: essa pessoa devia ser o Leonardo.

— Sou mal visto em casa de meu pai, replicou este á proposta do major.

— E' hoje um bom dia de conciliação....

— Talvez não queirão receber-me....

— E sua madrinha que lá se acha ?...

— Mas a filha que é uma vibora contra mim ?...

— Vibora ou não, ha de ir; que quando manda a disciplina.... Não quero que aquelle valdevinos ande tomando impunemente a minha cara para original de caretas.

Os granadeiros, que conheciam o Theotônio e lhe sabiam da habilidade, comprehendêrão logo o que tinha succedido por aquelle dito do major, e desatârão por seu turno a rir. O Leonardo, por aquelle appello á disciplina, com a qual não se achava em muito bom pé de relações desde a noite do *Papai lélé*, venceu todas as difficuldades e repugnancia que manifestára no desempenho da missão de que o encarregára o major, e poz-se a caminho para a casa de seu pai.

Chegou e bateu: assim que de dentro lhe percebêrão as côres da farda e barretina houve um grito de medo, e por um movimento que parecia combinado (o major tinha razão) forão repentinamente apagadas todas as velas da sala, e começou a reinar uma confusão tal, que parecia haver-se travado uma luta entre todos.

O Leonardo viu nisso uma primeira contrariedade, porém não deixou de achar graça no susto que causára. Resolveu então fallar da parte de fóra para tranquillisar aos medrosos.

— Bom modo de ser recebido um filho em casa de seu pai! Para quarta-feira de trevas só lhe faltão as matracas....

A comadre, que ouvira e reconheçera a voz do afilhado, desatou a rir, exclamando:

— Vejão que logro! é o Leonardo; tragão as velas, gente: não ha novidade, que o cabo da guarda é nosso compadre.

— Aquelle brejeiro, resmoneou o Leonardo-velho, sempre ha de andâra fazer das suas: vejão que susto causou a toda essa gente O' amigo Theotônio, desça, que não ha novidade....

A luz da primeira vela que trazião viu-se descer por uma

porta o Theotonio do forro do quarto da sala onde se havia escondido.

Apenas pôz o pé em terra fez logo uma careta de medo, por tal fôrma expressiva, que houve em todos uma tremenda explosão de hilaridade. Começou a surdir gente de diversos cantos da casa, e em presença do Leonardo recomeçou a folia.

Algumas pessoas não deixarão de estranhar e receiar a presença do Leonardo naquella occasião e naquelles trajes logo depois da saída do major; porém a comadre a todos tranquilisou, dizendo que tendo elle obtido licença no quartel, por não estar de serviço naquelle dia, viera assistir ao baptisado de sua irmã.

— Elle é meio doudo, repetia ella a todos, mas é muito amoroso, e nunca se esquece da familia.

Leonardo confirmava esses protestos da comadre, e ia entretanto tomando parte na brincadeira, uma vez que contra as suas esperanças todos o havião recebido bem em casa. A proporção que se ia esquentando no prazer do fado e das cantigas começou o Leonardo a sentir remorsos pelo papel de judas que ali estava representando: quando olhava para o Theotonio, que desde que entrára lhe havia feito dar tão boas risadas, pungia-lhe o coração lembrando-se que elle proprio o havia de entregar ao major. Não poucas vezes lhe passou pela cabeça dar-lhe escapula avisando-o, porém a disciplina, o *Papai lêlé*, vinhão-lhe á idéa, e hesitava.

Emquanto era assaltado por estes pensamentos olhava repetidas vezes para o Theotonio.

Este que nada tinha de tolo, desconfiou da cousa: não sa-

bemos por que instincto leu o que pensava o Leonardo, e pôz-se em guarda.

O Leonardo tomou repentinamente sua resolução.

— Ora, adeus disciplina, disse consigo; hei de dar escapula ao homem, seja lá como fôr.

E do logar em que estava accrescentou alto:

— Ah! Sr. Theotónio, quer saber uma cousa? Pois se puzer o pé daquella porta para fóra, o major põe-lhe a unha, que para isso está elle á sua espera, e para aqui me mandou....

— O' diabo! exclamirão todos.

— Mas nada de sustos; tudo se ha de arranjar, que tenho eu boa vontade disto.

— Mas não te compromettas, rapaz, accrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo; olha que o major não é de graças, e dahi te pode vir mal.

— Ora, tenho pena delle só por aquellas caretas.

Juntárão-se então os dous, Leonardo e Theotónio, e juntos concertárão o seu plano de modo que este escapasse ao major, e que aquelle não fosse compromettido.

Estava já a noite muito adiantada, ordenárão os dous que sahisses ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante delles, foi correndo ter com o major.

— Ah! vem o bicho, Sr. major.

— Cérca, cérca! disse o major.

E cada um se dividiu para seu lado.

O major colou-se á porta de um corredor, e pôz-se d'olho aberta.

Veu-se approximando ao major um vulto assobiando.

tranquillamente o estribilho de uma modinha. Quando se achou em pequena distancia o major deu um salto donde estava e segurou-o.

Um ai franzino se fez ouvir, acompanhado de um:

— Me largue ! Que é isto ?

O major prestou attenção, não tendo reconhecido a voz do Theotonio, e viu que tinha segurado n'um pobre corcunda, aleijado, ainda em cima da perna direita e do braço esquerdo.

— Ora vá-se para o inferno, disse o major; suma-se daqui. Tambem não sei o que andão fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras.

O aleijado safou-se apressadamente livre do susto, e lá foi continuando a assobiar o seu estribilho.

Fez-se depois disto o mais profundo silencio, e o major não viu mais passar senão os convidados da patuscada, não vendo entre elles o Theotonio.

Então ardeu com o caso; e reunindo os granadeiros disse para Leonardo:

— Elle não sahiu.....

— Sahiu, replicou este; até de jaqueta branca e chapéo de palha: eu o vi tomar ali para a porta onde estava o Sr. major.

— De jaqueta branca e chapéo de palha? perguntou o major.

— Sim, senhor, e de calça preta: não o peguei porque logo vi que não havia de escapar ao Sr. major.

— Ah ! patife, patife, resmungou: destas nunca levei... Era o corcunda, o aleijado.....

— Elle sabe fazer muito bem de corcunda e de aleijado, disse um dos granadeiros; já o vi uma vez fazer isso, que era mesmo tal e qual.....

Era com effeito o Theotonio o aleijado que o major tinha segurado.

O Leonardo ria-se ás furtadelas do logro que levára o major.

Não tardou porém muito tempo que lhe não amargasse aquelle prazer, vindo o major a saber que tudo aquillo se fizera de combinação com elle.



CAPITULO XXI.

DESCOBERTA.

E' muito antigo dizer-se que ha uma cousa ainda peor do que um inimigo, e é um máo amigo. Um dos convidados do Leonardo-Pataca dizia-se muito amigo do Theotonio, e pelo empenho que o Leonardo mostrára em livra-lo das garras do major, protestára desde logo repartir com elle parte dessa amizade, sem que nenhum dos dous ficasse prejudicado. Poucos instantes depois desse protesto deu logo a primeira prova de que estava disposto a cumpri-lo.

Emquanto se passavão as scenas que acabamos de descrever tinha amanhecido: o major e sua gente punhão-se em retirada: ainda se achavão porém nas immedições do lugar onde se havia feito a tentativa para prender o Theotonio, quando o tal amigo a que nos referimos, que fôra um dos ultimos a retirar-se, encontrando a patrulha, e vendo que o Theotonio não ia no meio della, concluiu que os planos haviam sortido bem, e que o major ficára desta vez logrado. Teve por isso um accesso de alegria; e esquecendo a pre-

sença do major, correu ao Leonardo, abraçou-o, exclamando com arrebatado ímpeto:

— Bravo! como esta não fazes duas em toda a tua vida; foi limpa; *elle* ha de ficar-te obrigado para sempre, e eu com *elle*, porque sou seu amigo e teu tambem!

O Leonardo ficou estatico diante de semelhante imprudencia. O major, que ia cabisbaixo pensando no logro que acabára de levar, voltou-se repentinamente: a palavra *elle*, proferida pelo terrivel amigo, abriu luz a seus olhos. O Leonardo foi tirado do torpor em que se achava pela voz do major a dizer-lhe compassadamente:

— Recolha-se preso ao quartel.

A esta sentença o Leonardo ergueu do fundo d' alma tudo quanto havia ahi de despeito, de rancor, e lançou um olhar sobre o imprudente que a havia provocado, e que ainda muito senhor de si ápertava-lhe desapiadadamente a mão, que parecia não estar disposto a largar tão cedo.

Deixemos agora o Leonardo, victima de sua dedicação, caminhar preso para o quartel, e passemos a outras cousas. Ha muito tempo que não fallamos em D. Maria e na sua gente. Saibão os leitores que, passada a lua de mel, em que tudo forão rosas, o nosso José Manoel puzera, como se costuma dizer, as mangas de fóra, e taes cousas fez, que em poucos mezes estava tudo em guerra aberta: tinha se elle com sua mulher Luizinha mudado de casa de D. Maria, e por causa do dote vai, dote vem, herança daqui, herança dali, havia-lhe D. Maria proposto uma acção por tal sorte complicada, que era de desconfiar que não bastassem para ver-lhe o fim os dias que restavão de vida á pobre velha.

Tinha-se José Manoel tornado para Luizinha um verdadeiro marido-dragão, desses que só aquelle tempo os conta-lão perfectos, que são um supplicio constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão ás furtadelas; pelas frestas da rotula: então chorava ella aquella liberdade de que gozava outr'ora; aquelles passeios e aquellas palestras á porta em noite de luar; aquelles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de erioulinhas atrás; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquillo enfim a que não dava nesse tempo muito apreço, mas que agora lhe parecia tão bello e tão agradável. Tendo-se casado com José Manoel, para seguir a vontade de D. Maria, votava a seu marido uma enorme indifferença, que é talvez o peor de todos os odios.

Pois a vida de Luizinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior numero das moças que então se casavam: era por isso que as Vidinhas não eram raras, e que poucas familias haviam que não tivessem a lamentar um desgostozinho no genero do que soffreu aquella pobre familia, pue indo ao Oratorio de Pedra viera dizimada para casa, e cuja historia serviu de thema ás intrigas da comadre; quando quiz pôr a José Manoel fóra do lance.

Ora, é claro que tendo D. Maria ficado um pouco séria com a comadre por causa de toda aquella intriga que precedara ao casamento de José Manoel com sua sobrinha, agora, que estava com este de candêas ás avessas, se realtasse o laço da amizade que por um pouco afrouxára: succedia assim com effeito.

Um dia as duas encontráram-se na missa, tornáram-se a fallar; as desgraças do Leonardo, que fizeram thema a essa conversação, enternecerão a D. Maria, que por seu turno também referiu á comadre tudo quanto succedia agora á pobre Luizinha.

— Ai, senhora! dizia a comadre referindo-se a José Manoel, parece que me roncava cá o quer que seja quando via aquelle maldito; arrenego do homem que é um valdevinos ás direitas. Aquillo ha de levar a pobre menina á sepultura. Coitada! bem criada e mal fadada!

— Nunca pensei, creatura, nunca pensei que succedesse tal... Mas aquillo como era finorio! que palavrinhas doces! que santidade aquella! Agora, senhora, sou eu capaz de acreditar na historia da moça furtada no Oratorio de Pedra: elle tem bofes para tal... Mas hei de me ver vingada, oh! se hei de! tão certo como estar eu aqui: os desembargadores lá estão, que me hão de dar esse gosto espero isso em Deus.

Desta conversa, e do mais que se seguiu, nasceu a conciliação das duas.

Quando certas amizades são uma vez interrompidas, tendo mesmo soffrido um leve estremecimento, è difficil que voltem depois ao estado primitivo; com outras amizades acontece porém o inverso; os estremecimentos aproveitam, porque é facil a volta da paz, e parece que depois disto se tornão mais estreitas. A amizade que existia entre D. Maria e a comadre era deste ultimo genero. Portanto depois daquella conversa na missa, não só voltáram as relações entre as duas ao seu primitivo estado, como se tornáram mais que

nunca solidas. Dahi em diante não houve um só segredo entre as duas que não fosse mutuamente communicado, e ellas fizeram pacto de se ajudarem reciprocamente para dar remedio, uma aos males da sobrinha, outra ás diabruras do afilhado.

O Leonardo, como dissemos, achava-se preso; fizera dis-so sciente á madrinha, que se pôz logo em alvoroço, não só pelo facto em si, como pelo generoso motivo que o havia occasionado. O primeiro passo pois que tiverão a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de alcançar a soltura do Leonardo, e livra-lo do mais que (sabe Deus) lhe estaria preparado.

Vamos ver como se houverão em semelhante empenho.



CAPITULO XXII.

EMPENHOS.

O primeiro passo que deu a comadre foi dirigir-se á casa do major a entecer pelo Leonardo; o major porém mostrou-se inflexivel: o caso era grave, já não era o primeiro; a disciplina não podia ser impunemente offendida mais de uma vez; o castigo devia ser infallivel e grande. A comadre, que fôra cheia de boas esperanças, soube pelo major o que ignorava, o que nem mesmo suppunha: o Leonardo não só ficaria por mais tempo preso, como teria de ser chibatado... A pobre mulher, apenas lhe declarou isto o major, cahiu de joelhos, chorou, lamentou-se; tudo porém debalde. Sahiu desesperada, e com a mantilha cabida, toda em desalinho, correu, voou á casa de D. Maria. Ao vê-la entrar naquello estado, D. Maria ergueu-se da sua banquinha, e largou a almofada da renda.

— Que tendes, creatura? que tendes? exclamou. Santo Christo! o que é? Fallai!...

— Ai, Sra. D. Maria do meu coração! que desgraça! res-

pondeu a comadre: que má sina de rapaz... Ora veja o que me succede por ter feito uma boa acção!... E eu que soffro e que sinto como se fosse meu filho....

E os soluços a suffocárão.

— Falle, senhora, replicou D. Maria; falle, que me põe n'uma afflicção...

— Vai apanhar, D. Maria.... vai apanhar de chibata... elle... o Leonardo...

— Meu Deus, pobre rapaz: ora vejão tudo em que deu; é sina, coitado! aquelle rapaz não nasceu em bom dia; não comadre; isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma... Mas não fallou com o major? Que lhe disse elle?

— Duro como uma pedra, senhora; a nada se moveu: pedi-lhe pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santissima... tudo embalde, tudo em vão.

Está bom não se afflija, comadre; ainda ha um meio que eu penso que não ha de falhar: vamos á casa *dela*, que por lá é caminho certo; ella dá-se muito comigo, ha de pedir pelo moço.

— Já me tinha lembrado disso; mas na tribulação em que vinha tornou-me a esquecer; se com ella não se arranjar alguma cousa..... está tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ella*, e tem razão; vamos já satisfazê-los. O major era peccador antigo, e no seu tempo fôra daquelles de quem se diz que não derão o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje *alguma cousa* que ás vezes lhe recordava o passado: essa *alguma cousa* era a Maria-Regalada que morava na Prainha. Maria-Regalada fôra no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgar-

mente se diz: era de um genio sobremaneira folgazão, vivia em continua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto: dahi é que vinha o appellido—*regalada*—que havião iuntado ao seu nome.

Isto de appellidos, era no tempo desta historia uma cousa muito commum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figurão tenham esse appendice ao seu nome.

Dizem todos e os poetas jurão e tresjurão, que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a materia, e acreditamos hoje que não ha que fiar em poetas: chegámos por nossas investigações á conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o ultimo. O ultimo é que é o verdadeiro, porque é o unico que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina convenção-me do contrario, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lh'o na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis-Ahi porque falando da D. Maria e a comadre se mostrarão tão esperanças das a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquelle tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, erão uma mola real de todo o movimento social.

— Vai mandar apromptar a cadeirinha, disse D. Maria a uma de suas escravas.

— Vamos, senhora, vamos, que isto são os meus peccado-velhos.

D. Maria apromptou-se, metteu-se na sua cadeirinha; a comadre tomou a mantilha, e partirão para a Prainha.

Maria-Regalada recebeu-as com uma boa risada.

— Que milagre de Santa Engracia ! que fortuna ! que alegria ! O que a traz por aqui ? Isto é grande novidade !

— E' novidade, sim, respondeu D. Maria, porém triste novidade.

Com as honras do estylo, que não erão muitas naquelle tempo, foi a comadre apresentada, porque não era conhecida de Maria-Regalada. Primeiro D. Maria, depois a comadre, contarão, cada uma por sua parte, a historia do Leonardo com todos os detalhes, e depois de innumerados rodeios, que puzerão a arder a paciencia da ouvinte, e quasi a fizerão morrer de curiosidade, chegarão finalmente ao ponto importante, ao motivo que ali as levára; querião nada menos do que a soltura e perdão do Leonardo, e contavão para alcançar semelhante cousa com a influencia da Maria-Regalada sobre o major.

— Ora, disse esta tomando um ar de modestia, eu já não presto para nada... isso era bom n'outro tempo... agora... o major... as cousas estão mudadas, D. Maria... depois que elle se metteu na policia... nem mais nem hontem... quem sabe o que por lá vai !... Mas enfim, D. Maria, eu não sei dizer que não, tenho o coração assim, o sempre o tive... no meu tempo muita gente se aproveitou disto... Eu farei o que puder; vou fallar-lhe... talvez que elle me queira attender...

— Ha de attender, ha de, respondeu a comadre; elle já não está tão velho que se tenha esquecido de todo do tempore dantes.

— Veremos, veremos. A' Sra. comadre sabe lá o que são homens?!...

— Diga-me a mim... se sei!... acudiu esta promptamente.

— Mas então, atalhou D. Maria, o negocio requer toda a pressa, porque de um instante para outro podem chegar a farda ao corpo do pobre rapaz, e depois nem S. Antonio a tira.

— Não ha de haver novidade; ainda havemos chegar a tempo, com a graça de Deus. Para maior segurança vamos todas tres daquia á casa do maior, e cada uma por nosso lado faremos tudo para livrar o moço.

Maria-Regalada vestiu-se á pressa, tomou a sua mantilha, e ao lado da cadeirinha em que ia D. Maria partirão para a casa do major.



CAPITULO XXII.

AS TRES EM COMISSÃO.

Partirão pois as tres para a casa do major, que morava então na rua da Misericordia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a principio supposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as tres, correu apressado á camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivilidade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo á sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o hombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da afflicção em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos labios. Os cumprimentos da recepção passárão sem novidade. Na atropellação em que entrára o major a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado do seu negocio. Accrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade, e apenas se via cercado por mulheres, se

não era em logar publico e em circumstancias em que a disciplina pudesse ficar lesada, tornava-se um babão, como só se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davão então no fraco, se lhe fazião um elogio, se lhe fazião uma caricia por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavão delle tudo quanto querião; elle proprio espontaneamente se offerencia para o que podião desejar, e ainda em cima ficava muito obrigado. Comtudo, posto que a comadre soubesse já desta circumstancia com antecipação, ou o presentisse pelas apparencias, a gravidade do negocio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranquillisa-la. Dispôz-se para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, apesar de mais estranhas á sorte do Leonardo, nem por isso se ligavão menos á sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da commissão. O major percebem isto, e teve um lampejo de orgulho por ver assim tres mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para anima-las, arrastando sem querer os tamancos.

— Oh! de tamancos e farda não está má..... Senhoras donas, cousas de velho; no meu tempo não fazia eu destas....

— D. Maria que o diga, acudiu logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo fazer brecha fosse por onde fosse; mas não importa; o negocio é outro.....

— E' verdade, Sr. major, o bom tempo já lá foi.

— E Deos perdõe a quem delle tem saudades, retorquiu o major rindo-se com um riso rugoso de velha sensualidade.....

— Sim, sim, tornou a Maria-Regalada; mas deixe essas

cousas todas para logo....

— Ai creatura, acudiu D. Maria, que até então estivera calada, cançada talvez do numero prodigioso de misuras que fizera ao entrar; deixar cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu cá gosto bem quando acho....

— E' como eu, responde o major; em se me tocando cá nas feridas antigas....

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria-Regalada que venho aqui com estas senhoras donas, que o Sr. major bem conhece; e se não forão ellas cá não viera, pois o negocio é sério....

A comadrê achou occasião bem apanhada, e fez com a cabeça um signal de approvação.

— Vamos lá ver o que é o tal negocio sério, respondeu o major atinondo, pela presença da comadre, pouco mais ou menos com o que era, e pelo que fez um signal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porque realmente não quizesse abrir largas esperanças.

A interlocutora proseguiu:

— O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.

O major arqueou franzindo as sobrancelhas, e repuxou os beiços, como quem não concordava *intotum* com aquillo...

— Não me comece já com cousas, Sr. major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não ha razão para ser castigado, por causa de uma cousa nenhuma que fez... Isso não é razão, não, senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevinos; pois o Sr. major bem sabe que o padrinho quando morreu deixou-lhe alguma cousa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e elle por isso lie

vre da maldita farda, a quem sempre tive zanga (menos d-uma que bem-se sabe) se o pai que tem... mas deixemos o pri que não vem nada ao caso...

— Já sei de tudo, já sei de tudo, atalhou o major.

— Ainda não, Sr. major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que elle praticou naquella occasião quasi que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai...

— Mas um filho quando é soldado, retorquiu o major com toda a gravidade disciplinar...

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— Bem sei, mas a lei?

— Ora a lei... o que é a lei, se o Sr. major quizer ?...

O major sorriu-se com candida modestia. A discussão foi-se assim animando; porém o major nada de ceder, até pelo contrario parecia mais inflexivel do que nunca; chegou mesmo a pôr-se em pé e a fallar muito exaltadamente contra o attentado do Leonardo, e a necessidade de um severo castigo. Era engraçado vê-lo no bonito uniforme que indicámos, de pé, fazendo um sermão sobre a disciplina, diante daquellas tres ouvintes tão incredulas que resistião aos mais fortes argumentos.

Ainda porém não tinham as tres esgotado contra elle o ultimo recurso; puzerão-no pois em acção.

Quando mais influido estava o major, as tres, a uma só tempo, e como de combinação, desatarão a chorar... O major parou... encarou-as um instante: seu semblante foi-se visivelmente enternecendo, enrugando, e por fim desatou tambem a chorar de enternecido. Apenas as tres se aperse-

bêrão deste triumpho carregarão sobre o inimigo.

Foi então uma algazarra. uma choradeira sem nome, capaz de mover as pedras.

O major de enternecido foi passando a atordoado, e como que ficou envergonhado das lagrimas que lhe corrião pelas faces: enxugou-as, e procurou reassumir toda a sua antiga gravidade.

—Nada disse desembaraçando-se daz tres, e passeiando a passos largos pela sala; nada: que havião dizer de mim se me vissem aqui nestas choramingas de crianças? Eu, o major o Vidigal, a chorar no meio de tres mulheres!... Senhoras donas, o caso é grave, e não lhe vejo remedio; o exemplo, a disciplina, as leis militares.... nada, não póde ser....

E deu as costas ás tres, continuando a passeiar e a fazer resoar com força os tamances no assoalho.

Maria-Regalada disse baixo ás duas. em cujos semblantes já nem transluzia o mais pequeno vislumbre de esperança:

—Ainda não está tudo perdido.....

E dirigindo-se ao major accrescentou:

—Bem, Sr. major; aguas passadas não moem moinho.....

Qual passadas, senhora dona! mas bem vê que o caso é grave.....

-- Seja lá o que fôr, sinto ter perdido meus passos. e não servir a quem desejava; verdade seja que eu já contava com isso, e tambem não prometti.... Mas em ultimo logar quero sempre dizer-lhe uma cousa, mas ha de ser em particular.....

---Vamos lá, estou prompto.

Quem tivesse alguma perspicacia conheceria, não com grande facilidade, que o major estava ha muito tempo dis-

posto a ceder, porém que queria fazer-se rogado.

Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala, e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major, desanuviou o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

— Ora esta ! disse em voz baixa á sua interlocutora; pois era preciso fallar nisto ? Emfim.....

— Ora, graças que se lhe acabarão os sestros, respondeu Maria-Regalada em voz alta:

— Sim ?!... exclamarão as duas sorrindo de esperança.

— Eu bem dizia que o Sr. major tinha bom coração.....

— Eu nunca duvidei, apesar de tudo..... mas agora, o passado, passado; o caso era grave, como elle dizia, e foi um favor !.....

— Então, D. Maria ? Quem foi rei sempre teve magestade.....

— Magestade..... qual ! isso já não é para mim.....

O major atalhou esta explosão de gratidão que levava vises de ir longe.

— Hão de ficar ainda mais contentes comigo..... não lhes digo porque, mas verão.....

— Esta agora é que é grande; veremos o que será...

— Já sei: é.....

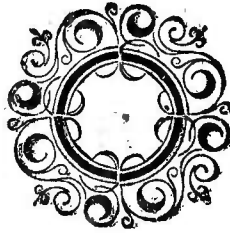
— Ha de ser por força.....

— Estou quasi adivinhando:

— Sabem que mais ? atalhou o major; são horas de uma diligencia a que não posso faltar..... O rapaz está livre de tudo; com tanto que, accrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito, dito.....

— Eu nunca faltei á minha palavra, replicou esta.

Retirárão-se as tres cheias do maior contentamento, e o
major sahiu depois tambem para cumprir a sua promessa,



CAPITULO XXIII.

A MORTE E' JUIZ.

D. Maria dirigiu-se immediatamente para casa na sua cadeirinha. Ao chegar notou grande rumor e alvoroço, e tratou logo de indagar a causa. Um escravo de sua sobrinha a esperava com uma carta. Apenas a leu, D. Maria, não diremos que se entristeceu, porém mostrou-se muito atrapalhada.

— Não entrem com a cadeirinha; esperem lá, que torno a sair.

E com effeito metteu-se de novo nella, e mandou que seguissem para casa de sua sobrinha.

O caso era o seguinte: José Manoel entrára para casa em braços, tendo sido acommettido na rua de um violento ataque apopletico ao voltar do cartorio, onde tivera uma grave contestação com o procurador de D. Maria, por causa da demanda que entretinhão. Luizinha, a coitada, vendo-se naquelles apuros, sem saber o que fizesse, despachára logo portador para casa de sua tia.

D. Maria apenas entrou mandou chamar o licenciado, que depois de examinar o doente declarou que era caso perdido. Fizerão-se entretanto algumas applicações, que não tiveram resultado algum.

— Estás viuva, menina, disse D. Maria alguma coisa compungida com a declaração do medico.

Luizinha pôz-se a chorar, mas como choraria por qualquer vivente, porque tinha coração terno.

Estavão presentes algumas pessoas da vizinhança, e uma dellas disse baixinho á outra, vendo o pranto de Luizinha:

— Não são lagrimas de viuva.....

E não erão, nós já o dissemos; o mundo faz disso as mais das vezes um crime. E os antecedentes? Por ventura ante seu coração fôra José Manoel marido de Luizinha? Nunea o fôra senão ante as conveniencias, e para as conveniencias aquellas lagrimas bastavão. Nem o medico nem D. Maria se havião enganado: á noitinha José Manoel expirou.

No dia seguinte fizeram-se os preparativos para o enterro. A comadre, informada de tudo, compareceu pezarosa a prestar seus bons officios, suas consolações.

O enterro sahiu acompanhado pela gente da amizade: os escravos da casa fizeram uma algazarra tremenda. A vizinhança pôz-se toda á janella, e tudo foi analysado, desde as argolas e galões do caixão até o numero e qualidades dos convidados; e sobre cada um desses pontos apparecêrão tres ou quatro opiniões diversas.

Naquelles tempos ainda se não usavão os discursos funebres, nem os necrologios, que hoje andão tanto em voga; escapámos pois de mais essa. José Manoel dorme em pa^z

no seu derradeiro jazigo.

Como havia promettido a comadre, alguém chegou quasi ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando elle entrou na sala D. Maria não pôde conter um grito de surpresa.

Vinha em completo uniforme de sargento da companhia do granadeiros !

— Como ! olhem o major. E então ?!

— E' verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo; a elle tudo devo.

Foi aquillo objecto de geral espanto. Ficarião todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo; e não só elle apparecia solto e livre, como até elevado ao posto de sargento, o que já não é no exercito pouca cousa.

O Leonardo começou a procurar com os lhos alguma cousa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava: era Luizinha. Ha muito que os dous se não vião; não puderão pois occultar o embaraço de que se achárão tomados. E foi tanto maior essa emoção, que ambos ficárão sorprendidos um do outro. Luizinha achou Leonardo um guapo rapagão de bigodes e suissa; elegante até onde pôde sê-lo, um soldado de granadeiros, com o seu uniforme de sargento bem assente. Leonardo achou Luizinha uma moça espigada, airosa mesmo, olhos e cabellos pretos, tendo perdido todo aquelle acanhamento physico do outr'ora. Além disso seus olhos, avermelhados pelas lagrimas, seu rosto empallidecido, se não verdadeiramente pelos desgostos daquelle dia, seguramente pelos antecedentes, tinham nessa occasião um toque de belleza melancolica, que em regra geral não devia prender muito a attenção de um sargento

de granadeiros, mas que enterneceu ao sargento Leonardo que, apesar de tudo, não era um sargento como qualquer. E tanto assim, que durante a scena muda que se passou, quando os dous derão com os olhos um no outro, passarão rapidamente pelo pensamento Leonardo os lances de sua vida de outr'ora, e remontando de facto em facto, chegou áquella ridicula mas ingenua scena da sua declaração de amor a Luizinha. Pareceu-lhe que tinha então escolhido mal a occasião, e que agora isso teria um logar muito mais acertado.

A comadre, que dava uma perspicaz attenção a tudo o que se passava, como que leu na alma do afilhado aquelles pensamentos todos; fez um gesto quasi imperceptivel de alegria: raiava-lhe na mente alguma idéa luminosa. Começou então a retrazar um antigo plano em cuja execução por muito tempo trabalhava, e cujas probabilidades de exito lhe havião reapparecido no que se acabava de passar.

Passada a primeira emoção, Luizinha ergueu-se e fez ao Leonardo um acanhado cumprimento: este correspondeu-lhe com alguma cousa entre cumprimento paisano e continencia militar.

A comadre rompeu depois disto a conversa, procurando entreter D. Maria, e deixar os dous entregues a si.

— Diga-me, disse ella dirigindo-se a D. Maria, e aquella sua demanda com o defunto?

— A morte foi desta vez juiz. Elle não tem herdeiros; era sò no mundo..... Eu não levei a minha *avanté*, é verdade, porque enfim não posso dizer que venci; mas tambem não perdi. Agora sim, tenho muito gosto de entregar tudo á menina, mas não queria que me levassem as cousas senão

por minha muito livre vontade.

— Está bem; o passado já lá vai: Deus é assim, escreve direito por linhas tortas.

E por ali adiante empenhárão-se na sua conversa. Os dous, depois de algum tempo de silencio, como já se tinham retirado todas as visitas, forão pouco e pouco, de palavra em palavra, travando dialogo, e conversavão no fim de algum tempo tão empenhadamente como a comadre e D. Maria com a differença que a conversa daquellas duas era alta, desbaraçada; a delles baixa e reservada.

Não ha nada que interrompida mais depressa se reate do que seja a familiaridade em que o coração é interessado. Não se estranhe pois que Luizinha e Leonardo a ella se entregassem.

E querem ver uma singularidade que ás vezes se repete? Depois que se fizera moça; e que tomára estado, nunca Luizinha tinha tido momentos de tão verdadeiro prazer como os que ali estava gozando naquella conversa, n'um dia de luto, quando acabava de saber o caixão que levára á sepultura aquelle que devia ter feito a sua felicidade. O Leonardo tambem por sua vez, nunca, no meio de todas as vicissitudes de sua vida extravagante, tinha tido instantes que tão rapidos lhe corressem do que aquelles em que via o objecto de seus primeiros amores sob o peso do infortunio em um dia de pranto.

Pois parece que estas mesmas circumstancias reavivárão o passado: a comadre folgava lá no seu lugar com tudo aquillo, e, parecendo prestar toda a attenção a D. Maria, não perdia uma só circumstancia.

Finalmente chegou a hora da retirada, não da comadre, que se offereceu para fazer companhia á viuva, porém de Leonardo, a quem esperava o major, porque era dia de serviço, e apenas tinha elle obtido licença para cumprir o duplo dever de dar os pezames a D. Maria, e agradecer o interesse que por elle havia tomado, fazendo por intermedio de Maria-Regalada que o major não só lhe alcançasse perdão do castigo que lhe era destinado, como também o accesso de posto que repentinamente tivera.

Luizinha involuntariamente estendeu á despedida a mão ao Leonardo, que lh'a apertou com força.

Ora, isto naquelle tempo era bastante para dar que fallar ao mundo inteiro!



CAPITULOXXV.

CONCLUSÃO FELIZ.

A comadre passou com a viuva e sua tia quasi todo o tempo do nojo, o acompanhou-as á missa do septimo dia. O Leonardo compareceu tambem nessa occasião, e levou a familia á casa depois de acabado o sacrificio.

Aquelle aperto de mão que no dia do enterro de seu marido Luizinha dera ao Leonardo não cahira no chão a D. Maria, assim como tambem lhe não escapárão muitos outros factos consecutivos a esse.

O caso é que não lhe parecia extravagante certa idéa que lhe andava na mente.

Muitas vezes, ao cahir de Ave-Maria, quando a boa da velha se sentava a rezar na sua banquinha em um canto da sala, entre um Padre-Nosso e uma Ave-Maria do seu bem-dito rosario vinha-lhe á idéa casar de novo a fresca viuvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada n'um mundo em que maridos, como José Manoel, não são difficeis de apparecer, especialmente a uma viuvinha apatacada.

Ao mesmo tempo que lhe vinha esta idéa lembrava-se de Leonardo, que amára a sua sobrinha no tempo da infância, e que era, apesar de extravagante, um bom moço, não de todo desarranjado, graças á benevolencia do padrinho barbeiro.

Verdade é que se não sabião bem ao contas que seu pai havia feito a esse respeito; mas como era cousa que constava de verba testamentaria, D. Maria nada via de mais facil do que propor uma demanda, cujo resultado não serio duvidoso.

Havia porém no meio de tudo uma circumstancia que lhe desconcertava os planos. O Leonardo era soldado. Ora, soldado, naquelle tempo, era cousa de metter medo.

Quando D. Maria chegava a este ponto de suas meditações, abandonava-as, e continuava o seu rosario.

A comadre fazia quasi exactamente os mesmos calculos por sua parte, e tambem só esta unica difficuldade se antolhava á realisação de seus planos.

Emquanto estas duas pensavão, os outros dous obravão.

Luizinha e Leonardo havião reatado o antigo namoro; e quem quizer ver cousa de andar depressa é ver namora de viuva.

Na primeira occasião Leonardo quiz recorrer a uma nova declaração; Luizinha porém fez o processo summario, aceitando a declaração de ha tantos annos.

Sem que os vissem, vião-se os dous muitas vezes, e dispunhão seus negocios.

Infelizmente occorria-lhes a mesma difficuldade: um sargento de linha não podia easar. Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dour

amavão-se sinceramente; e a idéa de uma união illegitima lhes repugnava.

O amor os inspirava bem.

Esse meio de que fallámos, essa caricatura da familia, então muito em moda, é seguramente uma das cousas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade.

Só essa difficuldade demorava os dous. Entretanto o Leonardo achou um dia o salvaterio, e veio communicar a Luizinha o meio que tudo remediava: podia ficar elle sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha, e passando-se no mesma posto para as Milicias.

A difficuldade, porém estava ainda em arranjar-se essa baixa e essa passagem: Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço.

Um dia em que estava sua tia a rezar no seu roزاری, justamente n'um daquellos intervallos de Padre-Nosso e Ave-Maria de que acima fallámos, Luizinha chegou a ella, e communicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo proceder sua narração da seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

—Para lhe obedecer e fazer-lhe o gosto casei-me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesma nova escolha.

Em breve, porém, conheceu que fôra inutil sua precaução, porque D. Maria confessou que de ha muito ruminava aquelle mesmo plano.

Combinárão-se pois as duas.

A bondade do major inspirava-lhes muita confiança, e combárão-se por isso de recorrer a elle de novo.

Forão ter com Maria-Regalada, que mesmo na vespera lhes tinha mandado dar parte que se mudára da Prainha e offerecia-lhes sua nova morada.

A comadre, de tudo inteirada, fez parte da comissão.

Quando entrárão em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes appareceu foi o major Vidigal, e, o que é mais, o major Vidigal, em habitos menores, de rodaque e tamancos.

— Ah! disse a comadre em tom malicioso apenas, appareceu a Maria-Regalada, pelo que vejo isto por qui vai bem...

— Não se lembra, responde Maria-Regalada, daquelle segredo com que obtive o perdão do moço? Pois era isto!..

A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que elle viesse definitivamente morar em sua companhia. Não attribuímos esta resistencia senão a *capricho* para não fazermos máo juizo de ninguem; o caso é que o major punha naquillo o maior empenho; teria lá suas razões.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fôra, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolencia deste para com o Leonardo, que fôra ao ponto de, não só disfarçar e obter o perdão de todas as suas faltas, como de aleargar-lhe aquelle rapido accesso de posto.

Fica tambem explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entrárão todos em conferencia. O major desta

vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influencia tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dous papéis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixára seu padrinho, que se achiava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensavel do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo á cerimonia a familia em peso.

Daqui em diante apparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

